

Luciana Dourado

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Aspectos Morfossintáticos
da Língua Panará (Jê)

UNICAMP – IEL
2001

i

Luciana Gonçalves Dourado

Aspectos Morfossintáticos
da
Língua Panará (Jê)

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do
Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Luci Seki

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

Fevereiro de 2001



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	D748a
V.	Ex.
TOMBO BC/	44808
PROC.	96-392102
C	☐
	D ☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	21/06/01
N.º CPD	

CM00157832-2

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL- UNICAMP**

	Gonçalves-Dourado, Luciana
D748a	Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê) / Luciana Gonçalves Dourado, Campinas SP: [s.n.], 2001.
	Orientador: Lucy Seki
	Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
	1. Índios - Línguas. 2. Língua panará - Gramática. 3. Língua panará – Morfologia. Incorporação. 4. Língua panará – Sintaxe. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Lucy Seki

Prof.ª. Dra. Lucy Seki - IEL (Unicamp) - Orientadora

Prof. Dr. Angel Corbera Mori - IEL (Unicamp)

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Ángelis- IEL (Unicamp)

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues - Universidade de Brasília

Prof.ª. Dra. Adair Pimentel Palácio - Universidade Federal de Pernambuco

Prof.ª. Dra. Maria Filomena Sandalo - IEL (Unicamp)
(Suplente)

Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos – Universidade Estadual de Londrina
(Suplente)

este exemplar e a redação final da tes.
defendida por *Luciana Gonçalves*

Donador

e aprovada pela Comissão Julgadora em
30/03/2001.

Aos Panará,

índios-gigantes na coragem e na resistência.

Gigantes que recusas
encarar-me nos olhos
apertar minha mão
temendo que ela seja
uma faca, um veneno,
uma tocha de incêndio;
gigantes que me foges,
légua após légua,
e se deixo os sinais
de minha simpatia,
os destróis: tens razão.
Malgrado meu desejo
de declarar-te meu irmão
e contigo fruir
alegrias fraternas,
só tenho para dar-te
em turvo condomínio
o pesadelo urbano
de ferros e de fúrias
em contínuo combate
na esperança de paz
- uma paz que se esconde
e se furta e se apaga
medusada de medo
como tu, akarore,
na espessura da mata
ou no espelho sem fala
das águas do Jarina.

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

à minha orientadora Lucy Seki, pelos anos de convívio no projeto de pesquisa das línguas do Xingu, pelas excelentes discussões e sugestões e, sobretudo, pela grande amizade;

à Marianne Mithun da Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, pelo incentivo e apoio, e pela generosidade intelectual;

aos professores Aryon Rodrigues, Lúcia Lobato, Mary Kato, Bernadete Abaurre, Charlote Galves, Maria Luiza Braga e Ingedore Koch que contribuíram de forma decisiva para a minha formação;

aos meus orientadores de área, os professores Jairo Nunes e Filomena Sandalo, que me apresentaram novas perspectivas teóricas;

aos meus colegas e amigos, Cristina Fargetti, Marci Martins, Maria Amélia Reis Silva, Frantomé Pacheco, Cilene Campetela e Jaqueline Brandão pelo convívio agradável dentro e fora das salas de aula. De forma bem particular, agradeço a Raquel Costa, Andrés Salanova, Lurdes Jorge e Rachel Guirardello, pelas valiosas sugestões no tratamento dos dados do Panará;

ao meu marido e aos meus filhos, pelo constante incentivo, pelo carinho e pela compreensão, quando dos meus momentos de ausência.

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos no Brasil (PICDT) e no exterior (Sandwich);

à Universidade de Brasília, por ter me dado a oportunidade de realizar meus estudos com total dedicação.

por fim, `a comunidade Panará pela cooperação e hospitalidade nas minhas estadas na aldeia, durante a pesquisa de campo, nos últimos doze anos. Agradeço, especialmente, ao meu informante, Kiompé Panará, sem o qual este trabalho dificilmente teria sido realizado.

RESUMO

Nesta tese são analisados aspectos da morfossintaxe da língua Panará (família lingüística Jê), falada por cerca de 210 índios que vivem atualmente na aldeia Nãsepotiti, às margens do rio Iriri Novo, na bacia fluvial do rio Xingu, no norte do estado de Mato Grosso. Os dados em que se baseou o estudo foram obtidos em trabalho de campo, realizado junto a falantes nativos, em diversos períodos de 1988 a 2000.

São focalizados, dentro de uma perspectiva tipológico-funcional os sistemas de marcação de caso e de concordância com suas implicações para os processos gramaticais, as classes de palavras, os tipos de sintagmas, as orações simples, os tipos de predicado, as sentenças complexas, as construções seriais, o sistema de classificadores e os fenômenos de incorporação nominal e posposicional.

Palavras-chave: 1. Língua Indígena; 2. Gramática; 3. Morfossintaxe; 4. Incorporação; 5. Aplicativa.

ABSTRACT

This dissertation presents the analysis of some aspects of the morphosyntax of the Panara language. This language is spoken by approximately 210 people living at Nãsepotiti village, on the banks of the Iriri Novo river, in Xingu fluvial basin in northern Mato Grosso. The data on which this analysis is based were gathered among the native speakers in several periods of field work from 1988 to 2000.

Under a typological-functional perspective the following issues were presented and discussed: case marking and agreement systems and their implication for the grammatical processes, word classes, phrases, simple clauses, types of predicate, complex sentences, serial constructions, classifier system, and the nominal and postpositional incorporation.

Key-words: 1. Indigenous Language; 2. Grammar; 3. Morphosyntax; 4. Incorporation; 5. Applicative.

SUMÁRIO

Capítulo 1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. A língua Panará.....	1
1.2. As línguas da família Jê.....	2
1.3. A história do povo.....	3
1.4. O projeto.....	7
1.5. Os dados.....	8
1.6. Metodologia.....	9
Capítulo 2. CLASSES DE PALAVRAS.....	11
2.1. Nomes.....	12
2.1.1. Estrutura do nome.....	17
2.1.2. Classificadores.....	23
2.2. Verbos.....	26
2.2.1. Categorias do verbo.....	26
2.3. Adjetivos.....	33
2.4. Advérbios.....	37
2.5. Pronomes.....	40
2.5.1. Pronomes pessoais livres.....	41
2.5.2. Pronomes clíticos.....	42
2.5.3. Pronomes demonstrativos.....	47
2.5.4. Pronomes indefinidos.....	49
2.5.5. Pronomes Interrogativos e Relativos.....	52
2.6. Posposições.....	53
2.7. Conjunções.....	55
2.8. Partículas.....	58
2.8.1. Partículas funcionais.....	58
2.8.2. Partículas evidenciais.....	60

Capítulo 3. SINTAGMAS.....	65
3.1. Sintagma verbal.....	65
3.2. Sintagma nominal.....	66
3.2.1. Sintagma nominal possessivo e outras expressões da posse.....	67
3.2.1.1 Posse inalienável.....	68
3.2.1.2 Posse alienável.....	70
3.2.1.3 Posse inerente.....	76
3.2.2. Modificadores do nome.....	78
3.3. Sintagma Adjetivo.....	80
3.4. Sintagma Posposicional.....	81
3.5. Sintagma Adverbial.....	82
 Capítulo 4. ORAÇÕES SIMPLES.....	85
4.1 Ordem dos constituintes.....	85
4.2 Sistema de marcação de caso.....	90
4.2.1 Sistema de caso na sintaxe.....	94
4.3 Principais tipos de predicado.....	97
4.3.1. Predicados nominais.....	97
4.3.2. Predicados verbais.....	102
4.4. Vozes: reflexiva, recíproca e média.....	107
4.4.1. Reflexiva.....	108
4.4.2. Recíproca.....	110
4.4.3. Média.....	111
4.5. Tipos de oração.....	112
4.5.1. Orações declarativas.....	112
4.5.1.1. Declarativas básicas.....	112
4.5.1.2. Declarativas focalizadas.....	113
4.5.1.3. Declarativas topicalizadas....	114

4.5.1.4.	Declarativas clivadas.....	115
4.5.2.	Orações negativas.....	116
4.5.3.	Orações interrogativas.....	123
4.5.3.1.	Interrogativas sim-não.....	123
4.5.3.2.	<i>Tag-questions</i>	126
4.5.3.3.	Palavras interrogativas.....	127
4.6.	Orações imperativas.....	133
Capítulo 5.	SENTENÇAS COMPLEXAS.....	137
5.1.	Construções seriais.....	138
5.1.1.	Classe de verbos seriais.....	142
5.1.2.	Processos de gramaticalização.....	146
5.2.	Complementação.....	149
5.2.1.	Complementação com serialização...149	
5.2.2.	Complementação com verbo finitos.151	
5.2.3.	Complementação com verbos não-finitos.....	154
5.3.	Construções causativas.....	155
5.4.	Orações relativas.....	162
5.4.1.	Relativização primária.....	163
5.4.2.	Relativização de objeto Indireto.....	164
5.4.3.	Relativização de oblíquo.....	168
5.4.4.	Relativas livres.....	169
5.5.	Orações Adverbiais.....	173
5.5.1.	Tipos de orações adverbiais.....	173
5.6.	Coordenação.....	181
5.7.	Construções comparativas.....	183
Capítulo 6.	INCORPORAÇÃO.....	185
6.1	.Incorporação nominal.....	185

6.1.1. Incorporação do ponto de vista funcional.....	187
6.1.1.1. Tipo 1. Composição lexical.....	189
6.1.1.2. Tipo 2. Alçamento de possuidor.....	190
6.1.1.3. Tipo 3. Incorporação no discurso.....	195
6.1.1.4. Tipo 4. Classificadores.....	196
6.1.2. Incorporação do ponto de vista sintático.....	197
6.2. Sistema de classificadores.....	204
6.2.1. Termos de classe e classificadores.....	206
6.3. Incorporação de posposições.....	210
6.3.1. Construções aplicativas.....	211
6.3.2. Posposições que não incorporam.....	217
6.3.3. Duplicação de posposições.....	219
Considerações finais.....	223
Bibliografia.....	225
Apêndice.....	233

ABREVIATURAS UTILIZADAS PARA AS FUNÇÕES GRAMATICAIS

ABL	ablativo
ABS	absolutivo
ADES	adessivo
ALA	alativo
BEN	benefactivo
CLAS	classificador
CLV	clivado
COM	comitativo
COMP	complementizador
CONJ	conjunção
DAT	dativo
DER	partícula derivacional
ERG	ergativo
EVD	evidencial
ESS	essivo
FIN	finalidade
FO	foco
ICOM	instrumental-comitativo
IMP	imperativo
IMPF	imperfectivo
INES	inessivo
INTR	intransitivo
INSTR	instrumental
INTF	intensificador
IRR	irrealis
LOC	locativo

MCOM	marcador de comparação
MAL	malefactivo
ME	média
NEG	negação
NOM	nominativo
NMZ	nominalização
PERF	perfectivo
PI	partícula interrogativa
PL	plural
POSS	posse
RC	relacional de contigüidade
REC	recíproco
RFLX	reflexivo
REAL	realis
RNC	relacional de não-contigüidade
SAdj	sintagma adjetivo
SAdv	sintagma adverbial
SG	singular
SN	sintagma nominal
SP	sintagma posposicional
TP	tópico

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar e descrever aspectos fundamentais da morfossintaxe da língua Panará que permitam um razoável conhecimento da sua gramática e possam propiciar as bases para trabalhos comparativos com línguas da mesma família lingüística. Também pretende-se que esta análise possa fundamentar a abordagem de aspectos pontuais da gramática, ainda não contemplados nesta tese, e de tópicos que, embora aqui descritos, careçam de um maior aprofundamento.

O trabalho compreende os seguintes aspectos da gramática da língua Panará: as classes de palavras (capítulo 2), os sintagmas (capítulo 3), as orações simples (capítulo 4), as sentenças complexas (capítulo 5) e a incorporação (capítulo 6).

1.1 A LÍNGUA PANARÁ

A língua Panará é atualmente falada por cerca de 210 indivíduos que vivem na aldeia Nãsepotiti, às margens do rio Iriri Novo, no estado do Mato Grosso, em uma área de aproximadamente 840.000 ha, remanescente do seu antigo território, que está sendo reivindicada para ser demarcada como reserva. Os Panará são, na sua maioria, monolíngües

Classificada como pertencente à família lingüística Jê (Rodrigues 1986), um ramo do chamado tronco Macro-Jê, o Panará figura ao lado de línguas como Kayapó, Suyá, Apinajé, as línguas Timbira e muitas outras. Contudo, o Panará apresenta características morfossintáticas muito peculiares, que o distinguem sobremaneira das demais línguas de sua família, como, por exemplo, o sistema de classificadores nominais, a incorporação nominal e posposicional e as construções seriais, ainda não atestadas nessas línguas. O sistema fonológico do Panará é constituído de 15 vogais (nove orais e seis nasais) e onze

consoantes. As informações sobre a fonologia, relevantes para o presente estudo, encontram-se no anexo 1.

Até julho de 1988, quando dei início ao trabalho de coleta de dados para a documentação e análise, a língua Panará ainda não tinha sido objeto de qualquer investigação científica.

Em abril de 1991, foi apresentado ao Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília, como dissertação de mestrado, o primeiro trabalho sobre a fonologia da língua (Dourado 1991). Daí para cá, foram produzidos alguns trabalhos sobre aspectos de sua fonologia e de sua gramática (Dourado 1992a 1992b, 1993a, 1993b, 1993c, 1997, 1998, 1999a, 1999b, 2000).

1.2 AS LÍNGUAS DA FAMÍLIA JÊ

Rodrigues (1999) apresenta uma classificação das línguas Macro-Jê e da família Jê. Esta ocupa as terras centrais da América do Sul, estendendo-se pelas planícies de cerrados e campos desde o Piauí e Maranhão até o Rio Grande do Sul. É constituída de 13 línguas, conforme tabela abaixo, sendo que algumas delas compreendem um ou mais dialetos, colocados entre parênteses, e outras já se encontram extintas, marcadas por †.

Família Jê

Nordeste	Norte	Centro	Sul
1. †Jaikó	2. Timbira (Canela Ramcokamekrã, Canela Apanyekrã, Gavião Piokobjé, Gavião Parakatejé, Krinkati, Krahô, Krejé). 3. Apinajé. 4. Kayapó (A'ukré, Gorotire, Kararaô, Kokraimoro, Kubenkraken, Menkragnoti, Mentuktire, Xikrin). 5. Panará. 6. Suyá (Tapayuna).	7. Xavante 8. Xerente 9. †Xakriabá 10. †Akroá	11. Kaingang 12. Xokleng 13. †Igain

Alguns estudos a respeito da fonologia e da gramática de línguas da família Jê encontram-se disponíveis, entre os quais podemos citar: Callow (1962) para o Apinajé, Mattos (1973) para o Xerente, Stout & Thompson (1974) e Borges (1995) para o Kayapó, Hall, McLeod & Mitchell (1987) para o Xavante, Wiesemann (1972), Cavalcante (1987) e D'Angelis (1998) para o Kaingang, Guedes (1993) e Santos (1997) para o Suyá, Popjes & Popjes (1986) e Souza (1989) para o Timbira, além dos já citados trabalhos de Dourado para o Panará.

1.3 A HISTÓRIA DO POVO

Os Panará, apelidados pelos Kayapó de Kren-akarore (variante de palavra Kayapó que se refere ao corte tradicional de cabelo dos Panará), tornaram-se, à época do contato, mundialmente conhecidos pela mídia como os “índios gigantes da Amazônia”. O mais divulgado dos contatos de índios com os “brancos” permaneceu durante anos na imprensa

nacional e internacional, sendo objeto de crônicas e reportagens, inclusive de uma composição musical do ex-Beatle Paul McCartney e de uma poesia de Carlos Drummond de Andrade. O contato foi finalmente levado a cabo em fevereiro de 1973.

Os Panará, conforme demonstrado em trabalhos de pesquisa etnohistórica, lingüística e antropológica (Heelas 1979, Schwartzman 1987, Rodrigues & Dourado 1993, Giralдин 1997), são os últimos descendentes de um povo conhecido nos séculos XVIII, XIX e início do século XX como Cayapó do Sul (assim denominados para distingui-los dos Cayapó setentrionais). Os Cayapó do Sul, com uma população estimada pelo historiador John Hemming (1987), no século XVIII, em torno de 25 mil pessoas, habitavam uma vasta faixa do território nacional, mais precisamente a região que compreende atualmente o sul de Goiás, leste do Triângulo Mineiro, norte de São Paulo, leste de Mato Grosso e leste e sudeste de Mato Grosso do Sul.

A língua desse povo, considerada extinta desde o século XIX, foi objeto de comparação com o Panará (Rodrigues & Dourado 1993), graças às pequenas listas de palavras coletadas pelos naturalistas J. E. Pohl e A. de Saint-Hilaire em São José de Mossâmedes, em Goiás, na primeira metade do século XIX, e outras duas publicadas por P. Ehrenreich em 1894, mas coletadas por Nehring e Kupfer em Santana de Parnaíba (na confluência do rio Grande e Parnaíba), e à extensa lista, com cerca de 700 palavras, encontrada por Odair Giralдин, de autoria de Alexandre de Souza Barbosa, coletada em 1911, nas proximidades de Uberaba, Minas Gerais. Com o cotejo dos dados lingüísticos, concluiu-se que a língua Cayapó do Sul coletada por Barbosa é a mesma dos Panará atuais, ao passo que a língua registrada pelos demais também é a mesma dos Panará, mas provavelmente uma leve variante dialetal. A conexão entre os Cayapó do Sul e os Panará, hipótese inicialmente levantada por Heelas 1979 e Schwartzman 1987, foi também comprovada pela pesquisa etnohistórica (Giralдин 1997), que inclui a comparação de traços culturais descritos por Saint-Hilaire e Pohl.

Os Cayapó do Sul foram símbolo de ferocidade durante à época da expansão e ocupação das fronteiras na região em que habitavam, pela luta que empreendiam contra invasores de suas terras. As lutas entre os Cayapó do Sul e os colonizadores portugueses nos caminhos de Goiás e de Cuiabá foram muitas. Quando não eram mortos, eram capturados para serem escravizados ou aldeados compulsoriamente. De acordo com

Giraldin (1997), depois da segunda metade do século XVIII, as bandeiras organizadas contra os Cayapó do Sul tinham por objetivo não mais capturá-los, mas matá-los. Assim, tidos como extintos nas primeiras décadas do século XX, os Cayapó do Sul ressurgem como os Panará bem ao norte, na região da bacia do rio Peixoto, afluente da margem direita do rio Teles Pires, formador do rio Tapajós.

Os Panará ocuparam uma imensa região que compreendia toda a bacia do Peixoto de Azevedo, a serra do Cachimbo e as cabeceiras do Iriri e do Ipiranga, uma região de floresta fechada cortada por muitos rios, córregos e igarapés. Os Panará são índios agricultores, famosos por suas roças circulares, caçadores, pescadores e coletores. Enquanto foi possível, mantiveram-se isolados e arredios em seu novo território.

As primeiras informações sobre os Panará datam de 1949, quando atacaram uma aldeia Kayabi. No entanto, as primeiras notícias divulgadas nacionalmente são de 1960, por ocasião da abertura de uma pista de pouso na serra do Cachimbo, pela Fundação Brasil Central, a menos de 80 quilômetros do território Panará. A presença dos índios na serra do Cachimbo era constante. Contudo, a primeira apresentação formal ocorreu em julho de 1967, quando um grupo composto por homens, mulheres e crianças foram vistos caminhando em direção à base aérea. Surpreendidos por um avião que investiu em vôo razante contra eles, pois o piloto fora avisado de um ataque de índios, o grupo fugiu em debandada pela floresta.

Quando os Villas Boas começaram a organizar uma expedição para estabelecer contato com estes índios, em 1967, existiam nove aldeias Panará. Um pouco antes, uma dessas aldeias (Sôkōnasã) havia sido vítima de um ataque devastador dos Mekragnoti, com armas de fogo, quando pelo menos 20 pessoas morreram. Em 1968 foi iniciada a primeira expedição de atração e contato chefiada por Cláudio de Orlando Villas Boas. Os Villas Boas, depois de persuadirem os Mekragnoti a não empreenderem nenhum outro ataque aos Panará, encontraram Sôkōnasã queimada e abandonada. A expedição seguiu em frente, sobrevoando o rio Peixoto de Azevedo, e outra aldeia foi localizada. Tentaram estabelecer contato com vôos sucessivos e com o arremesso de presentes. O gesto foi parcialmente bem sucedido, de vez que os Panará gostaram dos presentes mas em nada facilitaram o contato. Neste mesmo ano, a expedição foi suspensa.

Em 1970, o governo brasileiro deu início ao projeto de construção das grandes estradas na Amazônia, com destaque para a Transamazônica. Duas estradas cortariam o território Panará: BR 163, a Cuiabá-Santarém, no eixo sul-norte, e a BR 80, que se interseccionava com aquela. Em 1972, quando as estradas começaram a convergir, os Villas Boas foram chamados a organizar uma nova expedição para prevenir os efeitos de um contato iminente com os Panará. No dia 4 de fevereiro de 1973, os Villas Boas tiveram o primeiro contato face a face com estes índios.

Os Panará, apesar de arredios antes do contato, aos poucos foram atraídos pelo trabalho da construção da estrada e pelos veículos que chegavam com a sua abertura em dezembro de 1973. O contato descontrolado com os “brancos” trouxe a doença, a morte e a desorganização social. As doenças, ao se espalharem pelas aldeias, acarretaram conflitos entre os próprios índios. A FUNAI tentou remediar esta situação transferindo todo o grupo para a aldeia **Korokoko**, situada a uma distância maior da estrada. Isto, porém, não evitou que as visitas à estrada continuassem.

Antes do contato, as estimativas indicavam que em 1968, ano da primeira tentativa, os Panará eram entre 300 e 600 indivíduos distribuídos em nove aldeias. No final do ano de 1974, eram apenas 82 os sobreviventes, agora reunidos em uma única aldeia.

Tornava-se imperativa a saída daquele local. Por iniciativa de Cláudio e Orlando Villas Boas, em janeiro de 1975, os Panará foram transferidos para o Parque Nacional do Xingu. Quando chegaram ao Parque, a sua população era de 79 indivíduos.

Inicialmente foram levados para o Diauarum, tendo sido examinados pela equipe médica da Escola Paulista de Medicina. Seguiram, depois, para uma “aldeia” construída para eles, pelos Kayabi, a qual consistia de duas casas e uma roça de milho. Com o esgotamento da roça e a persistência das doenças e das mortes, os Panará foram transferidos, em março de 1975, para o Kretire, aldeia dos Txukahamãe. Nesta ocasião haviam sofrido mais baixas, a sua população era de apenas 69 indivíduos.

Em outubro de 1975, quando deixaram o Kretire para a sua própria aldeia, haviam sido reduzidos a 67 pessoas. Era a primeira vez, desde a transferência, que os Panará começaram a existir como um grupo autônomo. Iniciaram a pesca, a caça, os seus rituais

tradicionais e, na estação de estio seguinte, plantaram suas próprias roças. A saúde retornou ao grupo, reduzindo a incidência de doenças e mortes.

Sempre a procura de um lugar parecido com o seu território tradicional, os Panará transferiram sua aldeia, em maio de 1983, para a margem oeste do rio Xingu, mais ou menos a 15 km da BR-80 e, em julho de 1989, para a margem direita do rio Maniçauá-Miçu, afluente do rio Xingu, mais a oeste do Parque, portanto, mais próximo à sua terra de origem. Era o início do retorno.

Depois de várias expedições de reconhecimento e localização de uma área remanescente do seu antigo território, os Panará, com o importante auxílio da FUNAI e de organizações não-governamentais, puderam retornar ao que sobrou do seu antigo território, uma área de 840.000 ha, encaminhada em dezembro de 1994 ao Ministério da Justiça, pela FUNAI, para que seja reconhecida e demarcada. Neste mesmo mês os Panará entraram, na Justiça Federal, com uma Ação Ordinária de Reparação por Danos Materiais e Morais, impetrada por advogados do Núcleo de Direitos Indígenas, contra a União e a FUNAI, pedindo reparação de danos e indenização. Em 1997, Julgada até a última instância, numa decisão inédita na história do Brasil, a ação impetrada pelos Panará foi considerada procedente, determinando que estes sejam indenizados por mortes e danos culturais.

Em 1994, uma parte da população transferiu-se para a nova aldeia, com o objetivo de construir casas e preparar as roças para a ida do restante. O local escolhido para a nova aldeia era o mesmo de uma antiga, às margens do Iriri Novo, a que deram o nome de Nãsepotiti ‘morcego queimado’. Em março de 1997, a tribo inteira se reuniu de novo na aldeia Nãsepotiti, depois de quase 20 anos de êxodo. Atualmente, a população Panará é de 210 pessoas.

1.4 O PROJETO

O projeto de documentação e descrição da língua Panará teve início em julho de 1988. Este projeto faz parte do projeto de “História e Conhecimento Linguístico dos

Povos Indígenas do Parque Indígena do Xingu”, coordenado pela Dra. Lucy Seki, do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp).

De 1988 até agora, foram realizadas mais de uma dezena de viagens à aldeia dos Panará para coleta de material linguístico e comprovação de hipóteses de trabalho. As estadas na aldeia eram geralmente de 20 a 30 dias, uma a duas vezes por ano. Durante um mês e meio de cada vez, em 1989 e 1990, o informante linguístico Kiompé Panará esteve em Brasília, com o objetivo de fornecer-me dados linguísticos. No período de 1994 a 1997, contudo, o trabalho de campo não foi realizado, tendo em vista o processo de mudança do Panará do Parque Indígena do Xingu para seu antigo território.

1.5 OS DADOS

O material em que me baseei para elaboração do presente trabalho consta de cerca de 60 horas de gravação em fitas cassete contendo: dados elicitados, narrativas, mitos, receitas culinárias, diálogos espontâneos, discursos formais, etc., além de farto material transcrito, mas não gravado. Utilizei-me também de dados linguísticos proveniente de material didático produzido pelos professores índios Peranko e Mikre Panará, durante os cursos de formação de professores-índios, dos quais tenho participado, como assessora linguística, uma a duas vezes por ano, desde 1994.

Atuou como principal informante linguístico durante todo esse período o índio Kiompé Panará, com aproximadamente 17 anos à época do início da pesquisa (1988), agora com 29 anos. Tive também a oportunidade de trabalhar com outros falantes, os quais têm cooperado de forma regular na verificação das hipóteses de trabalho e na gravação de mitos e discursos formais, principalmente Akâ, Tesêja, Kôkriti, Krekô, Kjêrâsâ, Kitakriti e Yokrâ Panará.

1.6 METODOLOGIA

Na análise e descrição da morfossintaxe da língua Panará adotou-se a orientação de modelos tipológicos-funcionais (Givón 1984, 1990, Dixon 1979, 1994, Comrie 1974, 1981 1989, Li & Thompson 1976, 1981 , Mithun 1984, entre outros) sem excluir, contudo, a consideração de outros modelos que reconhecemos como mais adequados para o tratamento de fenômenos da língua, como é o caso, por exemplo, da incorporação de nomes e posposições (capítulo 6, itens 6.1.2 e 6.3, respectivamente), quando os dados foram analisados, embora de forma descritiva, sob a perspectiva da gramática gerativa (Rosen 1989 e Nakamura 1977). O trabalho teve como eixo as relações entre forma e função. Com este objetivo, priorizamos o estudo do sistema de funções argumentais e dos papéis semânticos, bem como do sistema morfossintático, procurando descobrir quais os elementos que constituem cada um desses sistemas, suas propriedades contrastivas e combinatórias e como esses sistemas interagem.

Para proceder à análise e descrição do Panará tomei como ponto de partida os trabalhos já realizados sobre fonologia e gramática da língua. A partir da observação e seleção dos dados, hipóteses foram levantadas e operacionalmente testadas.

No levantamento das hipóteses, foram levadas em conta principalmente os dados extraídos de textos, não se desprezando, contudo, a importância dos dados elicitados para sua comprovação e para o caso de não se ter os dados necessários contextualizados. No curso da elaboração da tese, foram realizadas duas sessões de trabalho de campo para verificação de hipótese e coleta de material adicional à análise e descrição da língua (julho/agosto/98 e julho/99). Em 2000, pude também testar as análises, em fase de conclusão, com os professores Panará, por ocasião dos dois cursos de formação de professores-índios (em outubro e em novembro).

Capítulo 2

Classes de Palavras

O objetivo do presente capítulo é apresentar uma proposta de classes de palavras ou categorias do léxico da língua Panará, que possa contribuir operacionalmente para uma descrição coerente da língua. Os critérios a ser adotados serão estritamente lingüísticos: morfológicos, sintáticos e semânticos. Em primeira mão, serão priorizados os critérios morfossintáticos na definição das categorias, mas os critérios de ordem semântica poderão ser também arguidos para sustentar e até para definir categorias que não se distinguem por critérios formais.

Adotamos a noção de categoria de acordo com o modelo teórico cognitivo de prototipicalidade desenvolvido nos trabalhos de Rosch e de seus associados (Rosch 1973 e 1978)¹. Esses trabalhos apresentam a hipótese de que a categorização humana não é arbitrária, mas opera de exemplos centrais para exemplos periféricos de categorias. Os exemplos centrais de uma categoria são os “protótipos” para aquela categoria, e tais exemplos parecem mais salientes para os falantes. Quanto mais prototípico for um membro de uma categoria mais atributos este possui em comum com os outros membros daquela categoria e menos atributos em comum com membros de categorias contrastantes. Já membros marginais partilham apenas um pequeno número de atributos com outros membros de suas categorias, o que é, naturalmente uma maneira de dizer que as fronteiras das categorias são *fuzzy*. Assim, em Panará, definiremos os membros de uma classe de palavras com base nas características lingüísticas dos protótipos daquela classe.

Para definir se uma dada palavra pertence a uma certa classe, primeiramente deve-se determinar as características morfossintáticas dos protótipos daquela classe. A categoria gramatical de uma palavra questionável pode ser determinada de acordo com quão

¹ São, entre outros, defensores da categorização lingüística baseada no modelo dos protótipos (Dixon 1977, 1994, Givón 1984, 1990, Taylor 1989).

estritamente a palavra segue o padrão morfossintático de protótipos da classe em questão.

As características morfossintáticas das palavras em geral podem ser verificadas a partir de duas perspectivas: (a) propriedades distribucionais ou configuracionais e (b) propriedades estruturais. A primeira se refere a como as palavras são distribuídas nos sintagmas, orações e textos (podem servir como núcleos ou complementos em sintagmas, argumentos ou adjuntos em orações, tópicos em textos, conectores de sintagmas ou orações etc). A segunda diz respeito às propriedades da estrutura interna das palavras em si mesmas (possibilidade ou não de se decompor em morfemas, de admitir ou não variação morfológica e/ou morfofonológica, etc.).

Seguindo esses critérios, propomos para a língua Panará oito classes de palavras: nome, verbo, adjetivo, advérbio, pronome, posposição, conjunção e partícula. As características estruturais das classes de palavras serão objeto de descrição nesta seção. Já as características distribucionais serão aqui apenas mencionadas, pois serão abordadas em capítulos subseqüentes.

2.1 NOMES

Do ponto de vista morfossintático, consideramos como membros prototípicos para a classe de nomes em Panará aquelas palavras que ocupam as posições estruturais de argumentos nucleares, objetos de posposição, tópicos em discurso, núcleos de orações relativas e de orações clivadas, que recebem morfologia flexional e/ou derivacional, e que podem ser modificadas por determinantes. De um ponto de vista semântico, os nomes apresentam os conceitos estáveis para nomear pessoas, coisas e lugares.

Os nomes em Panará ocupam a posição de argumentos nucleares: sujeito, objeto direto e objeto indireto. Em todas essas funções, com exceção do sujeito de verbo intransitivo e objeto direto de verbo transitivo que são não-marcados, os nomes são

seguidos por posposições que marcam os casos: ergativo, benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumental-comitativo e inessivo. Como adjuntos, os nomes ocorrem como objetos de posposições locativas de vários tipos.

Nomes que possuam o traço semântico [+animado], em Panará, admitem flexão de número dual, plural e paucal. O singular é não-marcado. A flexão de número não se atém aos nomes. Manifesta-se de forma sistemática nas séries de pronomes independentes e nas séries de proclíticos e prefixos anexados ao verbo, co-referentes com os argumentos nucleares. Os sufixos flexionais de número DUAL *-ra ~ na*, PLURAL *-mera* ou *-mera*, que se anexam obrigatoriamente aos pronomes livres, são opcionais para marcar a flexão nos nomes. O número dos nomes em posição argumental é inferido a partir da forma dos proclíticos pronominais ou prefixos de concordância co-referentes com estes, ou algum outro determinante (um numeral ou indefinido) que co-ocorre com o nome. Inversamente, se nomes aparecem marcados pelo sufixo de número, a concordância do verbo com esses elementos pode ser dispensada. Observa-se que a ocorrência de marcas de flexão em nomes em Panará atende mais a uma exigência pragmática do que propriamente gramatical. Por exemplo, as sentenças abaixo em (a), são encontradas principalmente em início de discurso, quando se introduz o tema ou as personagens, mas podem também ocorrer quando se quer enfatizar ou realçar algum desses elementos. Já as sentenças como em (b) e (c) ocorrem em contextos não-marcados do ponto de vista pragmático:

- (1) a. *mara-rã* *ĩpi* *-rã*
 ele *-DU.ERG* *homem.DU.ERG*
 $\emptyset$ *=timẽ* *=\emptyset* *=kə* *-ri* *ĩkua*
 REAL.TR=*3DU.ERG*=*3SG.ABS*=cortar-PERF *buriti.ABS*
 ‘aqueles dois homens cortaram buriti.’

- b. mara ĩpi hě
aquele homem ERG
∅ =timẽ =∅ =kə -ri ĩkua
REAL.TR=3DU.ERG=3SG.ABS=cortar-PERF buriti.ABS
‘aqueles dois homens cortaram buriti.’

- c. mara-rã ĩpi -rã
ele -DU.ERG homem-DU.ERG
kə -ri ĩkua
cortar-PERF buriti.ABS
‘aqueles dois homens cortaram buriti.’

- (2) a. ioti he ∅ =ti =ra =ku -ri
sucuri ERG REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=comer-PERF
soti -mɛra
bicho-PL.ABS
‘a sucuri come bichos.’

- b. ioti hě ∅ =ti =ku -ri soti -mɛra
sucuri ERG REAL.TR=3SG.ERG=comer-PERF bicho-PL.ABS
‘a sucuri come bichos.’

- c. ioti hẽ ø =ti =ra =ku -ri soti
 sucuri ERG REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=comer-PERF bicho.ABS
 (ĩkieti)
 (muitos)
 ‘a sucuri come (muitos) bichos.’

O PAUCAL **-pyĩra** só se anexa a pronomes livres ou demonstrativos e partilha a mesma série de proclíticos com o plural.

- (3) pãpã yi =ra =pan koa rin
 todos.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=viver casa LOC
 kiompẽ mẽ pəsina mẽ kitakriti mẽ ia **-pyĩra**
 Kiompé e Pəsina e Kitakriti e este-PAU
 Kiompé, Păsina e Kitakriti, estes vivem na mesma casa.’

Ao lado dessas flexões de número, existe, ainda, uma classe de nomes em Panará referentes às categorias de idade na comunidade, que são sistematicamente marcadas pelo sufixo derivacional coletivo **-ara**. Nomes marcados por esses sufixos em posição de argumento nuclear podem ser alvo de concordância do verbo tanto no plural quanto no singular. Os nomes que admitem o sufixo coletivo possuem o traço semântico [+humano]. Entretanto os nomes **kĩpa** ‘terra’ e **kukre** ‘casa’ também admitem essa derivação.

- | | | | |
|-----|--------------------|-----------|---------------|
| (4) | wātui ² | wātu-ara | ‘bebê-COL’ |
| | prĩ | prĩ-ara | ‘criança-COL’ |
| | piũtui | piũtu-ara | ‘moça-COL’ |
| | piãtui | piãtu-ara | ‘moço-COL’ |

² Regras fonológicas de apagamento vocálico em junção interna encontram-se no Apêndice 1, referente a informações básicas sobre a fonologia da língua.

ĩkiey	ĩki-ara	‘mulher-COL’
ĩpi	ĩpi-ara	‘homem-COL’
tuaʔtũ	tuaʔtũ-ara	‘velha-COL’
tɔputũ	tɔputũ-ara	‘velho-COL’
suãkia	suãkia-ra	‘ancestral-COL’
pa	pa-ra	‘gente-COL’
kipa	kipa-ra	‘terra-COL’
kukɾe	kukɾe-ra	‘casa-COL’

Estes nomes depois de receber o sufixo derivacional podem ser flexionados em número, como em (5) abaixo:

- (5) kukɾe tō pe pi =su =ra =kui suãkia -ra -mɛra
 casa outra ABL mudar=atingir=3PL.ABS=ir antepassado-COL-PL
 ‘os antigos vieram de mudança de outras aldeias.’

Em Panará existe também uma partícula derivacional **ãte** que, quando associada a um nome, torna-o ou um agente, ou um instrumento ou um recipiente daquilo a que este se refere. Este processo é bastante produtivo na língua.

- (6)
- | | | |
|-------------------|---|---------------------|
| howkyia | → | howkyia ãte |
| ‘escola, escrita’ | → | ‘professor, lápis’. |
| moto | → | moto ãte |
| ‘barco’ | → | ‘motorista’. |
| kəprepa | → | kəprepa ãte |
| ‘papel’ | → | ‘pasta’ |

2.1.1 ESTRUTURA DO NOME

Na sua maior parte, os nomes simples em Panará ocorrem apenas como palavras monomorfêmicas, isto é, verifica-se apenas a ocorrência da raiz. Potencialmente, no entanto, as palavras simples apresentam a seguinte configuração: um prefixo de posse inerente (cf. item 3.2.1.3, capítulo 3), também relacional de não-contigüidade, ou um prefixo relacional de contigüidade (Rodrigues 1981, 1990)³, ambos obrigatórios apenas para uma classe de nomes; uma raiz obrigatória para todos os nomes; um sufixo derivacional coletivo para nomes referentes à categoria de idade e um sufixo flexional de número (dual, plural, paucal), opcional para qualquer nome que possua o traço semântico [+animado].

(7) Estrutura do nome simples

(POSSE INERENTE E/OU RELACIONAL)	raiz	(DERIVAÇÃO)	(FLEXÃO)
----------------------------------	------	-------------	----------

³ Palavras apresentam fenômenos de alternância fonológica em suas margens, quando co-ocorrem com elementos com os quais mantêm uma certa relação sintática. Rodrigues (1981, 1990) é quem primeiro observa esse fenômeno em línguas indígenas da América do Sul, não apenas da família Jê, mas também de outras famílias lingüísticas. Ele chama esses formantes de relacionais, marcadores de contigüidade e não-contigüidade do elemento determinado com o elemento determinante em uma estrutura sintagmática. Assumindo a análise de Rodrigues (1981, 1990), chamaremos esses prefixos de relacionais de contigüidade (RC) e de relacionais de não-contigüidade (RNC):

(a) os prefixos s- ou -y:

s-	s-aanpi	iʔkow	s-aanpi	‘o macaco tem rabo’
	RNC-rabo	macaco	RNC-rabo	
y-	y-aanpi	iʔkow	y-aanpi	‘o rabo do macaco’
	RC-rabo	macaco	RC-rabo	

(b) os prefixos -ĩ ou ø-:

ĩ-	ĩ-te	nākā	ĩ-te	rō	‘cobra não tem perna’
	RNC-perna	cobra	RNC-perna	NEG	
ø-	ø-te	ka	ø-te		‘tua perna’
	RC-perna	você	RNC-perna		

(c) o prefixo ø- ou a assimilação desta vogal aos traços da vogal precedente:

ø-	ø-ĩto	nākā	ø-ĩto	‘cobra tem olho’
	‘RNC.olho’	cobra	RNC-olho	
assimilação	ātō, ōto, etc.	nākā	ātō	‘o olho da cobra’
	‘RC-olho’	cobra	RC-olho	

O Panará apresenta uma grande quantidade de nomes compostos, formados a partir de seqüências de raízes simples, que constituem membros da mesma ou de outras categorias do léxico. Contudo, nem todas as seqüências de palavras podem ser consideradas como um composto.

Tem-se discutido muito a respeito do critério que poderia ser empregado para distinguir formas compostas de sintagmas nominais. A natureza do padrão acentual tem sido escolhida como um traço distinguível para alguns estudiosos, que associam o padrão acentual primário e secundário a compostos, e o primário e terciário a sintagmas nominais. Mas outros autores têm confiado em critérios semânticos, enfatizando o significado unitário tipicamente associado com compostos (em oposição ao sintagma nominal), ou ao fato de que o significado de um composto como um todo tipicamente não pode ser deduzido do significado de seus constituintes.

Para considerarmos uma seqüência como um composto em Panará, baseamo-nos em critérios prosódicos, formais e semânticos. Foram considerados como compostos os nomes que apresentavam:

- a) um padrão acentual característico de uma palavra simples⁴, em oposição ao padrão de duas palavras;
- b) a ordem usual das palavras na cadeia sintagmática;
- c) morfologia flexional característica de palavras simples;
- d) o fato de que o significado do composto ou é mais específico do que os significados combinados das palavras que o formam ou é inteiramente diferente deles.

Adotando-se os critérios acima estabelecidos, foram encontradas em Panará palavras compostas por aglutinação e por justaposição. Esses compostos apresentam as seguintes possibilidades estruturais:

- a) N + Adj, como um sintagma nominal, com núcleo à esquerda, é uma significativa

⁴ Palavras simples em Panará apresentam apenas um acento primário.

fonte de formação de compostos:

(8)	kəyə+asə > kəyasə	flecha+brava	‘faca’
	kri+piə > kripia	aldeia+grande(linhagem)	‘sogra’
	sikrɛ+prɔya > sikrɛprɔya	orelha+plana	‘disco’
	kiäpɔ+titi > kiäpɔtiti	beiju+queimado	‘biscoito’

b) N + N, com núcleo à direita, uma construção genitiva, sendo esta a grande fonte de formação de compostos nessa língua:

(9)	pəri+kə > pərikə	pau+casca	‘canoa’
	kyiti+sĩ > kyitiyĩ	anta+fezes	‘cigarro’
	pəri+äko > pəräko	pau+suco	‘remédio’
	kwati+so > kwatiso	inajá+folha	‘palha’
	sua+sĩ > suayĩ	dente+carne	‘gengiva’
	sōse+sua > sōsesua	linha+dente	‘anzol’
	kiä+näpɛ > kiäräpɛ	cabeça+parede	‘cocar’
	kiäsi+pəri > kiäsipəri	crânio+pau	‘chifre’

Podendo co-ocorrerem até três itens:

(10)	kwati+kiä+kə > kwatikiäkə	inajá+fruto+casca	‘miçanga’
------	---------------------------	-------------------	-----------

As demais formas de composição são pouco produtivas, tendo sido encontrados muito poucos exemplos, dos quais apresentaremos apenas um exemplo de cada.

(11) nāsepi+hɔw+titi > nāsepɔtiti ‘morcego queimado’
morcego+INST+queimar

(12) kow+kiati > kowkiati nádegas+quadris ‘panela’

(13) hɔw+kyi > hɔwkyi INSTR+pintar 'escrita'

(14)	kwa+so+tãtera > kwasotãtera	buriti+folha+?	‘nome de clã’
	kre+rõ+rãtera > krerõrãtera	buraco+NEG+?	‘nome de clã’
	piti+kow+mã > pikowmã	sol+?+ALA	‘amanhã’
	kow+mã > kowmã	?+ALA	‘hoje’
	pa+piç+ya > papiçya	gente+NEG+?	‘outros índios’
	sç+pa+piç+ya > sçpapiçya	bicho+gente+NEG+?	‘outros índios’

nã ⁵ +piə > nãpiə	?+grande	‘mãe’
sũ ⁶ +piə > supiə	?+grande	‘pai’

A língua Panará apresenta uma série de raízes nominais que recorrentemente se combinam com outras raízes para formar palavras compostas, constituindo o núcleo desse novo item lexical. Esses formativos são conhecidos como ‘termos de classe’ e correspondem ao nível básico de categorização (Rosch 1978), embora alguns deles nem sempre ocorram como nomes independentes. Termos de nível básico de categorização se referem àqueles nomes do nível de gênero, que falantes utilizam para conceituar coisas do ponto de vista perceptual e funcional. São geralmente de alta frequência de ocorrência, curtos e estruturalmente simples, isto é, monomorfêmicos. Essas raízes de termos de nível básico classificam os nomes aos quais se agregam, e determinam a formação de uma classe. Assim, é uma categoria que funciona similarmente ao sistema de classificadores, contudo no nível do léxico. Alguns desses termos de classe constituem a fonte de formação de classificadores no Panará (cf. item 6.2, capítulo 6).

(15) kə	kiati+kə > kiakə	quadril+casca	‘calção’
	pẽ+kə > pẽkə	branco+casca	‘roupa’
	paa+kə > pakə	pé+casca	‘sandália, sapato’
	si+kə > sikə	esterno+casca	‘camisa’
	pəri+kə > pərikə	pau+casca	‘canoa’
akriti	pa+akriti > payakriti	gente+similitivo	‘gravador’
	pẽ+akriti > pẽakriti	fala+similitivo	‘rádio’
	soti+akriti > sotakriti	bicho+similitivo	‘animal doméstico’
	nãpiə+akriti > nãpiəkriti	mãe+similitivo	‘mãe p/ consideração’

⁵ nã ‘mãe’, cf. Kayapó.

⁶ sũ ‘pai’, cf. Barbosa (1918) uçum /usũ/, em Panará (Cayapó do Sul).

Ao lado de termos de classe, existem também em Panará nomes compostos formados a partir de uma mesma raiz que, todavia, não constituem o núcleo do item complexo, como no caso dos termos de classe, mas sim o seu complemento. Temos, por exemplo, compostos formados com **pəri** 'pau, árvore, madeira', o qual se refere à procedência ou ao material de que é feito:

Outros qualificam termos já pertencentes a uma determinada classe, como, por exemplo, dentro da classe de nomes de parentesco, temos uma subclasse de nomes formados com o adjetivo **pio** ‘grande, alto’, embora o significado da maior parte das raízes

dos nomes com os quais forma o composto não tenha sido, do ponto de vista sincrônico, possível identificar o seu significado:

(17)	nãpiə	‘mãe, tia’ ⁷
	sũpiə	‘pai, tio’ ⁸
	nĩpiə	‘primo/a’
	tuapiə	‘neto/a’
	tɔwpiə	‘avô’

O qual também pode ocorrer reduplicado: tuapiəpiə ‘avô’

2.1.2 CLASSIFICADORES

Uma classe de nomes em Panará pode ocorrer em co-referência com um sistema de classificadores baseado em partes de plantas, objetos côncavos e líquidos. Estes classificadores são proclíticos que podem ocorrer fonologicamente apoiados ao modificador do nome - o adjetivo - ou ao núcleo de predicados nominais e verbais. O alvo da classificação é o núcleo de um SN em posição de: a) sujeito de predicado nominal (18); b) sujeito de verbo intransitivo (19); c) sujeito de verbo transitivo na voz média (20); d) objeto de verbo transitivo (21). Ou ainda, objeto de posposição (22).

(18) kowkiati pã	kre	=kĩni
panela	pequena	côncavo=limpo
‘o prato está limpo.’		

⁷ *nã ‘mãe’, em Kayapó.

⁸ ** uçum /usũ/ ‘pai’, em Panará (Barbosa, 1917).

- (19) nãkowsia yi =kua =tẽ
 laranja.ABS REAL.INTR=**fruta**=cair
 ‘a laranja caiu.’

- (20) sase ãprẽ hẽ ø =ti =yĩ =kə =kə-ri
 rede REL.velha ERG REAL.TR=3SGERG=MED=**casca**=rasgar-PERF
 ‘a rede velha furou.’

- (21) mara hẽ ø =ti =sõ =si -ri pakua sõwsi
 ela ERG REAL.TR=3SG.ERG=**cacho**=cortar-PERF banana cacho.ABS
 ‘ela cortou o cacho de banana.’

- (22) ãkyẽ ka =ø =how =po fesãw si =yakiã how
 eu.ABS IRR=1SG.NOM=INSTR=chegar feijão **semente**=preto INSTR
 ‘vou trazer feijão preto.’

Classificadores em Panará são nomes derivados de termos de classe, em sua maioria, mas exibem baixa referencialidade. De acordo com Hopper & Thompson (1984), nomes que não referem apresentam um baixo grau de categorialidade. Mithun (1986) afirma que classificadores operam sobre uma base semântica, implicando certos traços característicos do referente do sintagma nominal, mas não certos traços lexicais de um nome particular.

Em Panará, em textos corridos, foram encontrados exemplos que mostram o classificador sem o seu co-referente nominal externo, com função anafórica, como no trecho abaixo, e em muitos outros, em que o classificador refere-se a ‘castanha’, depois que esta já foi introduzida no discurso:

(23) **pisi** sə
 castanha pegar
 ‘pegar castanha.’

pãpã pikowmã mĩ ku =**kua** =kə ahe
 todos amanhã 1PL.EXOR cortar=**CLAS**=cortar.IMP FIN
 ‘amanhã vamos todos para cortar (castanha).’

mãmã ra =how =ø =piõ **pisi**
 assim 3PL.ABS=ICOM=3SG.ABS=juntar **castanha**
 ‘ assim todo mundo vai juntar castanha.’

Nesse exemplo, o classificador **kua** apresenta características de um elemento gramatical, com certo grau de decategorização, um marcador de gênero ou um anafórico, pois não co-ocorre com o nominal externo. Já nos contextos em que co-ocorre com o nome a que se refere, como nos exemplos (18-22), os classificadores funcionam como hiperônimos, fato que tem sido observado em sistemas de classificadores prototípicos (Mithun 1986). Assim, na presente análise, nos inclinamos a considerar os classificadores como uma subclasse da categoria de nomes, obviamente sem a mesma capacidade de referência que nomes em geral, isto é, com baixo grau de categorialidade. Em capítulo exclusivamente destinado ao estudo da incorporação (capítulo 6), trataremos a questão da referencialidade que envolve não só os classificadores como também os nomes incorporados ao verbo.

Em Panará, nomes próprios, isto é, nomes usados para se dirigir às pessoas, ou para identificar lugares ou personagens culturalmente significantes são, na maioria, nomes comuns, simples ou compostos, mas se distinguem destes por não se submeterem à maioria dos processos morfológicos e sintáticos, como flexão de número, relativização ou clivagem, incorporação etc.

2.2 VERBOS

Para decidir se uma forma questionável é um verbo ou não, deve-se verificar quão próximamente ela segue o padrão de verbos prototípicos, no que se refere suas propriedades morfossintáticas.

As propriedades morfossintáticas dos verbos são: distribucionais e estruturais. As propriedades distribucionais se referem à função dos verbos em sintagmas ou orações e as estruturais se referem à estrutura interna deles (tempo, modo, aspecto e concordância). As propriedades estruturais dos verbos em Panará serão discutidas neste capítulo, enquanto que as distribucionais serão objeto dos capítulos 3 e 4, destinados ao estudo de sintagmas e orações, respectivamente.

2.2.1 CATEGORIAS DO VERBO

O verbo é o constituinte mais complexo da gramática da língua Panará, com características polissintéticas. É formado de uma raiz precedida de clíticos que expressam modo, co-referência com o SN sujeito, co-referência com o SN objeto direto e/ou indireto⁹, voz, direção (para verbos de movimento); uma série de prefixos de concordância absoluta para uma classe de verbos em lugar de clíticos e um prefixo que sinaliza que não houve mudança de sujeito inter ou intraoracional (*switch-reference* ou marcador do mesmo sujeito). Além disso, alguns verbos admitem a incorporação de nomes, classificadores e posposições. Há também construções seriais com seqüências de até três verbos. O aspecto é marcado por um sufixo acrescentado à raiz verbal, embora nem todos os verbos o admitam. Todos os elementos que integram o complexo verbal ocorrem em posições fixas, com exceção dos casos citados abaixo da tabela em (24).

⁹ Os verbos transitivos estendidos, nos quais ocorrem a concordância dativa com o benefactivo ou comitativo, concordam também com o objeto direto. Quando, no entanto, é usada a concordância absoluta para qualquer oblíquo, inclusive o benefactivo e o comitativo, o verbo concorda com o objeto da posposição, mas não com o objeto direto.

Esses formantivos que precedem o verbo são aqui tratados como clíticos, e não como prefixos, dada a liberdade com que outros elementos são inseridos entre eles, como nomes, classificadores e posposições incorporados, além de alguns deles poderem mudar de posição, com já mencionado.

Potencialmente, a estrutura de um verbo em construção com verbos seriais em Panará pode ter a seguinte configuração:

(24) A posição das categorias do verbo(s)

1 clítico	2 clítico	3 clítico	4 clítico	5 cl	6 clítico	7 clítico	8	9	10 raiz	11 raiz	12 clítico **/prefixo/ <i>prefixo</i>	13 raiz	14 sufixo
modo	conc	aux	voz*	dir	conc	conc	nome class	posp	verbo	verbo	conc/conc/ <i>switch</i> <i>reference</i>	verbo	aspecto***
realis/ irrealis	sujeito ergativo	si, se	reflex recip médica	pi mi	absolut objeto direto e indireto	dativo benefic e comitativ	incor- pora- ção	incor- pora- ção	serial ***	serial	sujeito abs/suj. abs/ <i>mesmo su- jeito</i>	principal/ modal***	perfec /imperf

* O clítico referente à voz pode alternar sua posição com o auxiliar (isto é, auxiliar em 3 ou 4; voz em 4 ou 3). O proclítico de voz também foi encontrado na posição (8), no mesmo lugar em que o nome incorporado ou o classificador ocorrem.

** O clítico de concordância com o sujeito de verbos intransitivos (absolutivo) e a posposição incorporada em construções seriais podem preceder qualquer um dos verbos da série.

*** Em construções seriais, posposição incorporada, também pode se incorporar depois do primeiro verbo da série, já prefixo de *switch-reference* e aspecto também podem se anexar a qualquer um verbo da série..

É possível em Panará a não ocorrência de algum(s) ou até de todos os clíticos pronominais, quando os argumentos externos estão presentes, ou em contextos discursivos em que se pode identificar os elementos de sua referência. Assim, a mesma sentença em Panará pode ocorrer, a depender do contexto, das seguintes formas:

- (25) a. kamɛrã ø =kari =ra =kyẽ =sõ -ri
 vocês.ERG REAL.TR=2PL.ERG=3SG.PL=1.DAT=dar-PERF
 kan ãkieti ãkyẽ mã
 cesta.ABS muita eu BEN
 ‘vocês me deram muitas cestas.’

- b. kamɛrã ø =kari =kyẽ =sõ -ri
 vocês.ERG REAL.TR=2PL.ERG=1.DAT=dar-PERF
 kan ãkyẽ mã
 cesta.ABS eu ABS
 ‘vocês me deram uma cesta.’

- c. kamɛrã ø =kari =ra =sõ -ri
 vocês.ERG REAL.TR=2PL.ERG=3PL.ABS=dar-PERF
 kan ãkyẽ mã
 cesta.ABS eu ABS
 ‘vocês me deram uma cesta.’

- d. kamɛrã ø =kyẽ =sõ -ri
 vocês.ERG REAL.TR=1.DAT=dar-PERF
 kan ãkieti ãkyẽ mã
 cesta.ABS muita eu BEN
 ‘vocês me deram muitas cestas.’

e. kamɛrã Ø =sõ -ri
 vocês.ERG REAL.TR =dar-PERF
 kan ïkieti ïkyẽ mã
 cesta.ABS muita eu BEN
 ‘vocês me deram muitas cestas.’

O modo em Panará é marcado por clíticos que ocupam a primeira posição à esquerda do verbo. De acordo com Hopper (1979), a escolha do modo não depende do valor de verdade da proposição em si, isto é, não é o domínio de verdade ou fato que é o domínio relevante para modo, mas sim o domínio de asserção e não-asserção que é relevante. Observa-se que a categoria gramaticalizada de modo em Panará, orientada para o falante (speaker-oriented), expressa em que medida esse deseja asseverar ou não a verdade da proposição no que se refere ao que é fato ou não-fato. Distingue formalmente modo realis de modo irrealis, isto é, entre eventos como ocorrendo ou não ocorrendo no mundo real. O modo realis é marcado pelo clítico *yì* para verbos intransitivos e não-marcado para verbos transitivos. O modo irrealis é marcado por *ka*, tanto para verbos transitivos quanto para verbos intransitivos. Incluem-se no modo realis as formas verbais equivalentes ao presente habitual, ao presente progressivo e ao passado. O futuro é classificado como irrealis. Verifica-se que o modo irrealis é sistematicamente marcado, ao passo que o realis por vezes não o é. O imperativo, orientado para o ouvinte, tem uma função diferente de uma asserção e, assim, constitui um modo à parte, principalmente quando se trata de verbo intransitivo, no qual este pode ser marcado por duas partículas descontínuas, uma antes e a outra depois dele: *kua ... hã* para o afirmativo e *ha ... sã* para o negativo, ou também pode ocorrer sem qualquer marca. Quando se trata de verbo transitivo, o imperativo é preferencialmente marcado pelo clítico referente ao modo irrealis *ka* em lugar de *kua* e *ha* (cf. capítulo 4, item 4.6). O modo em Panará interage com o sistema de caso, no que se refere à marcação de pessoa no verbo. Emprega o sistema ergativo/absolutivo para organizar as relações argumentos/verbo no modo realis, e o sistema nominativo/acusativo

no modo *irrealis*.

Além da codificação morfológica de modo, existe também em Panará a possibilidade de expressar sintaticamente a categoria de modo, ou melhor, de modalidade, por meio de: a) estruturas analíticas envolvendo construções seriais (cf. capítulo 5, item 5.2.1) e; b) sentenças complexas envolvendo uma oração matriz e outra subordinada (cf. capítulo 5, item 5.2.2, subitem ii).

Em Panará existe uma classe de verbos que se caracterizam por ocorrerem ora com uma forma breve, ora com uma forma longa do seu tema (com ou sem uma sílaba final). Esse fato, atestado em outras línguas da mesma família, como em Kayapó e Suyá, tem sido objeto de muitas interpretações. Nem sempre a oposição entre a forma breve e longa nessa classe de verbo, em Panará, parece consistente para o julgamento de alguns falantes que, geralmente, não atribuem qualquer diferença entre o uso de uma ou de outra forma. Verifica-se, entretanto, na grande maioria dos dados, que essa oposição parece se referir à categoria de aspecto, isto é, à constituição temporal interna de eventos ou estados. A forma longa: o Perfectivo, em que o evento é visto na sua inteireza ou como concluído e; a forma breve: o Imperfectivo, em que o evento é visto de dentro, como um processo em andamento ou ainda não concluído. O passado e o presente habitual são predominantemente marcados pelo aspecto perfectivo. O imperfectivo marca principalmente o verbo no futuro, no presente progressivo e em orações interrogativas. O modo imperativo vem sempre marcado pelo aspecto perfectivo. Com essa interpretação, lançamos a hipótese inicial de que na forma longa do verbo, os sufixos **-ri ~ -ni ~ -ti**, ou a **reduplicação** da última sílaba codificam o aspecto perfectivo, e na forma breve, o morfema **zero** codifica o modo imperfectivo para uma classe de verbos em Panará. Para que se obtenha uma análise mais conclusiva sobre esse fato, requer-se um tratamento mais aprofundado dos dados, além de um estudo comparativo com outras línguas da família Jê que apresentem fenômeno similar.

O tempo pode ser codificado perifrasticamente por meio de advérbios indicadores de relações temporais de três dimensões básicas: **ian** 'PASSADO, ontem', **kɔwmã** 'PRESENTE, hoje, agora' e **pikowmã** 'FUTURO, amanhã', além de outros advérbios que

de alguma forma indicam temporalidade.

Em Panará foram encontradas gramaticalizadas no verbo a voz reflexiva, a voz média e o recíproco, sendo que este último pode também ser expresso por meio do clítico que marca o dual. O reflexivo proclítico ao verbo pode ocorrer em co-referência com o sujeito, objeto direto, dativo e comitativo. A distinção entre voz reflexiva e média é mais de ordem semântica do que gramatical. A voz gramatical em Panará é codificada pelo clítico *yĩ* ∞ *yã*, variantes morfológicamente condicionadas, para a voz reflexiva, pelo clítico *yĩ* para a voz média e pelo clítico *pĩ* para o recíproco. No item 4.4, do capítulo 4, este assunto será tratado.

O Panará apresenta, proclíticos ao verbo, dois marcadores de direção:

a) *pĩ* - indica uma dupla trajetória de movimento, de saída e de retorno a um centro dêitico:

- (26) ĩkyẽ hẽ ∅ =re =*pĩ* =∅ = mã =sõ-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=**DIR**=3SG.ABS=DAT=dar-PERF
 sabãw s -õ pikõ mã
 sabão.ABS NREL-posse Pikõ BEN
 ‘eu dei a Pikõ o sabão dela.’

ou ação repetida do verbo:

- (27) ĩkyẽ hẽ ∅ =re =*pĩ* =∅ =krɛ
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=**DIR**=3SG.ABS=plantar
 ‘eu plantei de novo.’

ou retorno a um estado anterior:

- (28) a yi =pi =a =kĩn
 PI REAL.INTR=**DIR**=2SG.ABS=bonito
 ‘você está melhor?’

b) **mi** - indica apenas uma trajetória de movimento em direção a um centro dêitico representado pelo referente do sujeito no modo realis e irrealis e do falante no modo imperativo. Com verbos de movimento, modifica a trajetória do sujeito.

- (29) mara yi =ø =kui
 ele REAL.INTR=3SG.ABS=ir
 ‘ele foi.’

- (30) mara yi =**mi** =ø =kui
 ele REAL.INTR=**DIR**=3SG.ABS=ir
 ‘ele veio.’

- (31) ise iyi **mi** =kyẽ =pi -ri
 arco grande **DIR**=1DAT=pegar-PERF
 ‘traga o arco grande!’

Os clíticos de co-referência com argumentos nucleares que se anexam ao verbo em Panará constituem quatro séries: ergativa, absolutiva, nominativa e dativa (cf. item 2.5.2). A série ergativa é co-referente com sujeitos de verbos transitivos no modo realis; a série absolutiva com sujeitos de verbos intransitivos no modo realis e com objeto direto e/ou indireto em qualquer modo; a série nominativa é co-referente com sujeitos de verbos transitivos e intransitivos no modo irrealis; e a série dativa com os objetos indiretos benefactivo e comitativo, em alternativa com a série absolutiva.

Pelos menos três verbos em Panará apresentam raízes supletivas para suas formas no plural:

Singular	Plural	
tu-ri	hoyow-ti	‘carregar na cesta’
te	yoyo	‘cair’
te	anpiain	‘correr’

Verbos posicionais, verbos de movimento, bem como verbos seriais pertencentes à classe descrita no capítulo 5, item 5.1, apresentam, em certos contextos, características de verbos auxiliares. Contudo, delimitar onde esses verbos comportam-se realmente como auxiliares marcadores de aspecto ou de modo, e não como mais um verbo independente, em uma construção com mais de um verbo, requer uma investigação mais acurada. Adotaremos aqui a glosa de auxiliares para esses verbos, somente naqueles contextos em que não nos foi possível atribuir-lhes um significado lexical.

2.3 ADJETIVOS

Diferentemente de nomes e verbos, adjetivos não podem ser caracterizados em termos de um protótipo. Adjetivos estão sempre entre verbos e nomes, lexicalizando propriedades ou características que são indeterminadas ou variáveis. No entanto, apesar de constituir uma classe limitada de pouco mais de 50 itens, pode-se afirmar que existe em Panará a categoria lexical de adjetivos, a qual se distingue das categorias de verbo e de nome, considerando que: a) os verbos nessa língua ocorrem com marcas de modo e concordância; b) os nomes podem ocupar normalmente a posição de núcleo de argumentos do verbo, podem ser objeto de posposições, podem ser modificados por quantificadores (pronomes indefinidos) e podem receber a morfologia de número. Adjetivos em Panará não possuem nenhuma dessas propriedades.

O Panará, na maioria das vezes, não distingue formalmente adjetivos com função atributiva de adjetivos com função predicativa, tendo em vista que a língua não possui cópula. Tanto como atributos quanto como predicados ocorrem basicamente à direita do nome. Em ambos os casos podem também ser precedidos por classificadores nominais (obrigatórios no caso dos adjetivos referentes a cores), ou por intensificadores. Em resumo, é possível ter-se uma mesma sequência nome-adjetivo com duas possibilidades de interpretação diferentes: atributiva e predicativa.

- (32) ĩkiey ikĩn
 ‘mulher bonita/a mulher é/está/ficou bonita.’
- (33) səti kiã nāsisi
 amendoim CLAS gostoso
 ‘amendoim gostoso/o amendoim é/está/ficou gostoso.’
- (34) kiorĩpe ĩpe təti
 arroz INTF cru
 ‘arroz bem cru/o arroz está/ficou bem cru.’

Quando, contudo, os adjetivos ocorrem em orações como modificadores de argumentos nucleares do verbo é clara a sua função atributiva:

- (35) ĩkyẽ hẽ ∅ =re =∅ =ku =ku-ri
 eu ERG REAL.TR=1PL.ERG=3SG.ABS=AUX=comer-PERF
 kiorĩpe ĩpe təti
 arroz.ABS INTF cru
 ‘eu comi arroz bem cru.’

- (36) sɛti nãisi yi =kiã =piow
 amendoim.ABS gostoso REAL.INTR=CLAS=acabar
 ‘o amendoim gostoso acabou.’

Todavia, em alguns casos, é possível distinguir, mesmo em uma seqüência nome-adjetivo, o atributivo do predicativo. Existe em Panará uma classe de palavras, na qual se incluem alguns adjetivos, que apresenta uma alternância fonológica no seu tema, os chamados prefixos relacionais de contigüidade e não-contigüidade (cf. nota 3, pag. 14) Os adjetivos que ocorrem com o relacional de contigüidade são atributos, já os que ocorrem com o relacional de não-contigüidade são predicados. Nos exemplos abaixo, o prefixo relacional de não-contigüidade *s-* codifica predicativo (37) e o prefixo relacional de contigüidade *y-* codifica atributivo (38):

- (37) kan s -utĩ
 cesta RNC-pesada
 ‘cesta é/está pesada.’

- (38) kan y -utĩ
 cesta RC-pesada
 ‘cesta pesada.’

Nas construções em que não há diferença formal entre adjetivos-atributos e adjetivos-predicados, provavelmente a distinção entre as duas possíveis interpretações, se necessária,

decorre do contexto discursivo.

Cabe acrescentar que adjetivos, assim como nomes, classificadores, quantificadores, o advérbio de negação **pio** e a posposição **how**, podem constituir o núcleo de um predicado. Nesse caso, recebem toda a morfologia flexional de verbos intransitivos, sendo o seu sujeito marcado pelo caso absolutivo.

- (39) **pĩara** **yi** **=rã** **=(rã)kio**
 crianças.ABS REAL.INTR=3PL.ABS=**quente**
 ‘as crianças estão com febre.’

- (40) **ĩkiey** **yi** **=ø** **=rãprə**
 mulher.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**vermelho**
 ‘a mulher está pintada.’

Entre os sete tipos universais propostos por Dixon (1977) para o Inglês, Panará apresenta cerca de seis tipos semânticos em termos de suas propriedades sintáticas e morfológicas,: dimensão, propriedade física, cor, propensão humana, valor e velocidade. Não se inclui neste rol o tipo semântico de idade, que é expresso em Panará por meio da categoria de nome.

Os adjetivos referentes a cores básicas em Panará carecem de algumas considerações. Propomos apenas três termos de cores básicas para o Panará: **ĩpo** ‘branco’, **rãkiã** ‘preto’, **nãprə** ‘vermelho’, embora uma parte dos falantes tenham indicado mais dois termos: **təteti** para ‘verde’ (e também azul) e **sikəpakiã** para ‘amarelo’. Durante a pesquisa sobre cores com boa parte da comunidade, e no decorrer dos trabalhos de ilustrações da cartilha, percebeu-se que a distinção e a atribuição dos termos relativos às cores ‘branco’, ‘preto’ e ‘vermelho’ constitui uma unanimidade entre os falantes. Com relação às cores ‘verde (e azul)’ e ‘amarelo’, a atribuição desses termos tem se mostrado bastante inconsistente.

Indistintamente, os mesmos termos têm sido considerados para essas cores, até pelos mesmos falantes. E também, indistintamente, outros termos são atribuídos a ambas as cores, como: **ĩkiã** (cabeça?), **kə-ĩtɛpi** ‘CLASSIFICADOR para casca+sujo’ ou **kə=ĩtɛpi aya** ‘CLAS(para casca)=sujo quase’. O ‘amarelo’ ainda tem sido referido como **ĩpo aya** ‘quase branco’. Entre os vários critérios propostos por Berlin e Kay (1969) para se considerar termos de cores básicas, encontram-se aqueles que se referem ao fato de que estes devem ser psicologicamente salientes para seus informantes, no sentido de apresentar estabilidade de referência entre estes e entre ocasiões de uso. E mais, deve ocorrer no idioleto de todos os informantes. Além do que, do ponto de vista formal, devem ser monolexêmicos e não devem incluir em sua significação qualquer outro termo de cor. Como se pode observar, os termos indicados pelos informantes para ‘verde’ e ‘amarelo’ em Panará não

apresentam estabilidade de uso: são indistintamente referidos para ambas as cores. Os demais nomes atribuídos a essas cores, ou são sintagmas descritivos, ou são derivados de cores básicas expressando matizes, da mesma maneira, aliás, como foram referidas as demais cores básicas investigadas, demonstrando que a língua ainda não gramaticalizou certas cores do continuum.

Vale acrescentar que termos de cores em Panará, em sintagmas nominais, são obrigatoriamente precedidos de classificador nominal, predominantemente o classificador **kə** ‘casca’.

2.4 ADVÉRBIOS

Advérbios, assim como adjetivos, não podem ser classificados em termos de um protótipo. São palavras que não são nomes, nem verbos, nem adjetivos, mas que possuem um conteúdo semântico. Muitos dos advérbios em Panará derivam claramente de nomes

como as formas **sua** ~ **asua**, derivada de **sua** ‘dente’, que corresponde ao advérbio de lugar ‘na frente’ e **puti** ~ **îputi**, derivado de **îputi**, ‘nuca’ correspondente a ‘atrás’. Outros apresentam uma forma composta com **puu** ‘roça’, como **puu+tã>puuâtã** roça+ALA > ‘para longe’, **puu+pej>puuâpej** roça+ABL > ‘de longe’ e **puu+âhã>puuâhã** roça+LOCATIVO > ‘longe’; outros têm a mesma forma dos pronomes demonstrativos ‘este’ e ‘aquele’, respectivamente, seguidos de posposição ADESSIVA **ia+hã>iãhã** e **ua+hã>uãhã** ‘aqui e lá’; ALATIVA **ia+tã>iatã**, **ua+tã>uatã** ‘para cá e para lá’; e ABLATIVA **ia+pe>iape** e **ua+pe>uape** ‘daqui e de lá’. Poucos são os advérbios em Panará que apresentam formas que não sejam sincronicamente identificadas como derivadas de outras categorias do léxico, como **mahẽ** ‘aqui’, **îpe** e **pitinsi**, ambos intensificadores. Os advérbios serão aqui, pois, identificados em termos de sua distribuição, como modificadores de categorias que não sejam nomes. Advérbios geralmente ocorrem depois de verbos e adjetivos, sobre os quais têm escopo. Foram encontrados em Panará advérbios que expressam tempo, lugar, modo ou maneira e intensidade.

- (41) ka yi =a =tẽ muu pe
 você.ABS REAL.INTR=2SG.ABS=cair cima ABL
 ‘você caiu de cima.’
- (42) sikiã yi =pi =ø =po ia sua
 Sikiã.ABS REAL.INTR=DIR=3SG.ABS=chegar aqui na frente
 ‘Sikiã chegou na frente aqui.’
- (43) mõi si po nãsisi îpe
 milho CLAS branco doce muito
 ‘milho branco é muito doce.’

Alguns advérbios parecem ter escopo sobre toda a oração, embora se mantenham na posição pós-verbal.

- (44) suãkiarã ø =ne =ø =ku -r(i)
 antigos.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=comer-PERF
 apey pər(i) akrɛti
 no início pau galho
 ‘no início, os antigos só comiam galho de pau’.

Advérbios em Panará também podem constituir o núcleo de um predicado nominal locativo e serão abordados no capítulo 4, item 4.3, sobre tipos de predicados.

- (45) pyi maʔirihẽ panãra y -õ koa
 PIV **perto** Panará RC-POSS casa
 ‘o PIV fica perto da aldeia dos Panará.’

Dentro da categoria de advérbios, existem ainda em Panará as pró-formas adverbiais que ocorrem em orações interrogativas em substituição a adjuntos adverbiais. O estudo dos advérbios interrogativos, abaixo arrolados, serão descritos no item 4.5.3.3 do capítulo 4, quando tratarmos das orações interrogativas. Esses advérbios interrogativos são constituídos de posposição precedida ou pela partícula interrogativa **yu** ou pelo pronome interrogativo **piã** ‘que’ (também indefinido: ‘algo’), ou da conjunção temporal (**ãhã**) precedida por **yu**:

- (46) yu ri PI LOC ‘onde’
 yu tã PI ALA ‘para onde’

yu pe	PI ABL	‘de onde’
yu rãha	PI TEMP	‘quando’
piã rahe	que FIN	‘porque’
piã ramã	que INES	‘em que’

O advérbio interrogativo **yutihẽ** ‘quanto’ está sendo considerado como um item lexical, uma vez que não foi possível identificar **tihẽ** como um formante da língua.

Adjetivos e até nomes podem funcionar como advérbios de modo em Panará:

- (47) mara hẽ ø =ti =ø =krɛ iyi
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=cavar fundo
 ‘ele está cavando fundo.’

- (48) ka ka =ti =tẽ pakrɛ
 você IRR=2SG.NOM=correr (movimento da água do) rio
 ‘você vai correr devagar.’

2.5 PRONOMES

Essa classe de nomes são pró-formas, isto é, elementos que sob certas circunstâncias são usadas como substitutas de sintagmas nominais e que podem também, como adjetivos, modificar o nome (no caso dos demonstrativos e de alguns indefinidos).

Alguns pronomes em Panará, como é o caso dos pronomes pessoais livres, poderiam ser considerados como uma subclasse dos nomes com os quais mantêm identidade distribucional e estrutural. Todavia, nem todos os tipos de pronomes poderiam ser assim considerados, pois se distinguem da classe de nomes tanto do ponto de vista

estrutural quanto distribucional, como é o caso do reflexivo e dos clíticos. Outras motivações para tratá-los como uma classe separada advém do fato de não ocorrerem em posição de adjunto seguido de posposição e, principalmente, por constituírem uma classe fechada e reduzida de itens lexicais.

2.5.1 PRONOMES PESSOAIS LIVRES

Os pronomes pessoais livres em Panará se caracterizam por apresentarem uma única série básica para o singular, à qual se agregam sufixos para formar o dual, o plural em todas as pessoas e o paucal apenas na terceira pessoa. Como os nomes, funcionam como argumentos e, nesse caso, com exceção do absolutivo, que é não-marcado, essas formas são seguidas de posposições¹⁰ que marcam a função e o caso dos demais argumentos nucleares: ergativo, benefactivo, malefactivo, instrumental-comitativo e comitativo. Pronomes livres não ocorrem na posição de argumento nuclear objeto indireto locativo.

¹⁰ Nos casos ergativo e benefactivo não-singular houve fusão da posposição com o pronome, resultando na nasalização da última vogal do pronome.

(49) Pronomes livres

	ABS	ERG	BEN	MAL	ICOM	COM	ABS/ERG
SG	ĩkyẽ	ĩkyẽ hẽ	ĩkyẽ mã	ĩkyẽ pe	ĩkyẽ how	ĩkyẽ kõ	
	ka	ka hẽ	ka mã	ka pe	ka how	ka kõ	
	mara	mara hẽ	mara mã	mara pe	mara how	mara kõ	
PL	ĩkyẽmera	ikyẽmerã	ĩkyẽmerã	ĩkyẽmera pe	ĩkyẽmera how	ĩkyẽmera kõ	mĩ, pa ¹¹
	kamera	kamerã	kamerã	kamera pe	kamera how	kamera kõ	
	maramera	maramerã	maramerã	maramera pe	maramera how	maramera kõ	
DU	ĩkyẽra	ĩkyẽrã	ĩkyẽrã	ĩkyẽra pe	ĩkyẽra how	ĩkyẽra kõ	
	kara	karã	karã	kara pe	kara how	kara kõ	
	marara	mararã	mararã	marara pe	marara how	marara kõ	
PAU	marapyĩra	marapyĩrã	marapyĩrã	marapyĩra pe	marapyĩra how	marapyĩra kõ	

2.5.2 PRONOMES CLÍTICOS

Os pronomes pessoais em Panará também podem ser clíticos, com distribuição distinta da dos pronomes livres. Em dados extraídos de textos, verifica-se, predominantemente, a ocorrência dos clíticos pronominais como argumentos do verbo, sem que haja a presença de nomes ou pronomes livres. Todavia, os clíticos podem também co-ocorrer com os pronomes livres, em contextos pragmaticamente neutros, com função nitidamente anafórica, bem como ainda é possível encontrar os argumentos nominais sem a presença dos clíticos, como se pode verificar nos exemplos abaixo.

¹¹ Esses dois pronomes podem ocorrer como clíticos absolutivos e também como pronomes livres. Como pronomes livres, aparecem com a função de sujeito de verbo transitivo ou intransitivo. Como clíticos, são co-referentes com a primeira pessoa do plural. Como pronomes livres, ambos se referem a 'nós', sendo que **pa**, derivado do homônimo 'gente', pode também se referir a 'ele(s)' e **mĩ** ocorre preferencialmente como exortativo.

- (50) yoriti hẽ ø =ti =ra =sa-ri
 caititu ERG REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=morder-PERF
 priara
 criançada.ABS
 ‘o caititu mordeu a criançada.’

- (51) ø =ti =ra =sa-ri
 REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=morder-PERF
 ‘ele as mordeu.’

- (52) yoriti hẽ ø =sa-ri priara
 caititu ERG REAL.TR=morder-PERF criançada.ABS
 ‘o caititu mordeu a criançada.’

Assim, trataremos esses elementos como clíticos ponominais de co-referência, dado o seu comportamento ambíguo como argumento pronominal *versus* marcador de concordância.

Existem em Panará quatro séries de clíticos ponominais com diferentes formas para pessoa e número no singular, no dual e a mesma para o plural e paucal. Esses clíticos ocorrem sistematicamente à esquerda da raiz do verbo (cf. tabela em (24), neste capítulo) e podem ser co-referentes com os argumentos nucleares que são marcados pelos seguintes casos: o absolutivo, para o sujeito de verbo intransitivo no modo realis, o objeto direto de verbo transitivo, o benefactivo, o malefactivo, o instrumental-comitativo, o comitativo e o inessivo; o ergativo para o sujeito de verbo transitivo no modo realis; o nominativo para sujeito de verbo transitivo e intransitivo no modo irrealis e o dativo, alternativamente, para o benefactivo e comitativo.

(53) Clíticos pronominais de co-referência do verbo com seus argumentos:

		ABS	NOM	ERG	DAT
SINGULAR	1	ra	ø	ri ~ re	kyě'
	2	a ~ ha	ti(a)	ka	kā
	3	ø	ti	ti	mā
PLURAL	1	ra, pa, mĩ	timĩ	ne ~ re	kyě'
e	2	ri(a)	tiri(a)	kari(a)	kā
PAUCAL	3	ra	ø	ne ~ re	mā
DUAL	1	ramẽ	mẽ	rimẽ ~ reme	mẽ
	2	amẽ	timẽ	kamẽ	kamẽ
	3	mẽ	timẽ	timẽ	mẽ

Ao lado dos clíticos pronominais de co-referência, a língua Panará apresenta também prefixos de concordância absolutiva para uma série de verbos, cujos temas se iniciam por s-. Em uma série de verbos, esse prefixo de concordância pode alternar-se com y-, quando o nome se incorpora ao verbo. Isto é, além de marcar concordância, acumula também a função de relacional de não-contigüidade e de contigüidade, respectivamente (cf. nota 3, pag. 14).

(54) Quadro dos prefixos que marcam concordância absolutiva.

	SING/PL
1	r-
2	k-
3	s- ~ y-

- (57) ĩkyẽ yĩ =sa =ra =kui pẽkə
 eu.ABS REAL.INTR=AUX =1SG.ABS=ir roupa.ABS
 ø=re=ĩ-tõ=pi -r(i) ahe
 REAL.TR=1SG.ERG=MS-escolher=pegar-PERF FIN
 ‘eu fui comprar roupa.’

- (58) ĩkyẽ yĩ =ra =po
 eu.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=chegar
 ø =re =a -pẽ =pa -r(i) ahe
 REAL.TR=1SG.ERG=MS-falar=ouvir-PERF FIN
 ‘vim para aprender a falar.’

Todavia esses mesmos prefixos também ocorrem em contexto intra-oracional, principalmente nas construções em que o clítico pronominal encontra-se distante da raiz do verbo principal, pela interposição de categorias gramaticais do verbo, de nomes ou classificadores e/ou posposições incorporados, ou de verbos em construções seriais. Nesses casos esses são prefixados ao último verbo da série.

- (59) ĩkyẽ yĩ =ra =morin=a -kui kukariya tã
 eu.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=ir =MS-ir praia ALA
 ‘eu quero ir para a praia.’

- (60) pãpã ka =tiri =ø =sã =a -mõ
 todos.ABS IRR=2PL.NOM=3SG.ABS=pegar=MS-ir
 ‘todos vocês vão pegar.’

2.5.3 PRONOMES DEMONSTRATIVOS

O Panará apresenta um sistema de pronomes demonstrativos que distingue dois graus de distância ou orientação com relação ao falante/ouvinte, quando o referente é um elemento definido: próximo e distante. As mesmas formas livres dos demonstrativos nesta língua tanto podem ocorrer como verdadeiros pronominais (substitutos do nome), quanto como adnominais (adjetivos). Neste último caso precedem o nome. Quando o referente é indefinido, o demonstrativo tem apenas a função pronominal e não distingue formalmente próximo de distante. O sistema de pronomes demonstrativos do Panará pode ser visto como no quadro abaixo:

(61) Pronomes demonstrativos

	DEFINIDOS	INDEFINIDOS
	PRO/ADN	PRONOMINAL
PRÓXIMO	ia, pia	maya
DISTANTE	ua, mara	

As formas **ia** e **ua** são predominante, mas não exclusivamente, usadas como pronominais e as formas **pia** e **mara** como adnominais. O demonstrativo **mara** com função pronominal não se distingue do pronome independente de terceira pessoa singular (item 2.5.1). Provavelmente, como atestado em várias línguas, este deve ter-se originado daquele, ou vice-versa. Já o demonstrativo **pia** só foi encontrado como pronominal em construções com predicado nominal. O demonstrativo, quando usado pronominalmente, ocorre com toda a morfologia do nome, isto é, com flexão de número e com marca de caso. Algumas dessas formas derivam de advérbios de lugar.

São os seguintes os principais tipos de uso do demonstrativo:

- a) Uso situacional. Envolve a noção de distância relativa para algum centro dêitico e serve para apresentar um referente no universo do discurso. Aponta entidades localizadas em dois graus de distância em relação ao falante. Tem função predominantemente adnominal.

- (62) **uã** **îpi** **hẽ** **ø** **=ti** **=ø** **=îpa-ri**
 aquele homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=ouvir-PERF
 ‘aquele homem ouve.’
- (63) **pia** kar **îpre**
 ‘esta cesta velha.’
- (64) **îkyẽ** **hẽ** **ø** **=re** **=ø** **=pi-ri** **maya**
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG=ABS=comprar-PERF **aquilo**
 ‘eu comprei aquilo.’

- b) Uso anafórico. O demonstrativos também pode ser usado anaforicamente para se referir a um nominal previamente introduzido no discurso, com função predominantemente pronominal. Nesse caso, comporta-se como um argumento do verbo.

- (65) **prĩ** **-ra** **yĩ** **=mẽ** **=rãkio**
 criança-DU.ABS REAL.INTR=3DU.ABS=quente
 ia-ra **yĩ** **=mẽ** **=sõi**
 esta-DU.ABS REAL.INTR=3DU.ABS=vomitar
 ‘as duas crianças estão doentes, estes/as estão vomitando’.

- (66) ua hẽ̃ ø =t(i) =ø =ĩpa-ri
aquele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=ouvir-PERF
‘aquele ouviu.’

c) Pronome resumptivo. O demonstrativo pronominal definido retoma um SN sujeito ou núcleo de uma oração relativa. Geralmente se posiciona no final da oração.

- (67) pãpã yi =ra =pan sipiø ia -pyøra
todos.ABS REAL.INTR=3PL.ABS=viver família este-PAU
‘todos são da mesma família, estes’.

- (68) kɔwmã ø =re =s-ãpũ ĩkiey
hoje REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS-ver mulher.ABS
[prẽ mã ha =pẽ ia pe ian]
COMP POSP 2S.ABS=falar esta ABL ontem
‘hoje eu conheci a mulher sobre quem você me falou (desta) ontem’

2.5.4 PRONOMES INDEFINIDOS

Nessa subclasse de pronomes incluem-se um propriamente indefinido (alguém/ninguém), os quantificadores (todos, muitos, poucos etc.) e os reduzidos numerais (apenas quatro itens), que, do ponto de vista semântico e morfológico, podem ser considerados também como quantificadores ou determinantes. Esses pronomes apresentam um comportamento distribucional idêntico ao dos pronomes demonstrativos, no sentido de que alguns funcionam apenas como pronominais e outros como pronominais e adnominais,

mas semanticamente se distinguem daqueles por não apresentar qualquer caráter dêitico. Quando em uso pronominal, substituem os argumentos nominais, recebem marcação de caso e são alvo de concordância do verbo.

Os pronome indefinido **prẽ** ‘alguém’ ocorre apenas na posição de argumento nuclear (sujeito, objeto direto e indireto¹²), recebe caso, flexiona em número e pode ser negado. A partícula de negação, quando segue a forma do indefinido no plural, também flexiona-se em número por meio do sufixo **-ri**¹³. O pronome indefinido invariável **piã** ‘algo’ ocorre nos mesmos contextos de **prẽ** e não pode ser negado.

- (69) **prẽ hẽ** $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =wayã-ni
 alguém **ERG** **REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS** =fazer-PERF
 pərikə
 canoa.ABS
 ‘alguém fez a canoa.’

- (70) **prẽ hẽ** **pio** $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =wayã-ni
 alguém **ERG** **NEG** **REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS**=fazer-PERF
 pərikə
 canoa.ABS
 ‘ninguém fez a canoa.’

- (71) **prẽ-merã** $\emptyset$ =re = $\emptyset$ =wayã-ni
 alguém-PL.ERG **REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS**=fazer-PERF
 pərikə
 canoa.ABS
 ‘fizeram a canoa.’

¹² Com exceção de objeto indireto inessivo.

- (72) **prẽ-merã** **pio-ri**
alguém-PL.ERG **NEG-PL**
 ø =re =ø =wayã-ni pərikə
 REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=fazer-PERF canoa.ABS
 ‘não fizeram a canoa.’
- (73) **piã** yi =ø =tẽ
algo.ABS REAL.INT=3SG.ABS=cair
 ‘algo caiu.’

Em Panará, o sistema de numeração consiste de quatro itens que, no entanto, podem fazer referência até o número cinco, tendo em vista que um deles se refere tanto ao número ‘três’ quanto ao número ‘quatro’. De fato, esses itens lexicais não são exclusivamente numerais cardinais, podendo funcionar também como multiplicativos e, principalmente, como determinantes e quantificadores. O item para o numeral ‘um’ deriva do homônimo (ĩ)piti ‘sol (o astro)’, e para ‘dois’ é a mesma raiz seguida do afixo dual -ra.

- (74) (ĩ)piti ‘um’ , ‘uma vez’
 piti-ra ‘dois’ ‘duas vezes’, ‘uns’
 nōpiō ‘três ou quatro’, ‘alguns’, ‘poucos’
 ĩkieti ‘cinco’, ‘mais de quatro’, ‘muitos’

Como os demais pronomes indefinidos, com exceção de **prẽ** ‘alguém’ e **piã** ‘algo’, esses elementos podem ocorrer com função pronominal ou adnominal.

¹³ Esse afixo só foi encontrado, como marca de flexão de número, nesse contexto.

- (75) *yì* *=pì* *=ra* *=pẽ* *=ĩkia* *ĩpiti*
 REAL.INTR=DIR=1PL.ABS=fala=perguntar **um**
 ‘gravamos mais uma vez.’
- (76) **pāpā** *hẽ* *ø* *=ne* *=ø* *=ĩkuə -ri*
todos ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=pegar-PERF
kəprepa *ãte*
 papel.ABS DER
 ‘todos pegaram pasta.’
- (77) *ĩkyẽ hẽ* *ø* *=re* *=ø* *=ku* *=krẽ*
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=AUX=comer
sõ **kitin**
 comida.ABS **pouca**
 ‘eu comi pouca comida.’

2.5.5 PRONOMES INTERROGATIVOS E RELATIVOS

O conjunto de pró-formas interrogativas em Panará inclui pronomes e advérbios. Tem-se, pois, pronomes interrogativos e advérbios interrogativos. São pronomes interrogativos em Panará: (a) **prẽ** ‘quem’ e **piã** ‘que’. Estes substituem os argumentos nucleares (sujeito, objeto direto e objeto indireto) e são marcados por caso, sendo que **piã** também pode ocorrer com função de aposto especificativo quando o acompanha o núcleo do sintagma: **piã tɛpì** ‘que peixe?’ (b) O pronome indefinido **ĩkieti** ‘muito/s’ quando ocorre precedido da partícula interrogativa **yu** também como aposto especificativo, se realizando como: **yũ kieti** (**yũ kieti tɔputũ** ‘que/quais chefes?’), após processo de

apagamento vocálico, precedido do espalhamento do traço nasal (cf. item 3, do apêndice).

As mesmas pró-formas interrogativas, são seguidos por posposições, introduzem as orações relativas na língua Panará. Os pronomes **prẽ** ‘quem’ e **piã** ‘que’ substituem os objetos indiretos (benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumetal e locativo). Os interrogativos **piã**, seguido do núcleo do sintagma, e **yũ kieti** ‘qual(is)’ substituem o aposto de especificação, como nas orações interrogativas. As pró-formas adverbiais interrogativas substituem os adjuntos.

2.6 POSPOSIÇÕES

As posposições em Panará formam com o seu objeto sintagmas que podem constituir ou um argumento nuclear do verbo (o objeto indireto), ou um adjunto adverbial de vários tipos. São formas curtas de, no máximo, duas sílabas que ocorrem sistematicamente após o nome. Assim como os nomes, as posposições podem se incorporar ao núcleo de verbos. As mesmas formas das posposições nessa língua também podem funcionar como um operador sintático introduzindo orações adverbiais, cujo predicado pode ser um verbo, um verbo nominalizado ou um nome. Posposições homônimas podem ter diferentes funções: a de introduzir um objeto indireto (78), um adjunto adverbial (79), ou uma oração subordinada adverbial (80). Neste último caso, serão interpretadas como conjunções.

- (78) mara hẽ ø =ti =yĩ =s-ãpũ
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=RFLX=3SG.ABS-ver
 tômaka amã
 espelho INES
 ‘ele se viu no espelho.’

- (79) *kui* *a* $\emptyset$ =*kri*^u *puu* *yamã*
 mandioca.ABS PI 3SG.ABS=jazer roça LOC
 ‘a mandioca está na roça?’

- (80) *ka* *apripe* *ĩkyẽ* *yi* =*ra* =*po*
 você triste eu.ABS REAL.INTR=1PL.ABS=chegar
 yamã *kri* *pey*
 quando aldeia ABL
 ‘você estava triste quando eu cheguei da aldeia.’

Pode-se determinar dois tipos de posposição em Panará: a) as posposições que marcam tematicamente argumentos nucleares da oração (ergativo, benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumental-comitativo e inessivo) e; b) as posposições que marcam tematicamente elementos periféricos (alativo, ablativo, intrumental, final essivo, adessivo e locativo de vários tipos).

Naturalmente, existe uma certa identidade semântica entre as posposições que marcam os oblíquos propriamente ditos, no sentido de que essas exibem papéis temáticos mais específicos do que aquela que marca o sujeito ergativo. No entanto, a língua estabelece um recorte diferente. As posposições núcleos de sintagmas que são argumentos nucleares dos verbos parecem marcar caso gramatical, ao passo que as posposições núcelos de sintagmas que são argumentos periféricos sugerem caso semântico.

(81) As posposições em Panará¹⁴

marcam casos sintáticos		marcam casos semânticos	
ERGATIVO	hẽ	INESSIVO (para recipientes fechados)	kra
DATIVO (BENEFATIVO)	mã	ALATIVO	tã, mã
MALEFATIVO	pe	ABLATIVO	pe
COMITATIVO	kõ	INESSIVO (para continentes de água)	kõ
INSTR-COMITATIVO	how ~ ɔw	INSTRUMENTAL	how~ɔw
INESSIVO (para recipientes abertos)	amã	LOCATIVO ‘em, sobre’	amã
		ESSIVO	ri(n) ~ pi(n)
		ADESSIVO ‘perto de, sobre’	hã
		FINAL	ahe

2.7 CONJUNÇÕES

Conjunções são palavras que são usadas para conectar palavras, sintagmas ou orações. Tradicionalmente se distinguem dois tipos de conjunção: coordenativas e subordinativas. Em Panará essa distinção não se aplica. O que se distingue é conjunção que conecta sintagmas nominais de conjunção que conecta orações subordinadas adverbiais¹⁵. As orações coordenadas em Panará não são conectadas por conjunções (cf. capítulo 5, item 5.6).

¹⁴ Posposições homônimas podem pertencer a tipos diferentes.

¹⁵ Disponho de um único exemplo em que a conjunção associativa **mẽ** foi conectada para ligar orações, em discurso formal proferido pelo chefe Teseya (cf. capítulo 6, item 6.1.1.3). Não sei se esse é um uso associado a certos estilos discursivos.

A conjunção que coordena sintagmas nominais **me ~ mẽ** ‘e, também’, normalmente, segue cada constituinte que correlaciona, formando com este uma unidade estrutural e fonológica, podendo assim ser caracterizado como posposicional. Pode também ocorrer uma única vez entre dois sintagmas, ou simplesmente ser omitida.

A ocorrência dessa conjunção parece, em certos contextos, atender mais a exigências de ordem semântico-discursiva do que gramatical. Dois sintagmas nominais podem ser ligados por apenas um conector entre eles, sem nenhuma pausa entonacional, contrastando com sintagmas nominais seguidos por conectores e separados por uma pausa entonacional entre eles. No primeiro caso, parece designar uma unidade conceitual simples, já no segundo caso, parece designar membros conceitualmente distintos de algum conjunto. No exemplo (82), em que ‘o homem branco e os outros índios’ referem-se à ‘frente de atração’, portanto uma unidade conceitual simples. Já os mesmos sintagmas em (83) referem-se a elementos distintos do conjunto de ‘inimigos’.

(82) hipẽ mẽ sɔpapiɔya hẽ

homem branco e outros índios ERG

ø =timẽ =mã =sɔti =yõ-ri

REAL.TR=3.DUAL.ERG=3.DAT=coisa=dar-PERF

‘o homem branco e os outros índios deram presentes para os panará.’

- (83) $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =pĩkɔ -ti rõ tã
 REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=conhecer-PERF NEG ainda
 $\emptyset$ =re =pĩ =pa-ri
 REAL.TR=3P.ERG=lutar=matar-PERF
 apey sɔpapiɔ mẽ, ãpẽ me
 no começo outros brancos e homem branco e
 ‘no começo, porque ainda não conheciam (os outros povos), os panará
 matavam outros índios, e brancos.’

Também foi encontrada, embora com pouca frequência, a conjunção associativa *iakã*, ocorrendo após cada SN que coordena:

- (84) pãpã yi =ra =pan sipiɔ iapyĩra
 todos REAL.INTR=3PL.ABS=ser família estes
 sũpiɔ *iakã* nãpiɔ *iakã* sôpã *iakã*
 pai e mãe e filho e
 ‘todos são da mesma família: o pai, a mãe e o filho.’

As conjunções que conectam orações adverbiais são, na sua maioria, derivadas de posposições. Podem se posicionar no final ou no início dessas orações. Foram encontradas em Panará as conjunções subordinativas abaixo enumeradas. Ao lado de cada uma delas são indicadas as noções semânticas associadas às orações que introduzem:

- **amã** - causa, contingência, concessão e tempo;
- **ahe** - finalidade;
- **ãhã** e **tã** - temporalidade;
- **tu/ta...ta** - como condicionais;
- **mãmã** – sequencialidade.

Algumas dessas conjunções podem se combinar para introduzir outras noções nas orações em que ocorrem (cf. 5.5.1).

2.8 PARTÍCULAS

Em Panará existe um reduzido número de itens gramaticais invariáveis que se distinguem de clíticos, por serem acentuados (embora possam também se cliticizar em alguns contextos), e de palavras, por não ocorrerem isolados no discurso. Esses elementos serão considerados em nossa análise como elementos pertencentes à classe de partículas em Panará. Reconhecemos a dificuldade em atribuir esse rótulo a uma classe de palavras, por ser uma noção sintaticamente ambígua e fruto de controvérsias no campo da lingüística (Zwicky 1985). Contudo, dada a impossibilidade em inserir esses itens em quaisquer umas das outras classes de palavras aqui propostas, por sua semântica peculiar e por sua distribuição sintática idiossincrática, assumimos que Panará possui essa classe de palavras.

Consideramos que a classe das partículas em Panará podem ser agrupadas em dois tipos: (a) as partículas funcionais, nas quais incluímos partículas de interrogação, negação, afirmação e uma partícula derivacional, e (b) as partículas evidenciais. As primeiras são claramente elementos gramaticais (funcionais) com escopo definido sobre determinados constituintes da oração. Já as segundas são elementos com conteúdo nocional atuando sobre contextos mais amplos do discurso.

2.8.1 PARTÍCULAS FUNCIONAIS

a) a partícula interrogativa **yu**, que introduz as pró-formas adverbiais interrogativas seguida por posposição, ou a pró-forma pronominal seguida pelo pronome indefinido **ĩkieti**

‘muito(s)’:

- (85) **yu** tã yi =a =kui ka
 PI ALA REAL.INTR=2SG.ABS=ir você.ABS
 ‘para onde você vai?’
- (86) **yũ** kieti yi =ra =po tɔputũ
 PI muito REAL.INTR=3PL.ABS=chegar chefe.ABS
 ‘quais chefes chegaram?’

b) a partícula interrogativa **a** que ocorre em sentenças interrogativas do tipo sim ou não, em várias posições na oração (cf. capítulo 4, item 4.5.3):

- (87) **a** yi =a =kĩ
 PI REAL.INTR=2SG.ABS=bom
 ‘você está bem?’

c) as partículas de negação **nõ ~ rõ** e **pio** para negação de predicados nominais e verbais nos modos realis e irrealis e, também, para a negação de nomes; a partícula de negação **sã** para predicados no modo imperativo; e a partícula de negação categórica **ĩkiow**. As partículas de negação ocorrem imediatamente após o constituinte sobre o qual recai o seu escopo. A partícula de negação categórica ocorre sempre no início da sentença, onde também pode funcionar como negação sentencial. Essas partículas serão apresentadas no capítulo 4, item 4.5.2, quando tratarmos das orações negativas.

d) as partículas de afirmação **pa**, que ocorre sempre em início de sentença.

- (88) **pa** ikyẽmera panãra
sim nós Panará
 ‘sim, nós somos Panará.’

- e) as partículas descontínuas **kua ... hã** e **ha ... sã**, que marcam imperativo afirmativo e negativo, respectivamente (cf. item 4.6, capítulo 4).
- f) partícula derivacional **ãte**, já mencionada, que, ao seguir um nome, atribui, ao referente deste, a noção ou de agente, ou de instrumento, ou de recipiente (serão aqui glossadas indistintamente como derivacional (DER)).

- (89) **perãko** mẽ **mikre** mẽ **howkyia** **ãte**
 Perankô e Mikre escola **DER**
 ‘Perankô e Mikre são professores.’

2.8.2 PARTÍCULAS EVIDENCIAIS

Existem em Panará, pelo menos, cinco formas livres que apresentam características dos chamados evidenciais, isto é, da “codificação lingüística da epistemologia” (Chafe 1986). Referem-se à atitude do falante com relação à veracidade da informação contida na oração, seja pelo grau de comprometimento com o que está sendo asseverado na informação em si mesma, seja com referência à procedência e a importância dessa informação. São de três tipos diferentes: (i) três formas se referem ao não-comprometimento do falante com a verdade da informação; (ii) uma forma indica a fidedignidade da informação em relação à sua fonte; (iii) e uma outra forma indica que a informação contida na proposição foi frustrada.

Os evidenciais: **ĩne** ~ **inẽ**, **kĩpi** e **tapia** possuem uma mesma função: indicar o não-comprometimento do falante com a verdade da informação (aqui traduzidos como ‘talvez, parecer, achar’). Apresentam, contudo, uma distribuição diferente que pode estar correlacionada com efeitos de escopo ou de foco. Essas formas podem ocorrer *de per si* ou conjuntamente na mesma sentença. A distribuição e a possibilidade de co-ocorrência desses elementos são as seguintes: (i) **ĩne** ~ **inẽ** - vem sempre no início da oração, pode ocorrer: sozinho, só com **kĩpi**, só com **tapia** ou com ambos; (ii) **kĩpi** - ocupa a posição entre o sujeito e o verbo da oração. Pode ocorrer: com **inẽ**, ou simultaneamente com este e **tapia**; **tapia** - posiciona-se após o verbo; não ocorre apenas com **kĩpi**.

- (90) **ĩne** yi =ra =morin =a -kui kukarĩya tã
 EVD REAL.INTR=1SG.ERG=ir =MS -ir areia ALA
 ‘talvez eu vá para a praia.’

- (91) **inẽ** panãra **kĩpi** ra=sãpə kĩn
 EVD Panará.ABS EVD 3PL.ABS=comer bem
 ‘parece que os Panará estão comendo muito.’

- (92) **inẽ** adriana ka =ti =po **tapia** pĩkowmã
 EVD Adriana IRR=3SG.NOM=chegar EVD amanhã
 ‘parece que Adriana vai chegar amanhã.’

- (93) **inẽ** nãsepotiti **kĩpi** kĩri **tapia**
 EVD Nãsepotiti EVD bom EVD
 ‘parece que Nasepotiti é ótimo.’

O evidencial **tiāni** ~ **tiāri** tem o sentido de atestar que a informação contida no discurso será reproduzida exatamente como lhe foi contada . Trata-se do evidencial reportivo. Ocorre sistematicamente após o último verbo da sentença e é, geralmente, encontrado no início de narrativas como forma de atrair a atenção do(s) ouvinte(s), já que o que se vai narrar é fato que merece ser contado. Observe como se inicia a narrativa sobre a origem do milho:

- (94) **yi** =∅ =kui **tiāri** **pīpiə**

REAL.INTR=3SG.ABS=ir **EVD** marido.ABS

‘o marido foi.’

- (95) ∅ =ti =∅ =ku-ri **tiāni** **pīpiə**

REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=comer-PERF **EVD** marido.ABS

‘o marido comeu.’

- (96) ∅ =ti =(i)pa =sə -ri **tiāni** **īpɛ** amā

REAL.TR=3SG.ERG=fígado=doer-PERF **EVD** INTSF LOC

‘ela estava com muita dor no fígado.’

- (97) ∅ =ti =ra =sō =su-ri **tiāni**

REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=comida=fazer-PERF **EVD**

sōpā ia -pyīra

filho este-PAUC

‘ela fez comida para seus filhos.’

- (98) $\emptyset$ =ne =sa =ku = $\emptyset$ =ku-ri
 REAL.TR=3PL.ERG=pegar=cortar=3SG.ABS=comer-PERF
 mãã $\emptyset$ =ti =ra =sũũ tiãni
 aí REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=dizer EVD
 ‘comeram e aí ela contou para eles.’

A forma **akua** ~ **rākua**, que também ocorre em posição pós-verbal, atribui um sentido de frustração ou de contrariedade em relação à expectativa apresentada na proposição:

- (99) yi =ra =ti akua
 REAL.INTR=1SG.ABS=morrer EVD
 ‘eu quase morri/eu desmaiei.’
- (100) prɛtɛ he $\emptyset$ =ne =se =sũũ rākua
 jaburu ERG REAL.TR=3PL.ERG=AUX=dizer EVD
 ‘os jaburus negaram (que haviam roubado o fogo do urubu).’
- (101) ãkyẽ hẽ $\emptyset$ =ri = $\emptyset$ =krɛ akua
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=plantar EVD
 ‘eu quase plantei.’

O método adotado para se definir classes de palavras em Panará pautou-se no modelo de prototipicalidade (Rosch e associados 1973, 1978), em que membros dessas classes apresentaram traços centrais e outros apenas traços periféricos dos protótipos. Todavia, como se sabe, os limites entre uma e outra classe nem sempre são bem definidos, assim palavras que funcionam algumas vezes como elemento de uma classe e algumas vezes

como elemento de outra classe não foram exaustivamente aqui abordados.

Capítulo 3

SINTAGMAS

As principais funções do sintagma, de acordo com Andrews (1985), devem ser consideradas sob o ponto de vista semântico, pragmático e gramatical. Os dois primeiros são aspectos do significado da sentença, o último diz respeito à sua estrutura. Serão objeto de estudo no presente capítulo apenas a estrutura dos sintagmas e suas funções gramaticais.

Há na língua Panará sintagmas verbais (SV), nominais (SN), adjetivais (SAdj), posposicionais (SP) e adverbiais (SAdv). Com exceção dos posposicionais que se realizam obrigatoriamente com seus objetos, apenas os núcleos dos demais sintagmas se realizam obrigatoriamente. Já o complemento ou o modificador ocorrem opcionalmente. Os sintagmas verbais e nominais podem ter núcleos complexos. Os demais possuem núcleos que consistem de apenas um item lexical.

3.1 SINTAGMA VERBAL

O sintagma verbal em Panará pode ser constituído apenas do verbo ou do verbo seguido pelo(s) complemento(s): SN objeto direto e/ou SN objeto indireto. Na maioria das vezes, dentro de um contexto discursivo, o sintagma verbal no Panará se realiza com seu núcleo apenas, dispensando a presença do complemento SN objeto direto, em verbo de dois lugares, ou do SN objeto indireto, em verbo de três lugares. Clíticos pronominais ou prefixos que precedem o verbo codificam os complementos apagados. Ocorre como núcleo de um sintagma verbal um verbo prototípico transitivo ou intransitivo. É também possível ter-se em Panará um núcleo verbal complexo compreendido por: (a) até três verbos, no caso das construções seriais (cf. item 5.1, capítulo 5); (b) classificadores, nome e/ou posposição incorporados mais o verbo hospedeiro.

Em orações negativas, o advérbio de negação ocorre sempre imediatamente após o núcleo. Advérbios com escopo sobre o predicado, ou ocorrem imediatamente após o núcleo verbal ou depois do complemento, isto é, sempre dentro dos limites do sintagma.

- (102) tukokiã hẽ ø =ti =ø =ku =krẽ pio
 Tukokiã ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=AUX=comer NEG
 kiãpo ian
 beiju.ABS ontem
 ‘Tukokiã não comeu beiju ontem.’

- (103) pia ãpi hẽ ø =ti =ø =wayã-ni
 aquele homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=fazer-PERF
 përikø tĩramã
 canoa.ABS devagar
 ‘aquele homem construiu a canoa devagar.’

- (104) ãkyẽ y-ũpiø hẽ ø =ti =sa =popo apo tẽpi
 eu RC-pai ERG REAL.TR=3SG.ERG=furar=flechar rapidamente peixe
 ‘meu pai flechou o peixe rapidamente.’

Ocorrem como elementos periféricos do sintagma verbal em Panará: a) o SN objeto direto e/ou o SP objeto indireto, quando o núcleo é um verbo transitivo; b) o SP objeto indireto, quando o núcleo é um verbo intransitivo. No capítulo 4, item 4.3.2, sobre predicados verbais, trataremos da composição dos sintagmas verbais.

3.2 SINTAGMA NOMINAL

O sintagma nominal na língua Panará é constituído de um núcleo nominal (nome ou pronome) obrigatório e de elementos periféricos opcionais. Os elementos periféricos são

nominais possuidores, adjetivos modificadores (atributivos) precedidos ou não de classificadores nominais e pronomes adnominais (quantificadores, demonstrativos).

3.2.1 SINTAGMA NOMINAL POSSESSIVO E OUTRAS EXPRESSÕES DA POSSE

O sistema de posse em Panará estabelece uma distinção formal e semântica entre posse alienável, isto é, quando o item possuído está ligado de modo contingente ao possuidor; e posse inalienável, quando o item possuído está ligado de maneira necessária ao possuidor. Ao lado deste sistema, a língua distingue também posse inerente *versus* não-inerente para uma classe de nomes. A relação de posse pode ser expressa por meio de nomes, por justaposição e por orações possessivas. Nem todos os nomes podem ser gramaticalmente possuídos em Panará, como, por exemplo, elementos da natureza (terra, montanha, árvore, céu, rios, cachoeira, etc.) e nomes próprios¹.

- (105) *ĩkyẽ² yõ se*
 eu **posse** arco
 'meu arco.'

- (106) *pia kyẽmera kia farĩya*
 esta nós **posse** farinha
 'esta é a nossa farinha.'

¹ Encontramos, contudo, dois exemplos no discurso de um mesmo falante, em que 'Xará (apelido de Ezequias)' e 'terra' ocorrem como possuídos. A este último pode-se atribuir o significado de 'pátria':

ĩkyẽ kia sara
 eu **posse** Xará
 'meu Xará.'

pa ĩkyẽ yõ kipa kĩn pĩtinsi
 sim eu **posse** terra boa INTF
 'sim, minha terra era ótima.'

² Os mesmos pronomes livres ocorrem como possuidores em construções genitivas.

- (107) pakua pəri
 banana árvore
 ‘o pé de banana.’

3.2.1.1 POSSE INALIENÁVEL

A posse inalienável ocorre no domínio de sintagmas nominais, em que o possuidor precede o possuído sem quaisquer intermediação. Incluem-se entre os inalienáveis todos os nomes de partes de um todo (casa, planta, corpo, parentesco³, etc.).

- (108) ñkyẽ y-asĩ
 eu RC-nariz
 ‘meu nariz.’
- (109) kiõpɛ ø-tõ
 kiompé RC-irmão
 ‘o irmão de Kiompé.’
- (110) kukrɛ nãpɛ
 casa parede
 ‘a parede da casa.’

Na língua Panará, como já foi mencionado, nomes podem se incorporar a núcleos de sintagmas verbais. Os nomes suscetíveis de incorporação devem ocupar a posição de objeto direto de verbos transitivos ou sujeito de verbo transitivo na voz média. Entre os nomes que

³ Com exceção de nomes equivalentes a ‘sogra’ e ‘cunhado/a’, os quais são marcados por partícula de posse alienável.

mais comumente se incorporam estão os nomes de posse inalienável que descrevem a relação de uma parte com o seu todo - partes do corpo. O nome possuído se incorpora, deixando para trás o possuidor como objeto direto externo, marcado pelo caso absolutivo, como em (b) de (111). Quando o possuído se encontra na função de sujeito de verbo em voz média, o possuidor permanece na posição de sujeito marcado pelo caso ergativo, conforme (b) de (112).

(111) a. mara hẽ ø =ti =ø =krə-ri

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=puxar-PERF

iʔkow y-aanpi

macaco RC-rabo.ABS

‘ele puxou o rabo do macaco.’

b. mara hẽ ø =ti =ø =s-aanpi =krə-ri

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=RNC-rabo=puxar-PERF

iʔkow

macaco.ABS

‘ele puxou o rabo do macaco.’

(112) a. prĩ ø -tɛ hẽ ø =ti =yĩ =kũĩ

menino RC-perna ERG REAL.TR=3SG.ERG=MED=quebrar

‘a perna do menino quebrou-se.’

b. prĩ hẽ ø =ti =y(ĩ) =ĩ-tɛ =kũĩ

menino ERG REAL.TR=3SG.ERG=MED=RNC-perna=quebrar

‘a perna do menino quebrou-se.’

3.2.1.2 POSSE ALIENÁVEL

A posse alienável em Panará pode ser expressa por meio de diferentes nomes, que podem ocorrer em contigüidade ou não com o possuidor. Existem três formas diferentes que marcam a posse inalienável em Panará. Duas destas ocorrem obrigatoriamente com prefixos relacionais (Rodrigues 1981, 1990). Possuidor e o nome referente a ‘posse’ formariam um sintagma nominal, cujo núcleo seria este último. O nome referente ao possuído seria um aposto.

- a) O nome *-õ* ‘posse’, precedido pelos sufixos relacionais *s-* e *y-*, marcadores de contigüidade e não-contigüidade com o nome referente ao possuidor, respectivamente. *yõ* ocorre sempre contíguo ao possuidor (113 e 116). *sõ* precede o elemento possuído que ocupa a posição de complemento (114) ou de adjunto do verbo (115), enquanto que o possuidor ocupa a posição de sujeito de um verbo transitivo ou intransitivo, respectivamente.

(113) *tɛsɛyɑ y-õ* *puu / puu tɛsɛyɑ yõ*

Tɛsɛyɑ RC-posse roça’

‘a roça de Teseya (lit: roça, propriedade de Teseya).’

(114) *mairɑ hẽ ø =ti =s-ãpũ s-õ koɑ*

Maíra ERG REAL.TR=3SG.ERG=3S.ABS-ver RNC-posse casa.ABS

‘Maíra conhece sua (dela própria) casa.’

(115) *kokɑ yĩ =ø =sə s-õ koɑ amã*

Kokɑ.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=entrar RNC-posse casa INES

‘Kokɑ entrou em sua (dele próprio) casa.’

Contrastando com:

- (116) *kokə yi =∅ =sə mara y-õ koa amã*
 Kokâ.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=entrar ele RNC-posse casa INES
 ‘Kokâ entrou em sua (de outro) casa.’

O nome *sõ* também pode ocorrer seguido por *sakiama* ‘próprio, mesmo’, um pronome resumptivo do nominal possuidor. Nesse caso, segue o nome possuído que tem a função de objeto direto. Já o possuidor pode ter a função ou de objeto indireto (benefactivo) ou de sujeito ergativo.

- (117) *ĩkyẽ hẽ ∅ =re =pi =mã =sõ-ri sabãw sõ*
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=DIR=DAT=dar-PERF sabão posse
sakiama pikõ mã
 ela própria Pikõ BEN
 ‘dei à Pikõ o seu próprio sabão.’

- (118) *akə hẽ ∅ =ti =∅ =pĩto-ri pãyakriti*
 Akâ ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=perder-PERF gravador.ABS
sõ sakiama
 posse ele próprio
 ‘Akâ perdeu o gravador dele mesmo.’

b) O nome *-ĩ*, também obrigatoriamente precedido pelos prefixos relacionais de contigüidade (*y-*) e de não-contigüidade (*s-*), é menos produtivo do que *sõ/yõ*. Foi encontrado principalmente no discurso dos mais velhos. A forma *yĩ* ocorre apenas entre o elemento possuído e o possuidor. A forma *sĩ* ocorre nos mesmos contextos que *sõ*, exceto naqueles em este co-ocorre com o pronome resumptivo *sakiama* ‘próprio, mesmo’.

- (119) uãhã kyēmera y-ĩ koa tã
 lá nós RC-posse casa ALA
 ‘lá para a nossa casa.’
- (120) maira hẽ ø =ti =s-ãpũ s-ĩ koa
 Maira ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS-ver RNC-posse casa.ABS
 ‘Maíra conhece sua própria casa.’
- (121) pāsina hẽ ø =ti =s-ātɔ-ri sɛkikyĩ
 Pāsina ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS-mandar-PERF Sekikjy.ABS
 s-ĩ/y-ĩ koa tã
 posse casa ALA
 ‘Pāsina mandou Sekikjy para sua (de Pāsina/de Sekikjy) casa.’

Este nome (-ĩ), homônimo do pronome reflexivo, é, possivelmente, o produto histórico da extensão semântica do significado de sĩ/yĩ ‘carne’, ‘visceras’, ‘eflúvios’ para a função de posse e de reflexivo (e voz média), como atestado em várias línguas do mundo. Com função possessiva, entretanto, é pouco produtivo, tendo sido encontrado quase que exclusivamente no discurso dos mais velhos.

c) O nome *kia* é usado principalmente, mas não exclusivamente, para marcar a posse de bens alheios à cultura dos falantes dessa língua, isto é, conhecidos ou adquiridos a partir do contato com o homem “branco”. Ocorre à direita do possuidor, isto é, tem a mesma distribuição de *yõ*.

- (122) ø =re =ø =pio -ri kəyasə luzia kia
 REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=achar-PERF faca.ABS Luzia posse
 ‘achei a faca de Luzia.’

- (123) pia kyẽmera **kia** sase
 esta nós **posse** rede
 ‘esta é nossa rede.’

Na língua Panará, a posse também pode ser expressa por meio de orações possessivas. Essas construções se caracterizam por apresentar:

- a) o nome **-õ**, contíguo ao possuidor, mas marcado pelo prefixo relacional de não-contigüidade, sinalizando que estes elementos integram constituintes distintos. Os exemplos em (124) com **s-õ** e em (125) com **y-õ** ilustram bem esse contraste:

- (124) tẽseya **s-õ** puu
 Tẽseya **RNC-posse** roça’
 ‘Tẽseya tem roça.’

- (125) tẽseya **y-õ** puu
 Tẽseya **RC-posse** roça’
 ‘a roça de Tẽseya.’

b) o nome **s-õ**, precedido de morfologia verbal intransitiva de modo e, supostamente, de concordância com o sujeito. Este pode ser interpretado como o núcleo de um predicado intransitivo, com o possuidor na posição de sujeito marcado pelo caso absoluto, como em (126) e (127).

- (126) kitakriti yi =∅ =sõ pẽkə
 kitrakriti.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**posse** vestido
 ‘Kitakriti tem vestido.’

- (127) ãkyẽ yĩ =ra =sõ kiãpotiti
 eu.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=**posse** biscoito
 ‘eu tenho biscoito.’

Atribuir apenas a **sõ** o status de núcleo de um predicado intransitivo colocaria um problema para a presente análise: em Panará, predicados intransitivos podem ocorrer apenas com objeto indireto, mas não com objeto direto, como acontecem nessas construções. Este caso seria, portanto, a única excessão à regra.

Estruturas paralelas a essas são encontradas na gramática dessa língua e podem nos ajudar a definir o tipo de predicado dessas construções. Em Panará, nomes em geral podem funcionar como núcleos de predicados. Esses nomes podem ocorrer marcados por morfologia própria de verbos transitivos (128) e intransitivos (129), ou sem qualquer marca, no caso dos predicados nominais (130):

- (128) pãpã ø =ne =ø =sare ṣeti
 todos.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**raiz** amendoim.ABS
 kyãrãṣø y-õ
 cotia RC-posse
 ‘todos arrancaram o amendoim da cotia.’

- (129) mara yĩ =ø =pĩpio
 ela.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**marido**
 ‘ela é casada (lit: ela tem marido).’

- (130) kaṃera panãra
 vocês Panará
 ‘vocês são Panará.’

Por outro lado, construções seriais são bastante produtivas em Panará. Nessas construções, o último verbo à direita da série define a classe de verbo daquele predicado.

Nomes foram encontrados compondo elementos da série (131) e (132), em última posição, definindo o predicado como transitivo e intransitivo.

- (131) ka hẽ ø =ka =ø =su =atõ
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS=**atingir**=**arma**
 iãsi su
 veado.ABS atingir
 ‘você atirou no veado (e o atingiu).’

- (132) yi =si =ɔw =(ra) =rãpiu ãkyẽ
 REAL.INTR=**ficar**=INSTR=1SG.ABS=**sangue** eu.ABS
 ‘eu menstruei (eu fiquei com sangue).’

Esses fatos nos levam a propor que construções possessivas em Panará com o nome **sõ** ‘posse’ marcado por morfologia verbal mais o nome do possuído constituem o núcleo de um predicado complexo. Este predicado expressa posse específica, sendo o nome, como último elemento da série, o definidor da intransitividade do predicado.

- (133) kiõpe yi =ø =sõ =kukrẽ
 Kiompé.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**posse**=**casa**
 ‘Kiompé possui casa.’

- (134) mĩ =sõ-ri kwatikiãkə pa=sõ =pəraso ahe
 nós.EXOR=dar-PERF colar.ABS nós=**posse**=**dinheiro** FIN
 ‘vamos vender colar para ganhar dinheiro.’

Confirma o acerto desta análise a posição da partícula de negação nessas construções, como em (135), isto é, após o núcleo do predicado, que é a posição canônica para a negação em Panará, considerando-se inaceitável a negação após **sõ**, como em (136).

- (135) kiõpɛ yĩ =ø =sõ =kukɛ pio
 Kiompé.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=posse=casa NEG
 ‘Kiompé não possui casa.’

- (136) *kiõpɛ yĩ =ø =sõ pio kukɛ
 Kiompé.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=posse NEG casa
 ‘Kiompé não possui casa.’

3.2.1.3 POSSE INERENTE

Ao lado desse sistema de posse, o Panará apresenta formas de um sistema da chamada posse inerente, isto é, a língua distingue nomes referentes a bens obrigatoriamente possuídos de bens não-obrigatoriamente possuídos. Os primeiros são marcados por prefixos, ao passo que os últimos não recebem qualquer marca. Alguns nomes de partes do corpo e alguns nomes de parentesco pertencem à classe de bens inerentemente possuídos. Os nomes inerentemente possuídos são marcados pelos prefixos s-, ã- e ø-, que fazem referência a um possuidor ainda que indefinido e se opõem paradigmaticamente aos prefixos y-, ø- e **assimilação** da vogal inicial do tema do possuído (cf. nota 3, pag 14), isto é, são os já citados prefixos relacionais de contigüidade e não contigüidade (Rodrigues 1981, 1990), respectivamente. Os nomes não inerentemente possuídos raramente são iniciados por esses segmentos, mas, mesmo quando o são, não sofrem qualquer variação no seu tema:

- | | | | | |
|----------|----------|------------------|----------|--------|
| (137) s- | s-ũpiã | ‘o pai dele | sua/*yua | ‘dente |
| | s-õpã | ‘o filho dele’ | | |
| | s-ikia | ‘a unha dele’ | | |
| | s-õkiuti | ‘o pescoço dele’ | | |

- (138) $\tilde{i}$ - $\tilde{i}$ -tõ ‘o irmão dele’ $\tilde{i}$ si/*si/*ãsi ‘nome’
 $\tilde{i}$ -te ‘a perna dele’
 $\tilde{i}$ -tõ ‘o olho dele’
 $\tilde{i}$ -kowkrẽ ‘o coração dele’
- (139) $\emptyset$ - $\emptyset$ -ĩtõ ‘o olho dele’
 $\emptyset$ -ĩpa ‘o figado dele’

a) Os mesmos sintagmas formais usados para expressar posse alienável, o Panará usa também para codificar relações semânticas que não são verdadeiramente de posse ou de parte com o todo.

- (140) yi = $\emptyset$ =piow kyãrãse y-õ suãkia
 REAL.INTR=3SG.ABS=não cotia RC-posse história.ABS
 ‘assim acabou a história da cotia.’

- (141) pakiati pã y-õ ko ãkĩn
 igarapé pequeno RC-posse água boa
 ‘a água do igarapé pequeno é boa.’

- (142) pe y-ĩ koa uĩ pĩtinsi peixoto
 estrangeiro REL-posse casa grande INTF Peixoto
 ‘a cidade é muito grande, Peixoto.’

Verifica-se, pois, que a expressão da posse em Panará se manifesta por meio de duas diferentes estratégias gramaticais: por meio de sintagmas nominais em que o nome referente à ‘posse’ constitui o núcleo e o possuidor seu complemento, tendo o elemento possuído como um aposto; e por meio de orações com predicados complexos. A língua apresenta distinções formais e semânticas para distinguir a posse alienável da posse

inalienável. Além dessa oposição, o sistema de posse em Panará exibe uma classe de nomes marcados pela posse inerente. Sintagmas nominais sem qualquer expressão conceitual de dependência, apresentam-se com as mesmas formas utilizadas para codificar a posse em Panará.

3.2.2 MODIFICADORES DO NOME

Sintagmas nominais em Panará podem ter como elemento periférico adjetivo e/ou pronome adnominal (determinante e quantificador). Em construções neutras, os adjetivos seguem o nome, e os determinantes e quantificadores o precedem.

- (143) **saya po**
 pena branco
 ‘pena (da asa) branca.’

- (144) **pia rāpən itui**
 esta arara nova
 ‘esta arara nova.’

- (145) **īkietī panāra**
 muito Panará
 ‘muito Panará.’

Adjetivo, determinante e quantificador podem co-ocorrer. Nesse caso o quantificador ou segue, ou precede imediatamente o núcleo.

- (146) **pia pīara nōpiō īkin**
 este crianças dois bonita
 ‘estas duas lindas crianças.’

- (147) **pia nōpiō kukɛ ãpre**
este três casa velha
 ‘estas três casas velhas.’

O adjetivo pode ocorrer precedido do classificador nominal co-referente com o núcleo do sintagma ou marcado pelo prefixo relacional de contigüidade.

- (148) **mara mã mã =kĩ pio kiorĩɛ si tɛti**
ele DAT 3.DAT=gostar.IMP NEG arroz CLAS duro
 ‘ele não está gostando do arroz cru.’

- (149) **si y-ufĩ**
osso RC-pesado
 ‘osso pesado.’

Advérbios de intensidade em Panará podem ocorrer no sintagma nominal como modificadores do adjetivo e do quantificador.

- (150) **pyi -rin ĩkieti nãkowsia nãsisi ĩpe**
PIV-LOC muito mamão doce INTF
 ‘no PIV tem muito mamão bem doce.’

- (151) **kyiti ĩkieti pitinsi**
anta muito INTF
 ‘muitíssima anta.’

Sintagmas nominais podem ter também um núcleo complexo formado por uma composição sintática de nome+adjetivo ou nome+nome, os quais apontam para um único referente.

- (152) **kowkiati pã** **krɛ** **kɔpasi**
panela **pequena** CLAS sujo
 ‘copo sujo.’

- (153) **kowkiati krɛ** **ui** **hě** **ø** **=ti** **=yĩ** **=kũĩ**
panela **côncava** grande ERG REAL.TR=3SG.ERG=ME=quebrar
 ‘o barco grande quebrou-se.’

- (154) **pia nãpɛin pəri** **nāsisi** **ĩpɛ**
 esta **cana** **pau** doce INTF
 ‘esta cana bem doce.’

3.3 SINTAGMA ADJETIVO

Os sintagmas adjetivos distinguem-se formalmente dos sintagmas nominais apenas quando o seu núcleo pertence àquela classe de palavras que admitem os prefixos relacionais.

São sintagmas adjetivos:

- (155) a. **kan s-ufĩ** **ĩpɛ**
 cesta RNC-pesada INTF
 ‘a cesta está bem pesada.’

- (156) a. **sõ** **s-aapo**
 comida RNC-estragada
 ‘a comida está estragada.’

São sintagmas nominais:

- b. **kan y-ufĩ** **ĩpɛ**
 cesta RC-pesada INTF
 ‘cesta bem pesada.’

- b. **sõ** **y-aapo**
 comida RC-estragada
 ‘comida estragada.’

Do contrário, não há formalmente como distinguir um sintagma adjetivo de um sintagma nominal:

- (157) pia pñara nōpiō ãkñ
 este crianças dois bonita
 ‘estas duas lindas crianças/estas duas crianças são lindas.’

- (158) pia nãpēin pəri nāsisi ãpē
 esta cana pau doce INTF
 ‘esta cana bem doce/esta cana está bem doce.’

3.4 SINTAGMA POSPOSICIONAL

Existem dois tipos de sintagmas posposicionais em Panará: 1) um que integra a estrutura argumental do verbo como sujeito de verbo transitivo (ergativo) ou como objeto indireto de verbos transitivos e intransitivos (benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumental-comitativo e inessivo); b) e outro que ocorre como adjunto adverbial (locativos de vários tipos, alativo, ablativo, instrumental, final, etc.).

Os sintagmas posposicionais que integram a estrutura argumental do verbo se caracterizam por ser seu complemento objeto de concordância no verbo e, com exceção do ergativo, por admitir a incorporação do seu núcleo, diferentemente dos sintagmas posposicionais que não integram a estrutura argumental do verbo. Diferem também as estratégias de relativização dos objetos das posições de um e do outro tipo de sintagma (cf. itens 5.4.2 e 5.4.3, capítulo 5). Apresentamos no quadro abaixo as principais posições da língua, indicando aquelas que são núcleos de sintagmas posposicionais objetos indireto e aquelas que são núcleos de sintagmas posposicionais adjuntos:

(159) Quadro das principais posposições em Panará

Papéis temáticos	Posposições	OBJ IND	ADJUNTO
malefactivo	pe	X	
ablativo	pe		X
comitativo	kō	X	
inessivo (para continentes de água)	kō		X
inessivo (para recipientes fechados)	kra		X
locativo ‘em, sobre’	amã		X
inessivo (para recipientes abertos)	amã	X	
instrumental-comitativo	hōw	X	
instrumental	hōw		X
dativo (benefactivo)	mã	X	
alativo	tã		X
final	ahe		X
adessivo ‘perto de, sobre’	hã		X
essivo	ri(n)~pi(n)		X

Essa assimetria entre sintagmas posposicionais será abordada no capítulo 5 (item 5.4.2 e 5.4.3) e também no capítulo 6 (item 6.3), que tratam das estratégias de relativização e da incorporação de posposições, respectivamente.

3.5 SINTAGMA ADVERBIAL

Poucos são os advérbios em Panará que constituem o núcleo de um sintagma. Na maioria das vezes ocorrem como locuções adverbiais, ocupando posição de adjuntos modificadores de verbos, adjetivos ou de toda uma sentença. Podem também ocorrer, assim como outras classes de palavras, com morfologia de verbos intransitivos e, neste caso, são

núcleos de predicados. Apenas advérbios de lugar e de modo foram encontrados como núcleos de sintgmas adverbiais em Panará.

(160) **prẽ iãhã**

quem **aqui**

‘quem está aqui.’

(161) **pyi ma?irihe** parãra yõ koa tã

PIV **perto** Panará POSS casa ALA

o PIV fica perto da aldeia dos Panará.’

(162) **yoti yutã**

lagoa **longe**

‘a lagoa é longe.’

(163) **kyẽmera pẽ tayã** kyẽmera pẽ he

nós língua **assim** nós língua FO

‘é assim a nossa cultura.’

Capítulo 4

ORAÇÕES SIMPLES

Neste capítulo são descritos orações simples da língua Panará, os tipos e as relações gramaticais entre seus constituintes, isto é, as relações que se estabelecem entre argumentos e predicados. As propriedades formais que melhor identificam as relações gramaticais são: a marcação de caso; o sistema de concordância do verbo com seus argumentos e a ordem dos constituintes. Inicialmente, serão considerados a ordem dos constituintes da oração e suas possíveis correlações com a ordem de outros constituintes (Greenberg 1963), o sistema de concordância, o sistema de marcação de caso e as classes de predicados.

4.1 ORDEM DOS CONSTITUINTES

De acordo com Mithun (1987), o critério para determinar a ordem básica de constituintes de línguas deve levar em conta a simplicidade descritiva, a frequência estatística e a neutralidade pragmática. Em orações simples independentes, sintática e pragmaticamente neutras, na medida em que puderam ser identificadas, a língua Panará exhibe, em dados elicitados, predominantemente a ordem SVO, em 90% dos dados, contra 10% na ordem SOV para as orações com verbo transitivo, e SV em 75% dos dados contra 25% na ordem VS para orações com verbos intransitivos. Todavia, em textos corridos, como mitos, narrativas e diálogos, a maioria das sentenças ocorre apenas com o núcleo verbal sem qualquer argumento nominal, dificultando, assim, uma comparação com os resultados obtidos com dados elicitados. Os percentuais de frequência da ordem de constituintes nesses dados são os seguintes:

- (i) A ocorrência de apenas o núcleo verbal, sem qualquer argumento expresso, é de 45% para verbos transitivos, e 53% para verbos intransitivos. No caso do verbo transitivo, o mais usual é a incorporação do objeto direto ou a sua

referência por meio de um nome ou classificador genérico *soti ~ so* ‘coisa’ também incorporado ao verbo. Esses resultados mostram que o Panará é uma língua que admite o conhecido fenômeno “pro-drop”, isto é, a omissão de argumentos nominais.

- (ii) Verbos intransitivos com o sujeito expreso ocorre em 47% dos dados. Verifica-se a variação VS/SV, com predominância da ordem VS. A ordem VS corresponde a 35%; já a ordem SV corresponde a 12%.
- (iii) Verbo transitivo com apenas o objeto nominal expreso em 35% dos dados. Apresenta as ordens VO/OV, com ligeira predominância para VO: VO=19%; OV=16%.
- (iv) Verbos transitivos com o sujeito e o objeto expressos ocorrem em apenas 16% dos dados. Verifica-se a possibilidade de qualquer uma dessas ordens: SVO=8%; SOV=8%.
- (v) Verbo transitivo com apenas o sujeito nominal expreso em apenas 4% dos dados. É bem raro e só ocorre quando o objeto se encontra incorporado ao verbo nas ordens SV/VS, sem qualquer predominância para uma delas. SV=2% e VS 2%.

(164) Ordem de constituinte em dados não elicitados

TRANSITIVO							INTRANSITIVO		
V	VO	OV	SOV	SVO	SV	VS	V	SV	VS
45%	19%	16%	8%	8%	2%	2%	53%	12%	35%

Determinar a ordem básica dos constuintes da oração em Panará com base em dados elicitados e não-elicitados torna-se problemático, devido, principalmente, à ausência de argumentos nominais em dados não elicitados, em que predomina a ocorrência de apenas o núcleo verbal sem qualquer argumento (45% para verbos transitivos e 53% para verbos intransitivos), ou a ocorrência de apenas um dos argumentos no caso do verbo transtivo, predominando a omissão do sujeito, num total de (39%). Em resumo, na grande maioria dos dados a ordem dos constituintes não pode ser verificada. Quando todos os argumentos estão presentes, para os verbos transitivos temos

os mesmos índices para as ordens SVO e SOV, com 8% de frequência cada. No caso dos verbos intransitivos predomina a ordem VS, com 35% contra 12% da ordem SV. Se considerarmos apenas os resultados em que todos os argumentos estejam presentes e os confrontarmos com os obtidos em dados elicitados, nos parece que esses percentuais não permitem definir uma ordem de constituintes nessa língua, como se pode observar na tabela abaixo:

(165) Ordem dos constituintes em Panará

DADOS ELICITADOS				DADOS NÃO ELICITADOS			
TRANSITIVO		INTRANSITIVO		TRANSITIVO		INTRANSITIVO	
SVO	90%	SV	75%	SVO	8%	SV	12%
SOV	10%	VS	25%	SOV	8%	VS	35%

O que esses resultados preliminares apontam é que o verbo nessa língua apresenta características de línguas não-configuracionais, no que se refere à sua predominante atualização como um elemento proposicional, dispensando, assim, a presença dos argumentos nominais. O núcleo verbal em Panará pode conter em seus domínios: os clíticos co-referentes com sujeito e objeto direto e/ou objeto indireto; prefixos de concordância com absolutivo para uma classe de verbos; a incorporação do núcleo do SN objeto direto nominal e do SN sujeito de verbo na voz média; a incorporação de certas posposições; direcionais; prefixos de *switch reference* e a possibilidade de um predicado com mais de um verbo em série que projeta toda a *frame* do evento ou estado que se quer expressar. O verbo, então, pode funcionar como uma verdadeira proposição. No entanto, não há qualquer evidência de que os argumentos nessa língua sejam meros adjuntos, considerando que é possível também encontrá-los em orações sem a ocorrência dos clíticos pronominais, isto é, com o verbo despido desses elementos, da mesma forma que em co-ocorrência com estes. Some-se ainda ao fato, já mencionado, do Panará ser uma língua *pro-drop*, isto é, de admitir o apagamento dos argumentos em posição de sujeito, objeto direto e indireto. Nas relações gramaticais, como relativização, causativização e clivagem, estes elementos são tratados como argumentos e se distinguem dos adjuntos, como se poderá ver nas análises apresentadas no Capítulo 5.

Quanto aos demais constituintes, é possível determinar uma ordem básica, ainda que não haja como correlacioná-la com a ordem dos constituintes da oração. A língua Panará, em construções sintática e pragmaticamente neutras, apresenta as seguintes ordens de constituintes:

a) O genitivo geralmente precede o núcleo, portanto núcleo à direita (G-N):

- (166) **teseya y-õ koa**
Teseya RC-posse casa
 ‘a casa de Teseya.’

b) a adposição segue o nome, portanto, núcleo à direita (N-P):

- (167) **pa āhā**
jirau sobre
 ‘sobre o jirau.’

c) o modificador segue o nome, portanto núcleo à esquerda (N-A):

- (168) **kĩ yakiā**
cabelo preto
 ‘cabelo preto’.

d) o quantificador segue o nome, portanto, núcleo à esquerda (N-QT):

- (169) **pəraso kitin**
folha pouca
 ‘pouco dinheiro.’

e) a oração relativa segue o núcleo (N-ORel):

- (170) **atōsi** [ĩpi hẽ ø =ti =ø =pi-ri]
munição.ABS homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=pegar-PERF
 yi =ø =piɔw
 REAL.INTR=3SG.ABS=acabar
 ‘a munição que o homem comprou acabou.’

f) o adjetivo precede o marcador de comparação e o objeto da comparação segue o marcador:

- (171) **ĩ-te piə ho tɔsakrɛ ĩ-pa**
 3-perna grande INST COMP 3-braço
 ‘a perna é maior do que o braço.’

g) partículas e palavras interrogativas ocorrem em início de sentença:

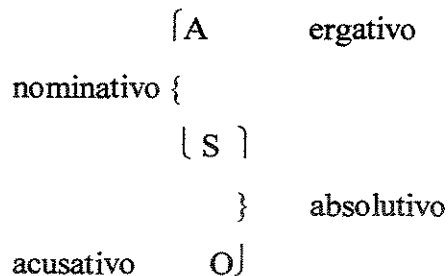
- (172) **a yi =k -ãpə ka kɔwmã**
 INT REAL.INTR=2SG.ABS-comer você.ABS hoje
 ‘você comeu hoje?’
- (173) **prẽ ø =ka =s -ãpũ ka hẽ**
 quem.ABS REAL.TR=2SG.ERG=3.ABS-ver você ERG
 ‘quem você viu?’

De acordo com as correlações apontadas por Greenberg (1963), com exceção do fato de a língua ser posposicional e do genitivo preceder o nome, observa-se que o Panará apresenta características de língua V-O. Todavia, é importante reconhecer que Greenberg observou certas correlações sem que fossem fornecidas as motivações e até mesmo que fossem significativamente testadas do ponto de vista estatístico. Hawkins (1983) propõe que as ordens de certos constituintes chave, como, por exemplo, a ordem da oração declarativa e a ordem do genitivo em um sintagma nominal, podem ser capazes de

acuradamente predizer quais seriam as ordens dos outros constituintes. Como em Panará, há discrepância justamente na correlação entre as ordens desses constituintes, se tomamos a ordem SVO como predominante tendo em vista os dados elicitados, a proposta de Hawkins (1983) não contribui para uma conclusão a priori sobre qual seria a ordem básica, ou mesmo, se existe uma ordem básica nessa língua (Mithun 1987). No entanto, tendo em vista que em dados elicitados é muito significativa a predominância de ocorrência para as ordens SVO/SV¹, consideraremos na presente análise estas ordens como as mais neutras e mais básicas em Panará, até que estudos ulteriores tragam novas luzes a essa questão.

4.2 SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO E CONCORDÂNCIA

A língua Panará apresenta um padrão ergativo-absolutivo em sua morfologia. Esse sistema de marcação de caso agrupa sujeito de verbo intransitivo com objeto de verbo transitivo em uma mesma categoria, diferentemente do sistema nominativo-acusativo, que agrupa sujeito de verbo transitivo com sujeito de verbo intransitivo em uma mesma categoria. Dixon (1979) mostra o contraste estrutural entre os padrões ergativo-absolutivo e nominativo-acusativo, utilizando-se de termos que melhor caracterizam as distinções de sistemas sem distorcer ou prejudicar suas interpretações: A=sujeito de verbo transitivo (AGENTE); S=sujeito de verbo intransitivo; e O=objeto de verbo transitivo (PACIENTE). O esquema abaixo exhibe a distinção dos dois sistemas:



¹ Esse predomínio nas elicitadas pode ter resultado da influência do Português, como tradução mais ou menos literal.

As construções pautadas no padrão ergativo na língua Panará ocorrem em orações com o modo realis e se caracterizam por apresentar os SNs sujeitos de verbos transitivos marcados pela posposição **hẽ** ‘ergativo’ para nomes ou pronomes no singular e com a nasalização da última vogal dos nomes ou pronomes no dual, paucal e plural. Já o sujeito de verbos intransitivos e o objeto de verbos transitivos são não-marcados, isto é, ocorrem com morfema **zero** ‘absolutivo’. O padrão ergativo-absolutivo do Panará também se reflete no sistema de concordância verbal. Verbos transitivos concordam duplamente com o sujeito (ergativo) e (a) com o objeto direto (absolutivo), como em (174) ou (b) com o objeto de certas posposições (absolutivo), como em (175). Pode, também, concordar triplamente: com o sujeito (ergativo), com o objeto direto (absolutivo) e com o objeto do benefactivo ou comitativo (dativo), como em (176). Verbos intransitivos concordam: (a) apenas com o sujeito (absolutivo), como em (177); ou (b) concomitantemente com o sujeito (absolutivo) e com o objeto de certas posposições (absolutivo), como em (178).

- (174) ĩpiarã ø =ne =mẽ =pa-ri
homens.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3DU.ABS=matar -PERF
mĩ pitira ĩko kō
jacaré.ABS dois rio LOC
‘os homens mataram dois jacarés dentro do rio.’

- (175) mara hẽ ø =ti =a =pi-ri
ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=pegar-PERF
sōsesua ka pe
anzol.ABS você MAL
‘ele pegou teu anzol.’

- (176) tɔputũ hẽ ø =ti =ra =kyẽ =sõ-ri
 chefe ERG REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=1.DAT=dar-PERF
 ïkyẽ mã kiãrãpɛ ïkieti
 eu DAT cocar.ABS muito
 ‘o chefe me deu muitos cocares.’

- (177) kamera yi =ria =tẽ kri tâ
 vocês.ABS REAL.INTR=2PL.ABS=ir aldeia ALA
 ‘vocês foram para a aldeia.’

- (178) kamera yi =ra =ria =tẽ
 vocês.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=2PL.ABS=ir
 ïkyẽ hɔw kri tâ
 eu INSTR aldeia ALA
 ‘vocês foram comigo para a aldeia.’

A atribuição de caso aos nominais constituintes nucleares em Panará não depende de traços semânticos de agentividade desses nominais, para A, ou de paciente para S e O, nem tampouco depende da natureza semântica do verbo. A codificação sintática de caso parece se ater à estrutura argumental do verbo. Portanto, qualquer nominal com função de sujeito de verbo transitivo será marcado pelo caso ergativo, e qualquer nominal com função de sujeito de verbo intransitivo e de objeto direto será marcado pelo caso absolutivo.

- (179) sɛperi hẽ ø =ti =ø =küi kukrɛ
 vento ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=derrubar casa.ABS
 ‘o vento derrubou a casa.’

- (180) ãkyẽ hẽ ø =re =k -ãpũ pĩara ka kũ
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=2.ABS-ver crianças você COM ‘eu vi
 as crianças com você.’

- (181) kamera yĩ =ø =how =ria =kũ-ri
 vocês.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=INSTR=2PL.ABS=beber-PERF
 ãko how
 água INSTR
 ‘vocês beberam água’(lit: vocês saciaram a sede com água).’

No modo irrealis, esse padrão se cinde apenas no que se refere à concordância verbal: a mesma série de clíticos pronominais marca a concordância tanto com A quanto com S, isto é, ambos nominativos, diferentemente de O, que mantém o mesmo sistema de concordância absoluta. No entanto, os argumentos nominais A, S e O mantêm a mesma marcação de caso ergativo (para A) e absolutivo (para S e O), como no modo realis.

- (182) sãperi hẽ ka =ti =ø =kũĩ kukre
 vento ERG IRR=3SG.NOM=3SG.ABS=derrubar.IMPF casa.ABS
 ‘o vento vai derrubar a casa.’

- (183) ãpĩ ka =ti =kui muu tã
 criança.ABS IRR=3SG.NOM=ir Brasília ALA
 ‘a criança irá para Brasília.’

Em Panará os sintagmas posposicionais marcados pelos casos benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumental-comitativo e inessivo são argumentos nucleares de predicados transitivos e intransitivos. O verbo concorda com o objeto dessas posposições. A possibilidade de incorporação dessas posposições ao núcleo verbal, assim como a estratégia adotada para relativizar os seus objetos, revelam o seu *status* de argumentos nucleares frente a outros sintagmas posposicionais, que se comportam como

verdadeiros oblíquos nessa língua e que são marcados pelos casos alativo, ablativo, final e locativo de vários tipos.

4.2.1 SISTEMA DE CASO NA SINTAXE

Em construções complexas com apagamento por co-referência (*equi-deletion*), a identificação de qualquer argumento elíptico não constitui um problema, tendo em vista que a rica morfologia verbal do Panará permite recuperá-lo. Assim, qualquer argumento nominal pode ser apagado, independentemente do fato de se encontrar marcado pelo caso ergativo ou absolutivo, ou na função de sujeito ou de objeto direto.

- (184) $\bar{i}ky\tilde{e}$ $y\bar{i}$ $=ra$ $=po$
 eu.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=chegar
 $\emptyset$ $=ka$ $=r$ $-\tilde{a}p\tilde{u}$
 REAL.TR=2SG.ERG=1SG.ABS-ver
 ‘eu cheguei e você me viu.’

- (185) $\bar{i}ky\tilde{e}$ $y\bar{i}$ $=ra$ $=po$
 eu.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=chegar
 $\emptyset$ $=re$ $=k$ $-\tilde{a}p\tilde{u}$ ka
 REAL.TR=1SG.ERG=2ABS-ver você.ABS
 ‘eu cheguei e vi você.’

- (186) ka $h\tilde{e}$ $\emptyset$ $=ka$ $=r$ $-\tilde{a}p\tilde{u}$ $\bar{i}ky\tilde{e}$
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=1.ABS-ver eu.ABS
 $y\bar{i}$ $=a$ $=to$
 REAL.INTR=2SG.ABS=ir
 ‘você me viu e foi embora.’

- (187) ka hẽ ø =ka =ɾ -ãpũ ïkyẽ
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=1.ABS-ver eu.ABS
 yi =ra =to
 REAL.INTR=1SG.ABS=ir
 ‘você me viu e eu fui embora.’

Apenas no caso em que argumentos diferentes referentes à terceira pessoa do mesmo número são apagados, é que a construção passa a ter um problema de interpretabilidade, que pode ser resolvido pela identificação daquele argumento na oração seguinte (188), por meio de sua repetição. Caso essa identificação não ocorra, o sujeito passa a ser interpretado como o elemento elíptico na segunda oração (189), a menos que o contexto pragmático-discursivo elimine qualquer possibilidade de que este seja o elemento apagado (190).

- (188) nãpiə hẽ ø =ti =s-ãpũ s-ũpiə
 mãe ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS-ver RNC-pai.ABS
 sũpiə yi =ø =pi =kui
 pai.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=DIR=ir
 ‘a mãe viu o pai e o pai voltou.’

- (189) nãpiə hẽ ø =ti =s-ãpũ s-ũpiə
 mãe ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS-ver RNC-pai.ABS
 yi =ø =pi =kui
 REAL.INTR=3SG.ABS=DIR=ir
 ‘a mãe viu o pai e (a mãe) voltou.’

- (190) yowpi hẽ ø =ti =s-ãpũ iãsi
 onça ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS-ver veado.ABS
 yi =ø =pĩto-ri
 REAL.INTR=3SG.ABS=fugir-PERF
 ‘a onça viu o veado e (o veado) fugiu.’

Verifica-se, pois, que em situações não pragmaticamente marcadas, regras sintáticas em Panará operam basicamente sob o princípio nominativo-acusativo, tratando S e A da mesma maneira como pivot sintático (Dixon 1979). Verifica-se, por outro lado, que nas construções relativas a mesma estratégia de relativização é adotada tanto para o SN sujeito de verbo transitivo quanto para o SN sujeito de verbo intransitivo (cf. item 5.4.1, capítulo 5), embora a mesma estratégia seja também adotada para a relativização do SN objeto direto. No modo irrealis, o sistema de concordância apresenta o padrão nominativo-acusativo, uma evidência da existência da categoria de sujeito nessa língua. No caso em que ocorre a mudança da ordem dos constituintes para efeito de foco ou topicalização, o pivot sintático A/S se mantém (191), lembrando ainda que o Panará não apresenta construções variantes que proporcionem mudança no status gramatical de agente ou paciente, como passivas ou anti-passivas:

- (191) ĩprĩ ø =ti =ø =sa-ri nãka hẽ
 menino.ABS REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=morder-PERF cobra ERG
 yi =ø =to
 REAL.INTR=3SG.ABS=ir
 ‘o menino, a cobra mordeu e fugiu (a cobra).’

Dessa forma, como os dados parecem sugerir, o Panará segue o padrão nominativo-acusativo do ponto de vista sintático, operando com o pivot sintático A/S (Dixon 1979).

4.3 PRINCIPAIS TIPOS DE PREDICADO

Predicados em Panará podem ser expressos por sintagmas verbais ou por construções com elementos de outras categorias do léxico, aqui chamadas de predicados nominais. Predicados verbais podem ser constituídos de um núcleo verbal simples ou complexo (no caso dos verbos seriais) seguido, opcionalmente, por objeto indireto, no caso de verbo intransitivo, e por objeto direto e/ou indireto, no caso do verbo transitivo.

4.3.1 PREDICADOS NOMINAIS

Predicados com núcleos não-verbais serão aqui chamados de predicados nominais. Podem ser expressas pela justaposição do argumento e do predicado sem cópula interveniente. O núcleo do predicado não é marcado por modo/aspecto nem exibe concordância com o seu argumento. O argumento nominal também é não-marcado. Podem ocorrer como núcleo desse tipo de predicado: nome, adjetivo, posposição, pronome e partícula. Incluem-se nessa classe de predicados as noções de equação, qualidade, locação existência e posse.

Equativos: asseveram que uma entidade particular (o sujeito da oração) é idêntico à entidade especificada no predicado.

(192) kiõpe sekikyĩ ø-tõ

Kiõpe Sekikjy RC-irmã

‘Kiompé é irmã de Sekikjy.’

(193) ka tɔputũ

você chefe

‘você é o chefe.’

Qualquer nome pode consituir o núcleo de predicados nominais equativos, inclusive nomes próprios:

- (194) *íkíey si pikõ*
mulher nome Pikõ
‘o nome da mulher é Pikõ.’

Adjetivos: são orações cujo o núcleo é um adjetivo. Como verbos intransitivos, estes predicados podem ocorrer com um classificador proclítico, co-referente com o sujeito da oração. Essas mesmas construções são interpretadas pelos falantes também como atributivas, como sugerem as traduções para o português².

- (195) *səperi təti*
vento forte
‘o vento está forte/vento forte.’

- (196) *pekə kə =rāprə*
roupa CLAS=vermelha
‘a roupa é vermelha/roupa vermelha.’

Esse tipo de predicado pode ocorrer opcionalmente como verbo intransitivo, com marcas de modo e concordância com o sujeito, e com interpretação predicativa, apenas:

- (197) *səperi yi =ø =təti*
vento.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=forte
‘o vento está forte.’

² É possível que haja diferença de entonação entre uma e outra interpretação.

- (198) pekə yi=kə =rãprə
 roupa yi=CLAS=vermelha
 ‘a roupa é vermelha.’

Existenciais: predicam a existência de alguma entidade. O núcleo desse tipo de predicado é geralmente um nome. Essas construções tipicamente requerem um adjunto locativo.

- (199) kui puu yamã
 mandioca roça LOC
 ‘tem mandioca na roça.’

- (200) kukre ãkoko hã sase isũĩ
 casa teto LOC ninho passarinho
 ‘tem ninho de passarinho em cima da casa.’

Construções com predicados existenciais, cujo núcleo é um quantificador, podem ocorrer opcionalmente como predicados nominais ou como predicados verbais, com idêntica interpretação:

- (201) panãra ãkieti / yi =ra =ãkieti panãra
 Panará muito / REAL.INTR=3PL.ABS=muito Panará.ABS
 ‘tem muito Panará.’
- (202) sō nōpiõ / sō yi =ø =rōpiõ
 comida pouca / comida.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=pouca
 ‘tem pouca comida.’

Possessivos: esse tipo de predicado se caracteriza pela presença do nome –õ ‘posse’, marcado pelo prefixo s- ‘RNC (relacional de não-contigüidade)’, imediatamente

após o sujeito da oração e seguido pelo SN possuído, que funciona como um aposto. Quando ocorre precedido de morfologia verbal está sendo interpretado, juntamente com o nome possuído, como núcleo do predicado em uma construção serial (cf. 3.2.1.2, capítulo 3).

- (203) mara s -õ puu ia
 ele RNC-posse roça esta
 ‘ele tem esta roça (lit: esta roça, propriedade de Teseya).’

- (204) kiõpɛ yi =ø =sõ =kukɾɛ
 Kiompé.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=pose=casa
 ‘Kiompé tem casa.’

Locativos – o núcleo do predicado é um sintagma posposicional ou um advérbio de lugar:

- (205) sōtɔ sakoa amã
 língua boca LOC
 ‘a língua está na boca.’

- (206) mahẽ kariyo
 aqui tabaco
 ‘o tabaco está aqui.’

Esses predicados nominais se caracterizam por não apresentarem cópula nem quaisquer marcas morfológicas que os distinga de um sintagma nominal ou posposicional. Existe, entretanto, uma classe de nomes, cuja alternância fonológica do tema permite distinguir sintagmas de certos predicados nominais.

(207) tɛsɛyɑ s-ũpiə
 Tɛsɛyɑ RNC-pai
 ‘Tɛsɛyɑ tem pai.’

(208) tɛsɛyɑ y-ũpiə
 Tɛsɛyɑ RC-pai
 ‘o pai de Tɛsɛyɑ.’

(209) kukrɛ ø-ĩprɛ̃
 casa RNC-velha
 ‘a casa é/está velha.’

(210) kukrɛ ø-ěprɛ̃
 casa RC-velha
 ‘casa velha.’

(211) nākā ø-ĩto
 cobra RNC-olho
 ‘cobra tem olho.’

(212) nākā ø-ātɔ
 cobra RC-olho
 ‘o olho da cobra.’

(213) mara s-õ kukrɛ
 ele/aquela RNC-posse casa
 ‘ele tem sua própria casa/aquela é a casa dele.’

- (214) mara y-õ kukre
 ele RC-posse kukre
 ‘a casa dele.’

São os chamados prefixos relacionais (Rodrigues 1981, 1990). O prefixo relacional de não-contigüidade (RNC) sinaliza que o nome que o precede não forma constituinte com o nome que o segue, portanto, uma relação sujeito-predicado. Já o prefixo relacional de contigüidade (RC) sinaliza que os nomes envolvidos formam um constituinte, portanto uma relação entre núcleo-complemento ou complemento-núcleo.

Propomos considerar estas construções como prototípicas da classe de predicados nominais, à qual as construções similares com nominais que não ocorrem com esses prefixos, mas igualmente funcionando como predicados, se agregam como membros.

4.3.2 PREDICADOS VERBAIS

Os predicados verbais em Panará se distinguem dos nominais (não verbais) pelas seguintes características: têm o seu núcleo marcado por modo, aspecto e concordância; podem ter um, dois e até três argumentos; admitem a incorporação de nomes e posposições; podem ser precedidos por direcionais; podem co-ocorrer com outros verbos em construções seriais, com modais e auxiliares. Os predicados verbais em Panará podem ser resumidos em cinco tipos fundamentais, classificados de acordo com o número e o papel temático dos argumentos:

- (i) Predicados intransitivos com um único argumento (univalentes) o verbo concorda apenas com o seu sujeito no caso absolutivo. Um prototípico verbo dessa classe é o verbo de movimento **kui** ‘ir/vir’, o qual pode ocorrer seguido por um adjunto.

- (215) ìkyẽ yi =ra =kui puu tã
 eu.ABS REAL.TR=1SG.ABS=ir roça ALA
 ‘eu fui para a roça.’

Nessa classe de predicados itens lexicais de outras classes de palavras podem ocorrer como núcleo.

- (216) nome: ìkyẽ yi =ra =tua?tũ
 ABS REAL.INTR=1SG.ABS=**mulher velha**
 ‘eu sou velha.’
- (217) nome/ classificador: mõi yi =ø =si
 milho.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**semente**
 ‘o milho está de vez.’
- (218) adjetivo: ìkiara yi =ra =nãprə
 mulheres.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**vermelho**
 ‘as mulheres estão pintadas.’
- (219) partícula: ìto yi =ø =piow
 festa.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**não**
 ‘a festa acabou.’
- (220) pronome: panãra yi =ra =ìkieti
 Panará.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**muitos**
 ‘os Panará eram muitos.’
- (221) posposição: yu kare =si =ø =how puu
 PI 2PL.ERG=AUX=3SG.ABS=INSTR roça.ABS
 ‘como vocês fazem roça?’

- (vi) Predicados intransitivos estendidos com dois argumentos (bivalentes) são bastante produtivos em Panará. O verbo concorda duplamente com o sujeito absoluto e com o objeto de posposições comitativas, locativas e instrumentais. A mesma série de clíticos absolutivos é usada para estabelecer concordância com os dois argumentos, no modo realis. No modo irrealis, o nominativo concorda com o sujeito e o absoluto com o objeto da posposição.

(222) moto yĩ =ra =ø =po panāra how
 barco.ABS REAL.INTR=3PL.ABS=3SG.ABS=chegar Panará INSTR
 ‘o barco trouxe os Panará.’

(223) ka ka =ti =ra =kui ʔkyẽ kō
 você.ABS IRR=2SG.NOM=1SG.ABS=ir eu COM
 ‘você irá comigo.’

- (vii) Predicados intransitivos estendidos com dois objetos indiretos (trivalentes), foram, também, encontrados em Panará, embora muito raramente. A hipótese é de que o verbo concorda triplamente com o sujeito e com os dois objetos indiretos (a concordância com os três argumentos é **zero**). Também neste caso é possível a incorporação de ambas as posposições e com a suas realizações externas, como nesse exemplo retirado de um texto mítico:

(224) yĩ =ø =pe =ø =how =ø =tẽ
 REAL.INTR=3SG.ABS=MAL=3SG.ABS=ICOM=3SG.ABS=correr
 sōkrɛpakɔkɔ iən how nāsow pe
 jacu.ABS fogo ICOM urubu MAL
 ‘o jacu correu com o fogo em detrimento do urubu.’

- (viii) Predicados transitivos com dois argumentos (bivalentes) podem ocorrer ou com objeto direto ou com sintagma posposicional, objeto indireto. As posposições passíveis de ocorrer como núcleo desse sintagma são: a instrumental e a comitativa. O verbo concorda duplamente com o sujeito (caso ergativo) e com um ou outro complemento através da mesma série de clíticos (caso absolutivos).

(225) ìpiarã ø =ne =me =pari mĩ pĩtira
 homens.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3DU=matar jacaré.ABS dois
 ‘os homens mataram dois jacarés.’

(226) ka hẽ ø =ka =ra =piãse-ri
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS=brincar-PERF
 prĩara how
 crianças INSTR
 ‘você brincou com as crianças.’

- (v) Predicados transitivos estendidos com três argumentos (trivalentes) ocorrem com objeto direto e com objeto indireto. As posposições que regem o objeto indireto são: benefactiva e malefactiva. O verbo concorda com o sujeito (caso ergativo) e com o objeto da posposição malefactiva ou benefactiva (caso absoluto), mas não com o objeto direto básico.

(227) mara hẽ ø =ti =a =piri sõesesua ka pe
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=pegar anzol.ABS você MAL
 ‘ele pegou o anzol em detrimento de você.’

- (228) tɔputũ hẽ ø =ti =ra =sõ-ri kiârãpe
 chefe ERG REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS=dar-PERF cocar.ABS
 ãkyẽ mã
 eu DAT
 ‘o chefe me deu o cocar.’

Contudo, se a concordância com o benefactivo for um clítico da série dativa (cf. tabela em (53), pag 40), o verbo concorda também com o objeto direto, por meio da série absoluta, como em (229).

- (229) pãsina hẽ ø =ti =ra =kye =sõ-ri
 Pãsina ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=1DAT=dar-PERF
 sotiãera ãkyẽ mã
 coisas eu DAT
 ‘Pãsina me deu coisas.’

- (vi) Existem, pelo menos, dois verbos que ocorrem com sujeito experienciador marcado pelo caso dativo (DAT) e com concordância igualmente dativa. O verbo não apresenta concordância com o objeto nem é marcado por modo ou aspecto. Esses mesmos verbos podem também ocorrer como verbos intransitivos. Neste caso, o sujeito não é experienciador.

- (230) a. ãkyẽ mã kyẽ=kĩni ka
 eu DAT 1.DAT=bom você
 ‘eu gosto de você.’

- b. ãkyẽ yi =ra =si =kĩni
 eu.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=AUX=bom
 ‘eu sou bom’.

- (231) a. ĩprĩ mã mã =siin sase amã
 menino DAT 3.DAT=estar sentado rede INES
 ‘o menino está sentado na rede.’

- b. kyārāsə siin kupere y-õ koa amã
 Kiārāsə estar sentada Kupere RC-posse casa INES
 ‘Kiārāsə está na casa de Kupere.’

Também predicados com núcleos nominais apresentam esta mesma possibilidade de alternância. Neste caso a oração não admite sujeito

- (232) a. mara mã mã =kyi
 ele DAT 3S.DAT=frio
 ‘ele está com frio.’
 b. yi =kyi
 REAL.INTR=frio
 ‘está frio’.

4.4 VOZES: REFLEXIVA, RECÍPROCA E MÉDIA

Em Panará, ao lado das construções ativas, foram encontradas construções que expressam as chamadas vozes reflexiva, recíproca e média. Orações reflexivas e recíprocas são semanticamente próximas de transitivas ativas, embora semanticamente menos transitivas. Sua diferença principal com relação à ativa diz respeito à questão da co-referência. Já a média situa-se mais próxima da intransitiva. As orações em que esta ocorre apresentam apenas um participante do evento.

4.4.1 REFLEXIVA

Em Panará, reflexivos são marcados pelo pronome *yĩ* ∞ *yã*, cliticizado, em geral, imediatamente à direita do clítico de concordância com o sujeito (ergativo, no modo realis, e nominativo, no modo irrealis), ou mais raramente na mesma posição em que ocorrem nomes e classificadores (cf. tabela em (24), item 2.2.1, capítulo 2). O verbo permanece com a sua morfologia transitiva, com o sujeito marcado pelo caso ergativo. A escolha entre uma e outra forma do clítico é determinada pela classe de verbos. Além de reflexivo objeto direto, também foram encontrados reflexivos benefactivo e comitativo.

- a) Reflexivo objeto direto. Há redução de valência. Em (233) e (235), construções ativas e, em (234) e (236), reflexivas:

(233) *ĩpi hẽ ø =ti =ø =pi -ri iãsi*
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.AB=matar-PERF veado.ABS
 ‘o homem matou o veado.’

(234) *ĩpi hẽ ø =ti =yĩ =pĩ -ri*
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=RFLX=matar-PERF
 ‘o homem se matou.’

(235) *ĩkiew hẽ ø =ti =ø =kiew saseĩpre*
 mulher ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=cortar corda.ABS
 ‘a mulher cortou a corda.’

(236) *ĩkiew hẽ ø =ti =yã =kiew*
 mulher ERG REAL.TR=3SG.ERG=RFLX=cortar
 ‘a mulher se cortou.’

b) Reflexivo benefactivo. Não há redução de valência, os dois argumentos ocorrem expressamente. Foram encontradas duas situações distintas:

(i) o beneficiário é a mesma pessoa do sujeito:

- (237) ĩkyẽ hẽ ø =re =yĩ =ø =pi-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=**RFLX**=3SG.ABS=pegar-PERF
 ĩkyẽ mã pẽkə
 eu BEN roupa.ABS
 ‘eu comprei o vestido para mim mesma.’

(ii) o beneficiário inclui a pessoa do sujeito:

- (238) ĩkyẽ hẽ ø =re =yĩ =ø =pi-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=**RFLX**=3SG.ABS=pegar-PERF
 ĩkyẽmerã soti
 nós.BEN coisa.ABS
 ‘eu comprei coisas para nós.’

c) Reflexivo comitativo. Também não há redução de valência. O complemento comitativo pode ser expresso.

- (239) kretômə hẽ ø =ti =yĩ =kõ
 Kretoma ERG REAL.TR=3S.ERG=**RFLX**=COM
 =s-apio-ri pikõ kukre tã mara kō
 =3SG.ABS-encontrar-PERF Pikõ casa ALA ele COM
 ‘Kretoma levou Pikõ consigo para a aldeia.’

- (240) *ĩkyẽ hẽ ka =ø =yĩ =kõ =s-apio*
 eu ERG IRR=1SG.NOM=**RFLX**=COM=3SG.ABS-encontrar.IMPF
ka muu tã
 você Brasília ALA
 ‘eu vou levar você comigo para Brasília.’

4.4.2 RECÍPROCA

Uma oração tipicamente recíproca é aquela em que dois participantes agem igualmente um em relação ao outro. Em Panará, a reciprocidade é expressa por meio do clítico **pĩ** e/ou pelo clítico dual, concordando com o sujeito também dual. Quando é expressa apenas pelo dual, não há como distinguir formalmente uma oração recíproca de uma oração ativa.

- (241) *ĩpiarã ne =pĩ =mã =pe*
 homerns.ERG 3PL.ERG=**REC**=3DAT=falar
 ‘os homens estão conversando (uns com os outros).’

- (242) *pĩ =mã =me =kĩ pio*
REC =3.DAT=DU=gostar NEG
 ‘eles não gostam um do outro.’

- (243) *mararã ø =timẽ =pĩ =wayã-ni*
 eles.ERG.DU REAL.TR=3DU.ERG=lutar=fazer-PERF
 ‘eles lutaram um com o outro/ eles dois lutaram.’

- (244) *karã ø =kamẽ =pre*
 vocês.ERG.DU REAL.TR=2DU.ERG=amarrar
 ‘vocês amarraram um ao outro/ vocês dois amarraram (alguém).’

4.4.3 MÉDIA

De acordo com Kemmer (1994), o que separa reflexivas de médias é a chamada distinção relativa de participantes. Define esse termo como “o grau pelo qual uma única entidade psico-mental é conceitualmente distinguida em participantes separados, como corpo vs. alma, ou agente não-contrastante vs. paciente contrastante”. A reflexiva sinaliza co-referencialidade de participantes para eventos em que os participantes são entidades distintas, uma vez que aparece quando o falante deseja indicar maior separabilidade conceitual de facetas de um único referente. Assim, diferentes papéis são preenchidos pela mesma entidade. Já a média tem a função básica de indicar que os dois papéis semânticos se referem a uma “única entidade holística”, sem quaisquer aspectos conceitualmente distintos. Para Kemmer (1994), média é um fenômeno mais semântico do que sintático.

Em Panará, a medialidade é expressa por construções reflexivas.

- (245) kowkiati kre hẽ ø =ti =yĩ =kui
 barco ERG REAL.TR=3SG.ERG=**MED**=quebrar
 ‘o barco quebrou-se.’

- (246) sase kãsi hẽ ø =ti =yĩ =kə =si -ri
 rede grande ERG REAL.TR=3SG.ERG=**MED**=CLASS=rasgar-PERF
 ‘a rede grande rasgou-se.’

- (247) kĩěy hẽ ø =ti =yĩ =kuə-ri
 pedra ERG REAL.TR=3SG.ERG=**MED**=partir-PERF
 ‘a pedra partiu-se.’

Uma evidência independente demonstra o acerto dessa análise: apenas construções com verbo em voz média, mas não reflexivas, admitem a incorporação do núcleo do SN sujeito marcado pelo caso ergativo, se este for o elemento possuído em uma construção possessiva com parte de corpo.

(248) a. tɛseya ãtɔ hẽ̃ ø =ti =yĩ =sa =kĩey

Teseya RC.olho ERG REAL.TR=3SG.ERG=**MED**=furar=cortar
 ‘o olho de Teseya furou-se.’

b. tɛseya hẽ̃ ø =ti =yĩ =(ĩ)tɔ=sɑ =kĩey

Teseya ERG REAL.TR=3SG.ERG=**MED**=olho=furar=cortar
 ‘Teseya furou o (próprio) olho.’

4.5 TIPOS DE ORAÇÕES

Panará tem os seguintes tipos de orações simples: (a) declarativas básicas, focalizadas, topicalizadas e clivadas; (b) interrogativas sim ou não e com partícula e palavras interrogativas; (c) negativas e (d) imperativas afirmativas e negativas.

4.5.1 ORAÇÕES DECLARATIVAS

4.5.1.1 DECLARATIVAS BÁSICAS

As orações declarativas da língua Panará, quando estão presentes todos os seus argumentos nominais, apresentam uma ordem de constituintes SVO/SV. O objeto indireto geralmente precede o objeto direto em orações com predicados trivalentes, como em (250). O(s) adjunto(s) adverbial(is) ocorre(m) em última posição na oração, como em (249).

- (249) kyārāsə hẽ ø =ti =ø =krɛ
 cotia ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=plantar
 sɛti puu yamã atɛ
 amendoim.ABS roça INES sozinho
 ‘a cotia plantou sozinho o amendoim na roça.’

- (250) mara hẽ ø =ti =mã =sõ -ri
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3DAT=dar-PERF
 kiompé mã yiramã
 Kiompé BEN presente.ABS
 ‘ela deu um presente para Kiompé.’

4.5.1.2 DECLARATIVAS FOCALIZADAS

Certas construções em Panará apresentam constituintes formalmente marcados pela posposição **hẽ**, homônima daquela que marca caso ergativo, podendo ocorrer também como **he**, sempre posicionada em uma das margens da oração. Esses constituintes não são argumentos da predicação da oração, e aparecem ou como apostos de especificação ou simplesmente como duplicação de um constituinte. Propomos que esses sejam interpretados como elementos focalizados³. Observe-se que, com exceção do constituinte focalizado, a ordem básica dos constituintes da oração se mantém.

³O termo foco aqui está sendo usado no sentido de descrever alguns elementos das orações como pragmática e formalmente marcados, em oposição a elementos que podemos considerar não-focados ou com foco neutro.

- (251) asə hẽ ø =ti =sə =ku -ri

bravo ERG REAL.TR=3SG.ERG=coisa=comer-PERF

ĩkyĩ si hẽ

ciumento INTF FO

‘(era) muito ciumento, o bravo (que) comia.’

- (252) yi =ø =piasə =ti he

REAL.INTR=3SG.ABS=envergonhar-se=morrer FO

ø =ti =ø =nowwã sukahamãy

REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=matar Txukahamãe.ABS

yi =ø =piasə =ti

REAL.INT=3SG.ABS=envergonhar-se=morrer

‘(aquele que) morreu, (foi quem)matou o Txukahamãe e morreu.’

- (253) iʔkow hẽ ø =ti =ra =sow -ri

macaco ERG REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=comer-PERF

imũ kwafĩtɛpi ĩkietĩ he

em cima inajá **muito FO**

‘(eram) muitos os macacos (que) estavam comendo em cima do pé de inajá.’

- (254) kyẽmera pẽ tarayã kyẽmera pẽ hẽ

nós língua ser assim nós língua **FO**

‘é assim a nossa cultura’.

4.5.1.3 DECLARATIVAS TOPICALIZADAS

Existem outras orações, em que um dos seus constituintes é sistematicamente deslocado para a esquerda, para o início da oração. No nível do discurso, esses

constituintes topicalizados parecem sugerir sobre o que vai se referir a sentença que o segue, isto é, funcionam como “uma *frame* conceitual ou referencial dentro do qual o resto do predicado ocorre” (Li & Thompson 1976). Foram encontrados topicalizados em Panará apenas objetos diretos e indiretos.

- (255) **pakua** $\emptyset$ =ne = $\emptyset$ =krɛ kipa amã
banana.TP REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=enterrar terra INES
 nãprə ahe ìkiarã
 madura FIN mulheres.ERG
 ‘as bananas, as mulheres as enterraram para que ficassem maduras.’

- (256) **ìkyẽ** $\emptyset$ =ti=rã=sa-ri nãkã hẽ
eu REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS=morder-PERF cobra ERG
 ‘eu fui mordida pela cobra (lit: eu, a cobra me mordeu).’

- (257) **kowkiati amã** $\emptyset$ =ti= $\emptyset$ =pu ìtuma hẽ
panela INES REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=encher gordura ERG
 ‘dentro da panela tem muita gordura (lit: dentro da panela, a gordura a encheu).’

4.5.1.4 DECLARATIVAS CLIVADAS

Existem outras orações declarativas em Panará, em que sintagmas nominais são seguidos por um operador sintático **mãmã**, que também introduz orações relativas (de adjunto) e subordinadas adverbiais, e que pode ocorrer seguido ou não por posposição. São construções similares a orações relativas mas que se utilizam de um único operador. O constituinte clivado é deslocado para a primeira posição na oração.

- (258) **ioti** **māmā mā** **kuə** **s-ōpā** **îta** **tā**
sucuri CLV BEN nascer RNC-filho chuva quando
 ‘é a sucuri que dá cria quando chove.’

- (259) **ioti** **îkyi** **māmā pan** **îko** **yamā**
tipo de sucuri CLV andar água INES
 ‘é a sucuri que anda dentro d’água.’

Também é possível encontrar seqüências de orações clivadas referentes a um único constituinte posicionado no início da sentença, como no exemplo abaixo, em foi obtida a resposta abaixo à seguinte pergunta: **yu kare si how asəti** ‘como vocês fazem cordão?’:

- (260) **kuəṛā** **māmā re** =**kuə-ri** **māmā re** =**māpəy**
fuso CLV 3PL.ABS=fazer-PERF CLV 3PL.ABS=aprontar
māmā re =**rōkiā**
 CLV 3PL.ABS=enrolar
 ‘são os fusos que fazem, que aprontam e que enrolam.’

4.5.2 ORAÇÕES NEGATIVAS

A expressão da negação em Panará é analítica e apresenta diversidades de formas. Pode ser expressa por meio de partículas de negação, sempre posicionados imediatamente após o núcleo do constituinte escopo da negação. Pode ocorrer sob a forma de um verbo negativo finito intransitivo. Além da negação de constituinte, o Panará dispõe de uma palavra específica para a chamada negação categórica.

- a) negação categórica: a partícula de negação **îkiow** ‘não’, para expressar resposta negativa a uma pergunta:

- (261) **ĩkiɔw** ø =re =ø =tõ =pi -ri
não REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=escolher=pegar-PERF
piɔ atõsi
NEG munição.ABS
‘não, eu não comprei munição.’

Mas também pode ocorrer como negação de predicados nominais existenciais, precedendo toda a oração sobre a qual tem escopo:

- (262) **ĩkiɔw** pakua kiokio
não banana madura
‘não tem banana madura.’

- (263) **ĩkiɔw** sō pãpã mã
não comida todos DAT
‘não tem comida para todos.’

- b) as partículas de negação: **piɔ**, forma cognata do verbo negativo **piɔ** ~ **piɔw**, e **nõ** ~ **rõ** – ambos são usados para negar orações e sintagmas.

- (264) luzia yi =ø =tɔw **piɔ** muu tã
Luzia.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ir NEG Brasília ALA
‘Luzia não viajou para Brasília.’

- (265) **nãkã** sōyɔwpi **nõ**
cobra bicho de comer NEG
‘cobra não é comida.’

- (266) mōsi yi =∅ =kiōti rō
 milho.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=brotar NEG
 ‘o milho não brotou.’

- (267) səperi pio iən
 vento NEG ontem
 ‘não ventou ontem.’

A negação em Panará também opera como um elemento que deriva elementos lexicais, novas expressões para a língua, a partir de nomes e de verbos. Para se negar nomes, a partícula de negação é **nō ~ rō**; para verbos é **pio**. O que parece sugerir que a primeira teria sido originariamente uma partícula de negação exclusiva para sintagmas, e a segunda uma partícula de negação para orações ou constituintes maiores.

- (268) î-pẽ rō
 NMZ-falar NEG
 ‘mudo.’

- (269) pîpiə rō
 marido NEG
 ‘solteira.’

- (270) wayāni pio sō
 fazer NEG comida
 ‘comida pronta.’

- (271) asiri pio pekə
 costurar NEG roupa
 ‘roupa pronta.’

c) a partícula de negação **sã**, para negação de orações com predicados transitivos e intransitivos no modo imperativo. Também ocorre imediatamente após o verbo.

(272) ha sōti **sã**
 IMP dormir NEG
 ‘não durma!’

(273) ka=kukre **sã**
 IRR=comer NEG
 ‘não coma!’

(274) ka=nōwwã **sã** sōti
 IRR=matar NEG cão
 ‘não mate o cão!’

d) o verbo finito intransitivo negativo **piō ~ piōw**, em última posição da sentença para negar a oração, também finita, que o precede. Este verbo também pode ocorrer em outros contextos com o sentido de ‘acabar ou terminar’, como em (277).

(275) ĩpi hě ø =ti =sũũ -r(i) =a-kui
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=dizer-PERF=MS-ir
 yi =piōw
 REAL.INTR=não
 ‘o homem disse que não ia.’

- (276) mara hẽ ø =ti =pi =so =krɛ
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=DIR=coisa=plantar
 yi =pio
 REAL.INTR=**não**
 ‘ele não vai plantar de novo.’

- (277) sõe yi =ø =piow
 linha.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**acabar**
 ‘a linha acabou.’

e) a negação de orações pode envolver dois operadores diferentes: um clítico que precede imediatamente a raiz do núcleo do predicado verbal ou nominal; e um advérbio de negação que segue imediatamente esse elemento. Pode-se sugerir que essa forma de negação expressa uma negação forte, em comparação com a negação com apenas um operador, à qual seria atribuída uma negação fraca.

- (i) com **tõ** antes do verbo e **pio** ou, menos frequentemente, **nõ/rõ**, após o verbo.

- (278) ra =tõ =po **pio** moto amã
 3PL.ABS=NEG=chegar NEG barco INES
 ‘não chegou ninguém (plural) de barco.’

- (279) ra =tõ =rãprɛ **pio** pakua
 3PL.ABS=NEG=madura NEG banana.ABS
 ‘nenhuma banana (plural) está madura.’

- (280) akə hẽ ø =ti =ø =tõ =suə-ri
 Akâ ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=NEG=fazer-PERF
 rõ tẽpi
 NEG peixe.ABS
 ‘Akâ não pescou nada.’

(ii) o verbo negativo **pio** ~ **piow** também pode ocorrer como segundo elemento de uma negação forte.

- (281) yi =ɔ =ra =tõ =po
 REAL.INTR=INSTR=1SG.ABS=NEG=chegar
 yi =ø =piow
 REAL.INTR=3SG.ABS=não
 ia tã iʔkow hɔw muu tã
 aqui ALA macaco INSTR Brasília ALA
 ‘nunca vou poder trazer macaco para Brasília.’

f) na negação em orações complexas, a partícula negativa pode ocorrer na oração principal, na oração dependente ou em ambas as orações, isto é, no contexto sobre o qual tem escopo.

- (282) kã =(i)pari pio ka hẽ sã =suəri
 2SG.ERG=saber NEG você ERG comida=fazer
 ‘você não sabe fazer comida.’

- (283) iãsi yi =ø =pĩto-ri
 veado.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=fugir-PERF
 ø =re =ø =piə -ri pio
 REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=encontrar-PERF NEG
 ‘o veado fugiu, pois não o encontrei.’

- (284) piãrahe ka =mã =suĩ nō kui rō ahe
 por que 2SG.ERG=3.DAT=dizer NEG ir NEG FIN
 ‘por que você não disse a ele para não vir?’

g) quando a posposição inessiva **amã** segue a partícula negativa **nō/rō**, o escopo da negação se restringe ao verbo da oração.

- (285) mara hẽ ø =ti =ø =pi-ri
 ela ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=pegar-PERF
 ãko sasua-ri nō amã
 água derramar-PERF NEG INES
 ‘ela carregou água sem derramar.’

- (286) mara ka =ti =səpe hɔwkyia amã
 ele.ABS IRR=3SG.NOM=trabalhar escola INES
 ø =ti =hɔwkyia rō amã
 REAL.TR=3SG.ERG=estudar NEG INES
 ‘ele quer ser professor sem estudar.’

h) os pronomes indefinidos em Panará podem ser negados, sem que se precise negar a oração na qual eles são argumentos. A partícula de negação, neste caso, apresenta flexão de número, em concordância com o pronome.

- (287) prẽ hẽ pio ø =tĩ =(i)ko=kuyã
 alguém ERG NEG REAL.TR=3SG.ERG=água=carregar
 ‘ninguém carregou água.’

- (288) pre-merã pio-ri ø =tĩ =ø =sa =pupo
 alguém.ERG-PL NEG-PL REAL=3SG.ERG=3SG.ABS=furar=flechar
 iʔkow
 macaco.ABS
 ‘ninguém flechou o macaco.’

4.5.3 ORAÇÕES INTERROGATIVAS

Panará distingue dois tipos de orações interrogativas: aquelas em que a informação solicitada é uma simples afirmação ou negação – questões sim ou não; e aquelas para as quais a informação solicitada é uma locução mais elaborada – um sintagma ou uma proposição.

4.5.3.1 INTERROGATIVAS SIM-NÃO

Em Panará as sentenças interrogativas do tipo sim ou não podem ocorrer com a inversão da ordem do sujeito e do verbo e com a partícula interrogativa **a**, na primeira posição, antes do verbo. Essa estratégia foi encontrada apenas em orações com predicados verbais.

- (289) a yi =k -ãpə ka kɔwmã
 PI REAL.INTR=2SG.ABS-comer.IMPF vocêABS hoje
 ‘você comeu hoje?’

- (290) a $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =si mara hẽ pəri
 PI REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=cortar.IMPF ele ERG árvore.ABS
 ‘ele cortou a árvore?’

Ou sem a inversão da ordem do sujeito e do verbo, e com a partícula antes do verbo:

- (291) Teseya a $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =to tɛpi su
 Teseya.ABS PI REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=ir peixe pegar
 ‘Teseya foi pegar peixe?’

- (292) mara hẽ a $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =asi
 ele ERG PI REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=costurar.IMPF
 pekə
 vestido.ABS
 ‘ela já costurou o vestido?’

Estas mesmas orações podem ocorrer sem a partícula interrogativa e também sem a inversão da ordem do sujeito e do verbo, porém com uma entonação ascendente.

- (293) Teseya yi = $\emptyset$ =to tɛpi su
 Teseya.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ir peixe pegar
 ‘Teseya foi pescar?’

Quando a construção interrogativa envolve uma questão com duas perguntas alternativas, a partícula interrogativa se insere entre as duas orações, imediatamente antes da primeira palavra da segunda oração. Observe que no primeiro exemplo (294), as questões tem escopo sobre orações e, nas demais, apenas sobre sintagmas (295 e 296). No entanto, as construções são paralelas, sendo que na segunda (295) e na terceira (296), o verbo é copiado e o segundo sintagma, alvo da questão, é topicalizado.

- (294) ka =ti =sape ka a sō
 IRR=2SG.NOM=trabalhar você.ABS PI comida.ABS
 ka =ti =∅ =wayã
 IRR=2SG.NOM=3SG.ABS=fazer.IMP
 ‘você vai trabalhar ou vai fazer comida?’

- (295) ka hẽ ka =ti =mã =pẽ kowmã pâyakriti
 você ERG IRR=2SG.NOM=3.DAT=falar hoje rádio
 a pïkowmã ka =ti =mã =ha -pe
 PI amanhã IRR=2SG.NOM=3.DAT=MS-falar
 ‘você vai falar no rádio (com alguém) hoje ou amanhã?’

- (296) ka hẽ ka =ti =∅ =tõ =pĩ nãpən
 você ERG IRR=2SG.NOM=3SG.ABS=escolher=matar arara.ABS
 a (i)?kow ka =ti =∅ =tõ =pi
 PI macaco.ABS IRR=2SG.NOM=3SG.ABS=escolher=matar
 ‘você vai matar arara ou macaco?’

A partícula interrogativa também pode ocorrer duplicada, em cada oração, imediatamente antes dos sintagmas sobre os quais tem escopo, quando esses se encontram na posição de sujeito marcado pelo caso ergativo:

- (297) a ka hẽ ∅ =ka =∅ =tɔw
 PI você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS=acender
 a Pəsina hẽ ∅ =ti =∅ =tɔw
 PI Pásina ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=acender
 ‘foi você ou Pásina quem acendeu (o fogo)?’

A partícula interrogativa a também pode ocorrer antes de pergunta indireta:

- (298) $\text{ĩkyẽ pĩpiə yi} \quad =\emptyset \quad =\text{po} \quad \text{ĩkyẽ y -õ} \quad \text{koa tã}$
 eu marido REAL.INTR=3SG.ABS=chegar eu RC-POSS casa ALA
 $\emptyset \quad =\text{ti} \quad =\text{rã} \quad =(\text{ĩ})\text{kiə-ri}$
 REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS=perguntar-PERF
 a yi $=\emptyset \quad =\text{rãkiə kiãpo}$
 PI REAL.INTR=3SG.ABS=quente beiju.ABS
 ‘quando meu marido chegou em casa, ele perguntou se o beiju estava quente.’

Perguntas sim ou não podem também ser codificadas por meio da partícula evidencial de dúvida *inε ~ inẽ*. Neste caso, não há duplicação da oração, a partícula ocorre entre os constituintes alvo da questão:

- (299) $\text{ĩkyẽ hẽ} \quad \emptyset \quad =\text{re} \quad =\text{mã} \quad =\text{sõ} \quad \text{pẽkə}$
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3.DAT=dar.IMPF vestido
 Pəsina mã *inε* Maíra mã
 Păsina BEN EVD Maira BEN
 ‘dei o vestido para Păsina ou para Maíra?’

4.5.3.2 TAG-QUESTIONS

Panará apresenta interrogativas sim/não consistindo de uma oração declarativa, que requer confirmação ou não daquilo que foi declarado na oração. A *tag-question* em Panará será negativa ou afirmativa tal qual a oração declarativa que a antecede.

- (300) $\text{ka hẽ} \quad \emptyset \quad =\text{ka} \quad =\text{wapiə} \quad \text{soti ka hẽ pa}$
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=fazer coisa você ERG sim
 ‘foi você quem fez isto, não foi?’

- (301) *ka hẽ ø =ka =wapiø piø soti ka hẽ piø*
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=fazer NEG coisa você ERG não
 ‘não foi você quem fez isto, foi?’

4.5.3.3 PALAVRAS INTERROGATIVAS

São questões em que se espera uma resposta mais elaborada. Em Panará, essas questões são introduzidas por uma classe de palavras: complementizadores (COMP), que funcionam originariamente como pronomes indefinidos, mas também introduzem orações relativas. Palavras interrogativas, em geral, têm a função não só de marcar a oração como interrogativa, como também de indicar qual a informação que está sendo solicitada. Em Panará, qualquer palavra interrogativa, seja referente a argumentos nucleares ou adjuntos, é marcada morfologicamente por caso, com o são os sintagmas plenos.

- (i) palavras interrogativas marcadas pelo caso absolutivo (sujeito de verbo intransitivo e objeto de verbo transitivo) e ergativo (sujeito de verbo transitivo): **pre** para [+humano] e **piã** para [-humano]:

- (302) *pre yi =ø =to*
quem.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ir
 ‘quem partiu?’

- (303) *piã ø =ti =kã =sõ*
que.ABS REAL.TR=3SG.ERG=2.DAT=dar-IMPF
 ‘o que ele deu para você?’

- (304) *pre hẽ ø =ti =ø =wayã maya*
quem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=fazer-IMPF isto.ABS
 ‘quem fez isto?’

(i.i) Podem ocorrer também com predicados nominais::

- (305) **piã** maya
 que.ABS aquilo
 ‘o que é aquilo?’

- (306) **prẽ** mara
 quem.ABS aquele
 ‘quem é aquele?’

(i.ii) quando se trata de predicado nominal possessivo, a palavra interrogativa **prẽ** é seguida pelo nome **yõ** ‘posse’.

- (307) **prẽ yõ** koa mara
 quem POSS casa aquela
 ‘de quem é aquela casa?’

(a) palavras interrogativas marcadas pelos casos benefactivo (**mã**) (o sujeito dativo ou o objeto indireto), malefactivo (**pe**), comitativo (**kõ**) e instrumental-comitativo (**how**). Também aqui a marca de caso segue as palavras interrogativas **prẽ** [+humano] e **piã** [-humano].

- (308) **prẽ** **mã** mã =kĩ soti
 quem BEN 3.DAT=gostar.IMP cachorro
 ‘quem gosta de cachorro?’

- (309) **prẽ** **mã** ka =ti =mã =sõ pekə ka hẽ
 quem BEN IRR=2SG.NOM=3.DAT=dar.IMPF vestido.ABS você ERG
 ‘para quem você vai dar o vestido?’

- (310) **prẽ pe ø =kari =ø =pi**
quem MAL REAL.TR=2PL.ERG=3SG.ABS=pegar.IMPf
 moto kamerã
 motor vocês.ERG
 ‘(em detrimento) de quem vocês pegaram o motor?’

- (311) **prẽ kō ka =ti =ø =kui muu tã ka**
quem COM IRR=2SG.NOM=3SG.ABS=ir Brasília ALA você.ABS
 ‘com quem você vai para Brasília?’

- (312) **piã how yi =ø =ra =po ïkiara**
que INSTR REAL.TR=3SG.ABS=3PL.ABS=chegar mulheres.ABS
 ‘o que as mulheres trouxeram (lit: com o que as mulheres chegaram)?’

(b) palavras interrogativas com função de adjunto e que ocorrem com **piã** seguida das posposições inessiva (modo) e final (causa, motivo):

- (313) **piã ramã yi =ø =po**
que INES IRR.INTR=3SG.ABS=chegar
 ‘como ele chegou?(lit:dentro de que ele chegou aqui?)’

- (314) **piã rahe ø =ti =ø =sa pəri**
que FIN REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=pôr.IMPf madeira.ABS
 mara hẽ uãhã
 ele ERG lá
 ‘por que ele colocou a madeira lá?’

(c) palavras interrogativas referentes a adjunto adnominal também ocorrem com **piã**. Neste caso, o núcleo do sintagma nominal pode acompanhar (*pied-piping*, Ross 1967) ou não a palavra interrogativa.

- (315) **piã** **tēpi** ka =ti =ø =sa =popo
que peixe.ABS IRR=3SG.NOM=3SG.ABS=furar=flechar
 ‘que peixe ele vai pescar?’

- (316) **piã** ka =ti =ø =sa =popo **tēpi**
que IRR=3SG.NOM=3SG.ABS=furar=flechar **peixe.ABS**
 ‘que peixe ele vai pescar?’

(d) a palavra interrogativa **piã** seguida do nome referente a ‘sol’ **îpiti**, ambos marcados pela posposição essiva **rin**, constituem a expressão usada para se perguntar as horas em Panará.

- (317) **piã rin îpiti rin** ka =timẽ =how =po
que ESS sol ESS IRR=3DU.NOM=INSTR=chegar
 ‘que horas eles dois vão chegar (com as coisas)?’

(e) a palavra interrogativa **piã**, seguida pelo verbo **su** ‘atingir, pegar’, bastante produtivo em construções com verbos seriais, constitui uma expressão interrogativa também muito produtiva em Panará com o sentido de ‘qual objetivo?’

- (318) **piã su** yî =a =po ka
que atingir REAL.INTR=2SG.ABS=chegar você.ABS
 ‘o que você veio fazer? (qual o seu objetivo?)’

(f) a partícula interrogativa **yu** seguida das posposições ablativa **pe**, alativa **tã** e essiva **ri** ~ **rin**, e da conjunção temporal **ãhã**. Em todas essas construções a partícula interrogativa mais a posposição ou conjunção se referem a adjuntos adverbiais.

- (319) **yu pe yi =a =kui**
PI ABL REAL.INTR=2SG.ABS=vir/ir
 ‘de onde você vem?’

- (320) **yu tã ka =ti =kui**
PI ALA IRR=2SG.NOM=vir/ir
 ‘para onde você vai?’

- (321) **yu ri pan kiõpe**
PI ESS COP Kiompé
 ‘onde está Kiompé?’

- (322) **yu rãhã ø =ti =kã =sõri**
PI TEMP REAL.TR=3SG.ERG=2.DAT=dar
 tepi mara hẽ
 peixe.ABS ele ERG
 ‘quando ele deu peixe para você?’

(g) a mesma partícula interrogativa **yu** ocorre seguida por um predicado, cujo núcleo, curiosamente, é a posposição instrumental **how**, codificando concomitantemente a função do verbo ‘fazer’ e a função de adjunto adverbial de modo. Esta construção é bastante produtiva na língua. Observe que a morfologia do verbo acompanha o padrão ergativo-absolutivo, contudo, não disponho de nenhum dado em que o SN sujeito esteja presente.

- (323) **yu ø =kare =ø =si =how puu**
PI REAL.TR=2PL.ERG=3SG.ABS=AUX=como fazer roça. ABS
 ‘como vocês fazem roça?’

- (324) **yu** $\emptyset$ =ka = $\emptyset$ =si =how ia kukre
PI REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS=AUX=como fazer esta casa.ABS
 ‘como você fez esta casa?’

- (325) **yu** $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =how ia kukre
PI REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=como fazer esta casa.ABS
 ‘como ele fez esta casa?’

(h) para codificar adjuntos adverbiais de quantidade, a língua utiliza a partícula interrogativa **yutihẽ** ‘quanto(s)’.

- (326) **yutihẽ** $\emptyset$ =ti = $\emptyset$ =kã =sõ
quantos REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=2.DAT=dar.IMPF
 tepi mara he
 peixe.ABS ele ERG
 ‘quantos peixes ele deu para você?’

- (327) **yutihẽ** $\emptyset$ =ka = $\emptyset$ =sa =pupo
quantos REAL.TR=2SG.ERG= 3SG.ABS=furar=flechar
 tepi ka hẽ
 peixe.ABS você ERG
 ‘quantos peixes você pescou?’

(b) a língua se utiliza da partícula interrogativa **yu** seguida pelo pronome indefinido **ĩkieti** ‘muito(s)’ (>**yũ kieti**), constituindo um pronome interrogativo que parece codificar elemento(s) de um universo limitado. Estes mesmos formantes também introduzem orações relativas (cf. item 5.4, capítulo 5).

- (328) **yũ kieti yi =ø =po tɔputu**
PI muito REAL.INTR=3SG.ABS=chegar chefe.ABS
 ‘qual dos chefes chegou?’

- (329) **yũ (ĩ)kieti ø =ka =s -ãpũ**
PI muito REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS-ver
hipẽ yõ koa
estrangeiro POSS casa.ABS
 ‘quais cidade você conhece?’

(c) As palavras interrogativas em Panará, como as partículas, podem introduzir perguntas indiretas, devidamente marcadas por caso.

- (330) **mara hẽ ø =ti =suũ prẽ**
ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=dizer quem.ABS
yi =ø =po
REAL.INTR=3SG.ABS=chegar
 ‘ele disse quem chegou.’

- (331) **mara hẽ ø =ti =sũu prẽ hẽ**
ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=dizer quem ERG
ø =ti =ø =pi-ri atõ
REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=pegar-PERF munição.ABS
 ‘ele disse quem comprou munição.’

4.6 ORAÇÕES IMPERATIVAS

Orações imperativas são formas verbais usadas para determinar diretamente ao ouvinte o desempenho de alguma ação. Em Panará, as orações imperativas são marcadas

por duas séries de partículas descontínuas, principalmente, quando se trata de verbo intransitivo: no imperativo afirmativo, **kua** antecede o verbo e **hã** o segue; no imperativo negativo, **ha** antecede o verbo e **sã** o segue. Atribuímos às partículas que antecedem o verbo a função de afirmação e negação, respectivamente, e às que o seguem, a de modo imperativo afirmativo e negativo. Imperativas com verbo transitivo ocorrem, em geral, marcadas pelo modo irrealis **ka**, com o objeto incorporado ao verbo, seguido das demais partículas que marcam afirmação ou negação. Não ocorre argumento em posição de sujeito, nem o verbo exhibe concordância com este constituinte.

(332) kua sə hã
IMP entrar AFIR
'entre!'

(333) ha sə sã
IMP entrar NEG
'não fale!'

(334) ka =iãsi =pîri hã
IRR=veado=matar AFIR
'mate o veado!'

(335) ka =iãsi =pîri sã
IRR=veado=matar NEG
'não mate o veado!'

Pode também ocorrer com o reflexivo:

(336) ka=yã=kiey sã kəyasə how
IRR=RFLX=cortar NEG faca INST
'não vá se cortar com a faca!'

Ou sem qualquer marca, no imperativo afirmativo:

- (337) iãsi pĩri
 veado matar
 ‘mate o veado!’

Com verbos com sujeito dativo, o verbo é precedido pelo clítico deste caso:

- (338) ka=mã=siranã sã soti
 IRR=DAT=assustar NEG cachorro
 ‘não assuste o cachorro!’

Capítulo 5

SENTENÇAS COMPLEXAS

As construções com mais de um verbo serão descritas neste capítulo. Essas construções envolvem desde uma única oração com multi-verbos que não são nem compostos, nem membros de orações separadas, como é o caso de construções com seqüências de verbos, até, principalmente, construções com uma oração independente e uma ou mais orações dependentes.

Orações que compõem sentenças complexas têm sido tradicionalmente agrupadas em dois tipos: orações subordinadas e orações coordenadas. As orações subordinadas são consideradas, em algum sentido, dependentes de suas orações principais, enquanto que as orações coordenadas são consideradas de alguma forma independentes.

De acordo com Givón (1984), existe um número de razões para que esta distinção não seja totalmente satisfatória, considerando que em um discurso conectado, coerente, nenhuma oração é totalmente independente do contexto oracional imediato, além de que estudos tipológicos mais amplos têm revelado que a distinção binária entre subordinação e coordenação é uma simplificação grosseira dos fatos. Assumindo Givón (1984), não faremos aqui esta distinção.

Este capítulo será organizado de acordo com os tipos de sentenças complexas encontradas na língua Panará, levando-se em conta o grau de gramaticalização que envolvem essas construções, isto é, do mais alto grau de gramaticalização até nenhuma integração gramatical entre orações, como sugere a seqüência abaixo:

seriais	completivas	causativas	relativas	adverbiais	coordenadas
---------	-------------	------------	-----------	------------	-------------

As orações nominalizadas, de pouca produtividade em Panará, serão descritas conjuntamente com os tipos de orações em que se inserem.

5.1 CONSTRUÇÕES SERIAIS

Existe em Panará construções em que até três verbos se sucedem, formando um predicado com núcleo complexo. Estas construções apresentam muitas das propriedades que são atribuídas a construções seriais: argumentos e categoria funcionais do verbo são partilhados por todo o complexo, a negação incide sobre todos os núcleos, e os eventos expressos pelos verbos da série são, na maior parte, simultâneos. Assim, assumimos, no presente estudo, estas construções como seriais, considerando, contudo, necessário que, ulteriormente, uma investigação mais acurada seja realizada, para permitir definir, com segurança, se realmente essas construções são seriais ou se tratam de incorporação verbal (Baker 1988).

Construções seriais em Panará se caracterizam por apresentar um núcleo de um sintagma verbal com mais de uma raiz verbal e com argumento(s) comum(s) a esses verbos. Não há marcas independentes para as categorias do verbo, como modo e aspecto, nem para a concordância com os argumentos. A entonação é característica de uma única oração. Em orações negativas, a negação tem escopo sobre toda a oração.

Em Panará construções seriais aparecem abundantemente tanto na fala coloquial quanto na fala formal, demonstrando que se encontram bem instaladas na gramática desta língua. Tipicamente, essas construções expressam várias facetas de um evento complexo e significam algo ligeiramente diferente do que a mesma série de verbos significaria se ocorressem em orações separadas.

Geralmente a série é constituída de dois ou, no máximo, três verbos que são traduzidos pelos falantes, ora por um verbo ora por outro verbo e, às vezes, por todos os verbos do complexo. É comum a duplicação de um dos verbos da série após o argumento nominal complemento do verbo. As construções seriais nessa língua podem equivaler a estruturas de vários tipos, como:

a) sentença simples:

- (339) tsukahamãy yi =piasə =∅ =tə
 Txukahamãe.ABS REAL.INTR=**envergonhar-se**=3SG.ABS=**ir**
 ‘O Txukahamãe foi embora.’

b) coordenação:

- (340) yi =∅ =sũũ =po yɔwpi hakuiti sũũ
 REAL.INTR=3SG.ABS=**dizer=chegar** onça.ABS jabuti **dizer**
 ‘a onça foi até o jabuti e disse.’

c) complementação com verbos modais:

- (341) mara hẽ ∅ =ti =sotĩ=(ĩ)kuə-ri =mãpe
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=**coisa=pegar-PERF** =**terminar**
 ‘ele terminou de comprar as coisas.’

d) causativização:

- (342) ãkyẽ hẽ ∅ =re =sũũ =k -ãtə-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=**dizer=2SG.ABS-fazer-PERF**
 =k -ãpə rahe ka
 =**2SG.ABS-comer** FIN você
 ‘eu fiz você comer.’

e) subordinação:

- (343) ìkiara ra =sə =pan puu tã (i)tu sə
mulheres.ABS 3SG.ABS=**pegar=andar** roça ALA batata **pegar**
‘as mulheres vão para a roça para pegar batata.’

Predicados com serialização verbal podem ser transitivos ou intransitivos. A transitividade ou intransitividade do predicado é determinada pelo último verbo da série, independentemente se os verbos que a compõem são transitivos ou intransitivos. A marca de modo ocorre sempre à esquerda do primeiro verbo, ao passo que elementos de co-referência com o sujeito podem ser proclíticos ao primeiro ou ao último verbo, indicando, pois, que verbos seriais nessa língua não são derivados por meio de formação de palavras.

- (344) maramɛra yi =ra =piasə =tɔ
eles.ABS REAL.INTR=3PL.ABS=**envergonhar-se=ir**
‘eles foram embora.’

- (345) maramɛra yi =piasə =ra =tɔ
eles.ABS REAL.INTR=**envergonhar-se**=3PL.ABS=**ir**
‘eles foram embora.’

Verbos da série, marcados por morfologia intransitiva, podem exibir objetos diretos, argumentos de algum dos verbos que a compõem. Nestes casos, não parece haver concordância do verbo com esses argumentos (nos exemplos de que dispomos, os SN's objetos são de terceira pessoa no singular, cuja marca de concordância é zero, lembrando, ainda, que em Panará verbos intransitivos podem concordar apenas com o sujeito e com o objeto de certas posições). Contudo, observamos que, na maioria desses casos, o verbo transitivo vem duplicado após o seu objeto, como nos exemplos em (340) e (343).

A maioria dos verbos que ocorrem em construções seriais ocorrem também como verbos independentes em outras construções.

- (346) papã hẽ ø =re =ø =ĩkuə-ri
 todos ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**pegar**-PERF
 kəprepa pã ãte
 papel pequeno RECP
 ‘todos pegaram a pasta.’

- (347) mara hẽ ka =ti =sũũ puu tã ka =ti =kui
 ele ERG IRR=3SG.NOM=**dizer** roça ALA IRR=3SG.NOM=ir
 ‘ele dirá que não irá para a roça.’

Posposições e nomes podem ser incorporados a essas construções:

- (348) ĩkyẽ ka =ø =su =ø
 eu.ABS IRR=1SG.NOM=atingir=3SG.ABS
 =**ICOM**=ir sozinho
 =**how** =kui atɛ
 ‘eu irei com ela sozinho.’

- (349) ø =ti =pe =sa =sã-rĩ
 REAL.TR=3SG.ERG=**MAL**=pegar=pôr-PERF
 sōkrɛpakɔkɔ he
 jacu ERG
 nãsow **pe** sōkyoti amã
 urubu **MAL** garganta INES
 ‘o jacu pegou o (o fogo) e pôs dentro da garganta em detrimento do urubu.’

- (350) yi =si =how =Ø =mo-rin =titi
 REAL.INTR=**fogo**=ICOM=3SG.ABS=ir-PERF=queimar
 āhā tua?tu
 TEMP velha.ABS
 ‘quando a velha foi, o fogo a queimou.’

- (351) mara hẽ ka =ti =Ø =so(ti)=tõ =pi-ri
 ele ERG IRR=3SG.NOM=3SG.ABS=**coisa**=escolher=pegar-PERF
 kytiji
 cigarro.ABS
 ‘ele vai comprar cigarro.’

5.1.1 CLASSE DE VERBOS SERIAIS

Existe em Panará uma classe de verbos que, em geral, só ocorrem em construções seriais e que possuem um significado comum geral de ‘pegar’, mas que, em certos contextos agregam um significado mais específico como: ‘escolher, coletar, colher, cortar, furar, alvejar’ etc. Estes verbos denotam algum tipo de função classificatória do argumento, geralmente o nome em posição de objeto direto, pois qualificam o verbo principal e reduzem o seu escopo. Como nas outras construções seriais, o evento a que se referem essas construções são traduzidas pelos falantes ora por um verbo ora por outro e, às vezes, pelo complexo verbal. Os verbos dessa série, todos transitivos, podem também ocorrer duplicados à direita do NP objeto direto que ele parece classificar. Também aqui, o último verbo da série à esquerda determina o nível de transitividade do predicado. São os seguintes os verbos dessa classe:

a) sə ‘colher’.

- (352) māmā ra =sə =pan kui sə puu tã
 então 3PL.ABS=**colher**=**mover** mandioca **colher** roça ALA
 ‘então elas andaram e colheram mandioca na roça.’

- (353) ĩkiara ra =sə =pan puu tã itu sə
 mulher.ABS 3PL.ABS=**colher**=**mover** roça ALA batata **colher**
 ‘as mulheres foram para a roça colher batata.’

b) se ‘coletar’.

- (354) yu pe ra =se =hɔ =po piuti
 PI ABL 3PL.ABS=**coletar**=INSTR=**chegar** jenipapo
 ‘de onde elas trouxeram jenipapo?’

- (355) marapyirã ø =ne =ø =se =kə-ri
 eles.PAUC.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**coletar**=**cortar**-PERF
 pəri hati
 madeira.ABS floresta
 ‘eles pegaram madeira na floresta.’

tõ ‘escolher’.

- (356) ø =re =ø =tõ =si-ri nãpo
 REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=**escolher**=**cortar**-PERF jatobá.ABS
 ‘catei jatobá.’

- (357) ka =ø =mã =tõ =pi kiãko
 IRR=1SG.NOM=3SG.DAT=escolher=pegar.IMP piolho.ABS
 ‘vou catar piolho nele.’

ku ‘cortar’:

- (358) ĩkiarã ø =ne =ø =ku =kə-ri
 mulheres.ERG REAL.TR=3PL.ABS=3SG.ABS=cortar=cortar-PERF
 iãsi kəyasə ui how
 veado.ABS faca grande INSTR
 ‘as mulheres cortaram o veado com o facão.’

- (359) ka =ti =ø =ku =su mōsi
 IRR=2PL.NOM=3SG.ABS=cortar=socar milho.ABS
 ‘você vai socar o milho.’

b) **sa** - ‘furar’.

- (360) kowtita he ø =ti =ø =sa =popo yoriti
 galinha ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=furar=furar capivara.ABS
 ‘a galinha bicou a capivara.’

- (361) ka he ø =ka =ø =sa =kiey mara
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS=furar=cortar ele.ABS
 ‘você furou ele.’

su – ‘atingir’.

- (362) i?kow yi =∅ =su =kiākui
 macaco REAL.INTR=3SG.ABS=atingir=vir de cabeça p/baixo
 muu pe kipa tã hakuiti su
 alto ALA terra ABL jabuti atingir
 ‘o macaco veio de cabeça para baixo e caiu por cima do jabuti.’

- (363) ka hẽ ∅ =ka =∅ =su =ãto
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS=atingiu=atirou
 iãsi su
 veado atingiu
 ‘você atirou no veado (e o alvejou).’

É comum encontrar mais de um verbo dessa série compondo com outros verbos uma construção serial. Em alguns casos assumem o conteúdo nocional mais geral que permeia os verbos dessa classe ‘pegar’, ou já indicam um processo de gramaticalização em curso, com perda de conteúdo nocional, funcionando mais como um auxiliar marcador de modo, traduzido pelos falantes como ‘ir’.

- (364) ikyẽ hẽ ka =∅ =se=ku =kə-ri
 eu ERG IRR=1NOM=ir =pegar=cortar-PERF
 ipo y-ĩ ikyẽ mã
 boi RC-carne eu BEN
 ‘eu vou cortar a carne para mim.’

- (365) mōsi ka =ti =tã =tõ =sə-ri
 milho.ABS IRR=2SG.NOM=**ir** =**escolher**=**pôr**-PERF (na cesta)
 ka =ti =ku =su ahe
 IRR=2SG.ABS=**cortar**=**socar** FIN
 ‘você vai pegar milho para socar.’

5.1.2 PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

Os verbos dessa série, bem como outros que ocorrem em construções seriais, em certos contextos, demonstram que já sofreram descategorização, com perda do seu conteúdo nocional, isto é, passaram por um processo de gramaticalização. Nesses contextos, essas formas se comportam como verbos auxiliares e/ou classificatórios, como marcadores de aspecto, de modo e, em algumas construções, parecem simplesmente constituir com outro verbo um novo item lexical. Serão glossados aqui como verbos auxiliares até que trabalhos futuros venham definir o seu real *status* gramatical.

- (366) ka =ø =se =sõ-ti mãmã
 IRR=1SG.NOM=AUX=**dormir**-PERF então
 ka =ø =səpe
 IRR=1S.NOM=trabalhar
 ‘depois que eu dormir, eu vou trabalhar.’

- (367) ø =ne =se =yã =wayã ʔkre ahe
 REAL.TR=3PL.ERG=AUX=RFLX=**preparar**.IMP festa FIN
 ‘eles estão se preparando para a festa.’

- (368) piārahe ra =se =yã =kyi
 por que 3PL.ABS=AUX=RFLX=**pintar**
 ‘por que eles se pintam?’

- (369) *ĩkyẽ hẽ ø =re =su =k-ãto-ri maramɛra*
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=AUX=2SG.ABS-CAUS-PERF eles.ABS
ø =ka =r-ãpũ ahe
 REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS-ver FIN
 ‘eu fiz você visitá-los.’

- (370) *mara hẽ ø =tĩ =(ĩ)pə-ri ĩko*
 ela ERG REAL.TR=3SG.ERG=carregar-PERF água.ABS
ø =tĩ =sa-suə-ri nũ amã
 REAL. TR=3S.ERG=derramar-PERF NEG INES
 ‘ela carregou água sem derramar.’

O verbo *se* ‘coletar’ ocorre também como marcador de MODO IMPERATIVO em construções com verbos transitivos.

- (371) *kiãpõtiti se pĩri* ‘pegue o biscoito!’
Kowkiati se pĩri ‘pegue a panela!’
kəyasə se pĩri ‘pegue a faca!’
sõse sua se pĩri ‘pegue o anzol!’

- (372) *isi se sakow-ri mĩ =sõ =ku =sa-ri*
 fogo IMP soprar-PERF 1PL=comida=cortar=assar-PERF
 ‘faça fogo que nós vamos cozinhar.’

O verbos *rõ* ‘estar deitado, jazer’ em construções seriais tem características de verbo classificatório, ou seja, é usado em contextos que sugerem indicar a posição física dos referentes dos nomes que ocupam o lugar de sujeito de verbo intransitivo ou de objeto direto de verbo transitivo.

- (373) itu yi =∅ =rõ =prẽ
 batata.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=jazer=velha
 ‘a batata (no chão) está velha’

- (374) ãprĩ ∅ =ti =∅ =rõ =kə-ri
 menino.ABS REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=jazer=morder-PERF
 nãkã he
 cobra ERG
 ‘o menino, foi mordido pela cobra.’

- (375) wəro yi =∅ =rõ =kui puuãtã
 papagaio.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=jazer=ir para longe
 ‘o papagaio voou para longe.’

Construções similares podem ocorrer opcionalmente com classificadores ou com verbos seriais, sugerindo efeitos de focalização em uma ou outra escolha. Em (376) o uso do verbo serial **ku** ‘cortar’ o foco estaria no corte. Em (377), o uso do classificador **se**, referente a ‘fios’ em geral, sugere que o foco estaria na ‘corda’.

- (376) ãkyẽ hẽ ∅ =re =∅ =ku =si-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=cortar=cortar-PERF
 sase ãkre kəyasə pã how
 corda.ABS faca pequena INSTR
 ‘eu cortei a corda com o canivete.’

- (377) ìkyẽ hẽ ø =re =se =sì-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=CLASS=cortar-PERF
 sase ãkre kəyasə rō amã
 corda.ABS faca NEG INES
 ‘eu cortei a corda sem faca.’

5.2 COMPLEMENTAÇÃO

Uma oração completiva prototípica é aquela que funciona como argumento (sujeito ou objeto) do verbo da oração matriz. Em Panará ocorrem orações completivas apenas com a função de objeto direto. Os tipos encontrados foram os seguintes: serialização, orações completivas com verbos finitos, com e sem complementizador, e orações completivas não-finitas, com a nominalização do verbo. A serialização ocorre apenas com verbos de modalidade. A combinação de orações e a nominalização ocorrem com verbos de cognição, de enunciação e também com verbos modais.

5.2.1 COMPLEMENTAÇÃO COM VERBOS SERIAIS

Construções com verbos modais com argumento sentencial, em que os verbos envolvidos compartilham o mesmo sujeito gramatical, podem ser expressas por meio de serialização. Estas construções exibem o mesmo padrão estrutural das demais construções seriais aqui descritas: o verbo modal ocorre em última posição, o verbo da oração dependente à sua esquerda e as expressões de modo, concordância e negação têm escopo sobre toda o complexo verbal. São verbos modais como: querer, começar, terminar, continuar, tentar:

(378) ĭkyẽ hẽ ø =re =ø =tẽ=piãni

eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=**ir=querer**

muu tã

Brasília ALA

‘eu quero ir para Brasília.’

(379) mara hẽ ø =ti =ø =kə-ri =kiati

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=**cortar-PERF=começar**

pəri

árvore.ABS

‘ele começou a derrubar a árvore.’

(380) mara hẽ ø =ti =sãpə =mãpe

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=**comer=terminar**

‘ele terminou de comer.’

(381) ka hẽ ø =ka =ø =sõ-ri =atã

você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS=**dar.PERF=continuar**

kwatikiãkə

colar.ABS

‘você continuou a vender os colares.’

(382) ka hẽ ø =ka =ra =wayã =rãkyi

você ERG REAL.TR=2SG.ERG=1SG.ABS=**fazer.IMP=tentar**

ĩkye

eu.ABS

‘você tentou me ajudar.’

O verbo *parecer*, com exceção do sujeito dativo, exibe a mesma estrutura dos verbos seriais modais.

- (383) mara mã mã =suãka =ãpiə
 ele DAT 3SG.DAT=*estar cansado=parecer*
 ‘ele parece cansado.’

Complementação com verbos modais podem também ocorrer com até três verbos na mesma série:

- (384) ĩkyẽ ø =re =ø =tõ =piri =piãni
 eu REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=*escolher=pegar-PERF=querer*
 kariyo
 cigarro.ABS
 ‘eu queria comprar cigarro.’

5.2.2 COMPLEMENTAÇÃO COM VERBOS FINITOS

Em Panará, orações completivas com verbos finitos são orações independentes que carregam seu próprio tempo e aspecto e expressam seu sujeito diretamente, isto é, a referência ao sujeito não está restrita àquela da oração matriz. Os verbos que selecionam a oração complemento são verbos de cognição, de enunciação e de modalidade. Dois tipos fundamentais de orações completivas foram encontrados em Panará: com complementizador e sem complementizador.

- (a) com complementizadores: verbo de enunciação na oração matriz e introduzidas por pró-formas interrogativas, como interrogativas indiretas (cf. item 4.5.3.3, capítulo 4).

- (385) mara hẽ ø =ti =sũũ
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=disse
 piã ø =ti =ø =wayã-ni
 que REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=fazer-PERF
 ‘ele disse o que fez.’

- (386) ũkiey hẽ ø =ti =sũũ
 mulher ERG REAL.TR=3SG.ERG=dizer
 yu rãhã ka =ti =pi =po
 quando REAL.TR=3SG.NOM=DIR=chegar
 ‘a mulher disse quando ia voltar.’

(b) sem complementizador: existem três diferentes possibilidades de codificação da complementação em Panará:

(i) Cada predicado exibe marcação de modo, aspecto e referência ao seu próprio sujeito. Essa é a forma mais comum, geralmente encontrada com verbos de cognição e enunciação, quando as duas orações possuem o mesmo sujeito.

- (387) mara hẽ ø =ti =(ĩ)pa-ri pio
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=saber-PERF NEG
 ø =ti =ø =waya-ni kwakritu
 REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=fazer-PERF borduna.ABS
 ‘ele não sabe fazer borduna.’

- (388) marapyĩrã Ø =ne =sũũ
 eles poucos.ERG REAL.TR=3SG.ERG=dizer
 ka =Ø =pan hatĩ tã
 IRR=3PL.NOM=ir mato ALA
 ‘eles disseram que vão caçar.’

- (ii) Com o sujeito e o verbo da oração complemento encaixados entre o sujeito e o predicado da oração matriz. Adjuntos e complementos do predicado da completiva podem ocorrer tanto à esquerda quanto à direita dessa oração. Só foi encontrado esse tipo de oração com verbos de modalidade:

- (389) ĩkyẽ hẽ [ĩkyẽ y-õpã yĩ =Ø =kui]
 eu ERG eu RC-filho.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ir
 Ø =re =piãni puu tã
 REAL.TR=1SG.ERG=querer roça ALA
 ‘eu quero que minha filha vá pra roça.’

- (390) ĩkyẽ hẽ [ka hẽ ka =ti =Ø =tõ =pi]
 eu ERG você ERG IRR=2SG.NOM=3SG.ABS=escolher=pegar
 Ø =re =piãni kyitiyi
 REAL.TR=1SG.ERG=querer cigarro.ABS
 ‘eu quero que você compre cigarro.’

- (391) ĩkyẽ y-õpã hẽ [ĩkyẽ hẽ re =Ø =kəpo]
 eu RC-filho ERG eu ERG 1SG.ERG=3SG.ABS=debulhar
 kiorĩpe Ø =ti =piãni
 arroz.ABS REAL.TR=3SG.ERG=gostar
 ‘meu filho quer que eu debulhe o arroz.’

- (iii) Orações completivas em que o sujeito da oração dependente (do complemento oracional) é diferente do sujeito da oração matriz. O verbo da oração matriz exibe concordância absolutiva com o sujeito da oração completivas. Do ponto de vista lógico, esse argumento não é selecionado pelo verbo, mas sim toda a oração complemento. Este tipo de oração só foi encontrado com verbos de cognição e de enunciação.

- (392) *ĩkyẽ hẽ ø =re =r(a) =ĩpa-ri*
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3PL.ABS=ouvir-PERF
akiu how yi =ø =ra =pe
 timbó IC REAL.INTR=3SG.ABS=3PL.ABS=ir
 ‘eu sei que todos foram bater timbó.’

- (393) *ĩpi hẽ ø =ti =ra =sũũ*
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS=dizer
ø =re =ø =tõ =piri pio hatõ
 REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=NEG=comprar-PERF NEG munção.ABS
 ‘o homem disse que eu não comprei nenhuma munção.’

5.2.3 COMPLEMENTAÇÃO COM VERBOS NÃO FINITOS

As orações completivas com verbos não-finitos em Panará ocorrem com a nominalização do verbo da oração completiva, por meio do prefixo nominalizador *ĩ-*. Não há marcas de modo, aspecto ou concordância com os argumentos. Essas construções ocorrem principalmente quando as duas orações possuem o mesmo sujeito, embora também seja possível também com sujeitos diferentes.

- (394) ĩpi hẽ ø =ti =sũũ ĩ-kĩn pio nãpein
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=dizer NMZ-gostar NEG mel
 ‘o homem disse que não gosta de mel.’

- (395) mara hẽ ø =t(i) =ĩpa-ri ĩ-pẽ pikowmã
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=aprender-PERF NMZ-falar cedo
 ‘ele aprendeu a falar cedo.’

- (396) ĩpi hẽ ø =ti =sũũ s-õpã ĩ-kĩn
 homem ERG REAL.TR=3S.ERG=dizer RNC--filho NMZ-estar bem
 ‘o homem disse que o filho (dele) estava bem.’

5.3 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

Na língua Panará foram encontrados três verbos que, em certas construções bi-oracionais, constituem o núcleo do predicado da oração matriz. A oração encaixada nessas construções é o complemento semântico daquela. O sujeito da oração matriz não realiza a ação, mas age nocionalmente sobre o sujeito da oração encaixada para que este a realize. Trata-se, portanto, de causativas sintáticas. Na sua formação, ocorrem mudanças nas relações gramaticais entre os constituintes, se comparadas às construções não-causativas.

Os três verbos que podem exprimir causativização em Panará são transitivos e tomam como complemento tanto orações transitivas quanto intransitivas. Ocorrem também em construções não-causativas, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

- a) -ãtɔ/-ãtɔ-ri ‘enviar’, ‘mandar’:

- (397) ka hẽ ø =ka =mã =s-ãto-ri
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3DAT=3SG.ABS-dar-PERF
 sikreproya Sokrẽ mã
 disco.ABS Sokrẽ DAT
 ‘você mandou um disco para Sokrẽ.’

b) **-ãte/-ãte-ri** ‘deixar de’, ‘desistir’, ‘permitir’:

- (398) ãkye hẽ ka =ø =ãte-ri =sokre
 eu ERG IRR=1SG.NOM=desistir-PERF=plantar
 ‘eu vou desistir de plantar.’

c) **sũũ**: ‘dizer’, ‘contar’:

- (399) ãpi hẽ ø =ti =sũũ
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=dizer
 ø =re =ø =tõ =pi-ri pio
 REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=NEG=pegar-PERF NEG
 atõsi
 munição.ABS
 ‘o homem disse que eu não nenhuma comprei munição.’

Em construções bi-oracionais causativas esses verbos possuem os seguintes significados: a) ‘fazer, mandar’ - de ordem, causativa direta, com o verbo **ãto/ãtori**; b) ‘permitir, deixar’ - de permissão, causativa indireta, com o verbo **ãte/ãteri**; c) ‘pedir’ - de advertência ou admoestação, com o verbo **sũũ**. Em todas essas construções, a posposição final **ahe ~ rahe ~ yahe** ocorre imediatamente após o núcleo verbal da oração encaixada, à qual se vincula, com a função de complementizador, delimitando assim a oração que constitui o complemento semântico do predicado da oração matriz. Construções

causativas com cada um desses verbos se associam a diferentes tipos de relações gramaticais entre os constituintes.

As causativas formadas com verbos intransitivos ocorrem de duas maneiras:

i) com o *causee* objeto direto da oração matriz:

- (400) a. ka yĩ =k-ãpə
 você.ABS REAL.INT=2SG.ABS-comer
 ‘você come/comeu.’
- b. ĩkyẽ hẽ ø =re =k-ãtẽ-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=2SG.ABS-deixar-PERF
 yĩ =k-ãpə rahe ka
 REAL.INTR=2SG.ABS-comer COMP você.ABS
 ‘eu deixei você comer.’

Na construção causativa em (b) de (400), o verbo da oração matriz, o clítico *re* é co-referente com o NP sujeito (o *causer*=ergativo) e o prefixo *k-* concorda com o SN sujeito da oração encaixada (o *causee*=absolutivo). O verbo da oração encaixada mantém o prefixo absolutivo *k-* de concordância com o SN sujeito básico (original). O SN *ka* ‘você’, absolutivo, que ocorre após o COMP, também pode ocorrer entre o verbo da oração matriz e o verbo da encaixada, mas não pode ocorrer entre o COMP e o verbo, sugerindo que esse SN é argumento sintático do verbo da oração matriz. A partícula que marca o modo na oração encaixada ocorre opcionalmente.

(ii) com o *causee* objeto indireto da oração matriz:

- (401) a. ĩkiey yĩ =s-əpe
 mulher.ABS REAL.INTR=3SG.ABS-trabalhar
 ‘a mulher trabalha/trabalhou.’

- b. ĩpi hẽ ø =ti =mã =sũũ ĩkiey mã
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=DAT=dizer mulher BEN
 yi =s-əpe ahe
 REAL.INTR=3SG.ABS-trabalhar COMP
 ‘o homem pediu a mulher para (ela) trabalhar.’

Em (b) de (401), o *causee* ĩkiey ‘mulher’, seguido da posposição benefactiva mã, é argumento do verbo da oração matriz com o qual mantém relação sintática, como se pode observar pela presença do clítico de concordância dativa no verbo. Na oração encaixada, o *causee* mantém a sua função de sujeito, presente apenas na marca do prefixo absolutivo de concordância verbal s-.

As causativas com verbos transitivos se manifestam de três formas diferentes:

- (i) com o *causee* objeto direto da oração matriz, e com o objeto direto da oração encaixada também como objeto direto da oração matriz, isto é, a oração matriz com dois objetos diretos:

- (402) a. ka hẽ ø =ka =s-ãpũ Margarida
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS-ver Margarida.ABS
 ‘você visitou Margarida.’

- b. ĩkyẽ hẽ ø =re =sã =k-ãto-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=AUX=2SG.ABS-mandar-PERF
 Margarida ø =ka =s-ãpũ ahe
 Margarida.ABS REAL.TR=2SG.ERG=RNC.3SG.ABS-ver COMP
 ‘eu fiz você visitar Margarida.’

Em (b) de (402), como com as causativas com verbo intransitivo, o verbo da oração exibe o clítico *re* co-referente com o SN sujeito (*causer*=ergativo) e o prefixo *k-* que marca a concordância com o sujeito da oração encaixada (*causee*=absolutivo). O

verbo da oração encaixada não se modifica na sua morfologia verbal. O *causee* manifesta-se como argumento das duas orações pelo prefixo absolutivo **k-** na oração matriz, e pelo clítico ergativo **ka** na oração encaixada. O SN **Margarida**, objeto direto da oração encaixada, que ocorre imediatamente após o verbo causativo, também pode ocorrer depois do COMP, mas não imediatamente após o verbo da encaixada¹

- ii) com o *causee* complemento oblíquo da oração matriz, e o objeto direto da oração encaixada também como objeto direto da oração matriz:

- (403) a. mara hẽ ø =ti =ria =mein kamera
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2PL.ABS=empurrar vocês.ABS
 ‘ele empurrou vocês.’
- b. ãkyẽ hẽ ø =re =ria =mã =sũũ mara mã
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=2PL.ABS=3DAT=dizer ele BEN
 ø =ti =ria =mein ahe kamɛra
 REAL.TR=3SG.ERG=2PL.ABS=empurrar COMP vocês.ABS
 ‘eu pedi a ele para empurrar vocês.’

O verbo causativo **sũũ** exibe clíticos de co-referência com o SN sujeito ergativo (*causer*), com o SN objeto direto (absolutivo) e com o objeto indireto benefactivo, em (b) de (419). O verbo da oração encaixada mantém os mesmos clíticos pronominais de co-referência com o sujeito (ergativo), o *causee*, e com o objeto direto (absolutivo), como em (a).

- iii) com o *causee* objeto direto da oração matriz, e o objeto direto da oração encaixada como complemento oblíquo da oração matriz:

¹ Normalmente, os objetos diretos posicionam-se após o verbo, se não co-ocorrem com complemento oblíquo.

- (404) a. mara hẽ ø =ti =tɔw =y-ãpũ
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=festa=RC.3SG.ABS-ver
 ‘ela viu a festa.’

- b. ãkyẽ hẽ ø =re =tã=s-ãte-ri ãtɔw hã
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=ir=3SG.ABS-deixar-PERF festa ADES
 ø =tĩ =(ĩ)tɔw=y-ãpu ahe
 REAL.TR=3SG.ERG=festa =RC.3SG.ABS-ver COMP
 ‘eu deixei ela ver a festa.’

O verbo da oração matriz exhibe o clítico de co-referência com o *causer* (ergativo) e o prefixo de concordância com o *causee* (absolutivo). O verbo da oração encaixada mantém o mesmo clítico co-referente com o sujeito ergativo e como o objeto direto absolutivo. O nominal objeto direto encontra-se incorporado ao núcleo verbal. O objeto direto da encaixada passa a complemento oblíquo da oração matriz.

Também em construções causativas com verbo transitivo de três lugares (SN sujeito, SN objeto direto e PP oblíquo), tanto o sujeito (o *causee*) como o objeto direto da oração encaixada são objetos diretos da oração matriz. Como se pode verificar em (b) de (405), o verbo causativo -ãtɔri ocorre com os clíticos *ka* (ergativo) e *ra* (absolutivo) co-referentes com o SN sujeito e com o SN objeto direto, respectivamente. E com o prefixo de concordância (*s-*) com o *causee*. Não ocorrem mudanças na morfologia verbal da oração encaixada.

- (405) a. mara hẽ ø =ti =r(a) =ãkua
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS=alvejar
 kĩẽy hɔw ãkyẽ
 pedra INSTR eu.ABS
 ‘ele alvejou-me com pedras.’

b. ka hẽ ø =ka =ra =se
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=1SG.ABS=AUX
 =s-ãto-ri kĩẽy how
 =3SG.ABS-mandar-PERF pedra INSTR
 ø =ti =rã =(ĩ)kua ahe
 REALTR=3SG.ERG=1SG.ABS=alvejar COMP
 ‘você mandou-o alvejar-me com pedras.’

Na formação de causativas em Panará, ocorrem mudanças nas relações gramaticais da oração matriz, quando o verbo aumenta a sua valência e toma para si os argumentos nominais da oração-complemento. No quadro abaixo pode-se visualizar as possibilidades de mudanças de função e de caso dos argumentos em construções com verbos transitivos e intransitivos:

(406) Mudanças de função e caso na formação de causativas.

com verbo intransitivo		com verbo transitivo	
encaixada	matriz	encaixada	matriz
sujeito/absolutivo	objeto/absolutivo	sujeito/ergativo	objeto/absolutivo
	oblíquo/dativo		oblíquo/dativo

Interessante também é verificar-se que as três formas verbais que ocorrem na formação de causativas em Panará resultam em três tipos de construção que diferem pela função sintática atribuída aos constituintes compartilhados pelo predicado das duas orações, conforme se pode ver no quadro abaixo:

(407) Verbos causativos e tipos de construção.

oração. encaixada	oração matriz		
	-ãto/-ãtori	sũu	ãte/-ãteri
sujeito	objeto direto	obliquo	objeto direto
objeto direto	objeto direto	objeto direto	obliquo

As construções causativas na língua Panará são, pois, sentenças complexas, em que a oração subordinada funciona como argumento semântico da oração matriz e encontra-se vinculada a essa por meio de um complementizador. Os argumentos semânticos associados ao predicado da oração subordinada são tomados como argumentos sintáticos pelo predicado de causação da oração principal, a qual, por sua vez, tem como seus argumentos semânticos: o SN causer (sujeito), e a oração encaixada (objeto direto). Na oração encaixada ocorre o apagamento dos argumentos nominais, salvo se estiverem incorporados ao verbo. Mantém-se o mesmo sistema de co-referência ou concordância do verbo com esses constituintes, agora sintaticamente compartilhados pelos predicados das duas orações. O predicado da oração matriz amplia a sua valência, pois se apropria sintaticamente de todos os constituintes do predicado da oração-complemento. A oração-complemento passa a ser constituída apenas do verbo, que mantém suas marcas de modo (opcionalmente) e de concordância (obrigatoriamente), e do complementizador. Assim, as duas orações se entrelaçam por meio da comunhão de alguns de seus actantes, sendo que na oração matriz estes são especificados enquanto que na oração encaixada não o são (Foley & Van Valin, 1984).

5.4 ORAÇÕES RELATIVAS

Na língua Panará há uma série de construções que atendem à definição das chamadas orações relativas: uma oração que funciona como um modificador de um sintagma nominal constituinte de uma oração matriz. O conteúdo semântico desse constituinte,

chamado núcleo, satisfaz à interpretação semântica tanto dentro da oração relativa quanto dentro da oração matriz.

De acordo com Keenan e Comrie (1977), nas línguas naturais existem: a) três posições possíveis para o núcleo: ou à esquerda, ou à direita ou dentro da oração relativa; b) três estratégias de relativização: com pronome relativo, com pronome pessoal, com $\emptyset$ (um operador nulo); c) duas possibilidades de o elemento (pro)nominal, se presente, indicar qual o papel (a posição) do elemento relativizado [+ Caso, - Caso]; e uma hierarquia de funções relativizadas (sujeito > objeto > objeto indireto > oblíquo > genitivo > objeto de comparação), a qual prediz que se uma língua relativiza uma posição mais baixa nessa hierarquia, relativizará as posições que se situam acima desta.

5.4.1 RELATIVIZAÇÃO PRIMÁRIA

No Panará, as orações relativas até aqui encontradas são todas pós-nominais, isto é, ocorrem após o elemento nominal com o qual se relacionam. Não se distinguem relativas explicativas de relativas restritivas. Para expressar a relativização a língua emprega diferentes estratégias dependendo da função gramatical do nominal relativizado.

Para relativizar o SN sujeito de verbo transitivo (ERG) e intransitivo (ABS) e o SN objeto direto (ABS), a língua Panará não utiliza complementizador. Na relativização desses constituintes, a oração relativa ou segue a oração matriz, como em (b) e (c) de (408), ou ocorre intercalada, como em (d), ocupando a posição entre o núcleo e os demais constituintes da oração matriz. Em (a), a oração básica.

(408) a. $\dot{\text{t}}\text{p}\dot{\text{i}}$ $\text{h}\dot{\text{e}}$ $\emptyset$ $=\text{ti}$ $=\emptyset$ $=\text{pi-ri}$ $\text{at}\ddot{\text{o}}\text{s}\dot{\text{i}}$

homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=comprar.PERF munição.ABS

‘o homem comprou munição.’

b. $\tilde{i}pi$ $y\tilde{i}$ $=\emptyset$ $=po$

homem.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=chegar

$[\emptyset$ $=ti$ $=\emptyset$ $=pi-ri$ $at\tilde{o}si]$

REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=comprar-PERF munição.ABS

‘o homem, que comprou munição, chegou.’

c. $\tilde{i}pi$ $h\tilde{e}$ $\emptyset$ $=ti$ $=\emptyset$ $=pi-ri$ $at\tilde{o}si$

homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=comprar-PERF munição.ABS

$[y\tilde{i}$ $=\emptyset$ $=po]$

REAL.INTR=3SG.ABS=chegar

‘o homem, que chegou , comprou munição.’

d. $at\tilde{o}si$ $[\tilde{i}pi$ $h\tilde{e}$ $\emptyset$ $=ti$ $=\emptyset$ $=pi-ri]$

munição.ABS homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=comprar-PERF

$y\tilde{i}$ $=\emptyset$ $=piow$

REAL.INTR=3SG.ABS=acabar

‘a munição, que o homem comprou, acabou.’

Não há distinção na relativização de sujeito de transitiva (SN ergativo) e de sujeito de intransitiva (SN absolutivo). Portanto, a relativização de argumentos nucleares aponta para a existência de uma categoria de sujeito nessa língua, isto é, para um sistema nominativo-acusativo. Considera-se essa estratégia de relativização como primária, uma vez que é a utilizada para relativizar sujeitos (Keenan e Comrie 1977).

5.4.2 RELATIVIZAÇÃO DE OBJETO INDIRETO

Predicados verbais em Panará, como já foi mencionado, podem concordar, por meio das séries de clíticos ergativos, nominativos e absolutivos, com o SN sujeito, SN objeto

direto ou SN objeto indireto. Os objetos indiretos com os quais o verbo concorda são sintagmas posposicionais marcados por benefactivo, malefactivo, comitativo, instrumental-comitativo e inessivo. A concordância com esses constiutintes ocorre mesmo quando o objeto direto temático está presente. Com objetos indiretos marcados por benefactivo e comitativo, além da concordância com o absolutivo, a língua apresenta, alternativamente, a possibilidade de concordância com o dativo:

i) por meio de clíticos de concordância absolutiva:

- (409) panãrã Ø =ne =ria =sõ-ri ise
 índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=2PL.ABS=dar-PERF arco.ABS
 kamɛra mã/kamɛrã
 homens BEN
 ‘os índios deram arco para vocês.’
- (410) ãkyẽ hẽ Ø =re =ria =kuə-ri kamɛra kō
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=2PL.ABS=pegar-PERF vocês COM
 ‘eu ajudei vocês.’

ii) por meio de clíticos de concordância dativa:

- (411) panãrã Ø =ne =Ø =kã =sõ-ri
 índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=2.DAT=dar-PERF
 ise kamɛra mã/kamɛrã
 arco.ABS vocês BEN
 ‘Os índios deram arco para vocês.’

- (412) ʔkyẽ hẽ ø =re =kã =kuə-ri kamɛra kō
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=2DAT=pegar-PERF vocês COM
 ‘eu ajudei vocês.’

A estratégia adotada na relativização do nominal objeto da posposição nas construções de (409) a (412) será a mesma, independentemente se a concordância é com a série de clíticos absolutivos, exemplos (409) e (411), ou dativos, exemplos (410) e (412), assim como também será a mesma na relativização de qualquer objeto indireto em Panará. A oração relativa é introduzida por um pronome relativo **prẽ/prẽmera**, para [+humano], ou **piã**, para [-humano], seguido da posposição pertinente, portanto [+caso], indicando assim o papel semântico do elemento relativizado. Esses pronomes funcionam primariamente na língua como pronomes indefinidos e interrogativos.

- (413) kamɛra [prẽmera mã panãrã
 vocês COMP.PL BEN índios.ERG
 ø =ne =ria =sõ-ri ise] ka =tiria =to
 REAL.TR=3PL.ERG=2PL.ABS=dar-PERF arco.ABS IRR=2PL.NOM=ir
 ‘vocês, para quem os índios deram arco, irão embora.’

- (414) kamɛra [prẽmera mã panãrã
 vocês COMP.PL BEN índios.ERG
 ø =ne =kã =sõ-ri ise] ka =tiria =to
 REAL.TR=3PL.ERG=2DAT=dar-PERF arco.ABS IRR=2PL.NOM=ir
 ‘vocês, para quem os índios deram arco, irão embora.’

No entanto, na relativização de objeto indireto a língua Panará se utiliza de mais outras estratégias, em que a oração relativa ocorre após o núcleo, como na relativização primária, sem complementizador:

- (415) kamɛra [panãrã ∅ =ne =mã =sõ-ri
 vocês índios.ERG REAL.TR=3PL.ERG=BEN=dar-PERF
 ise] ka =tiria =to
 arco.ABS IRR=2PL.NOM=ir
 ‘vocês, para quem os índios deram arco, irão embora.’

Em (415) a posposição **mã** encontra-se incorporada ao núcleo verbal, formando, assim, uma construção aplicativa. Com a incorporação da posposição, o objeto da posposição passa a adquirir o *status* de objeto direto e a estratégia adotada para sua relativização passa a ser a relativização primária. Assim, o objeto de quaisquer posposições, em construções aplicativas em Panará, será relativizado de acordo com a estratégia da relativização primária, como ilustram os exemplos abaixo. As orações aplicativas em (a) e suas respectivas relativas em (b):

- (416) a. ãkyẽ hẽ ∅ =re =ra =kõ =(ĩ)kuə-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3PL.ABS=COM=pegar-PERF
 ãkiara
 mulheres
 ‘eu ajudei as mulheres.’
- b. ãkiara [ãkyẽ hẽ ∅ =re =ra =kõ =(ĩ)kuə-ri]
 mulheres eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3PL.ABS=COM=pegar-PERF
 ‘as mulheres que eu ajudei.’
- (417) a. Maira hẽ ∅ =ti =amã =s-ãpũ ka tɔmaka
 Maíra ERG REAL.TR=3SG.ERG=INES=RNC.3SG.ABS-ver espelho
 ‘Maíra viu você no espelho.’

b. tɔmaka [Maíra hẽ ∅ =ti =amã =s-ãpũ

espelho Maíra ERG REAL.TR=3SG.ERG=INES=RNC.3SG.ABS-ver
ka]

você

‘o espelho em que Maíra viu você.’

(418) a. kamɛra yĩ =∅ =how =ria =tẽ

vocês.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ICOM=2PL.ABS=ir

ĩkiey kri tã

mulher aldeia LOC

‘vocês levaram a mulher para a aldeia.’

b. ãkiey [kamɛra yĩ =∅ =how =ria =tẽ

mulher vocês.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ICOM=2PL.ABS=ir

kri tã]

aldeia LOC

‘a mulher que vocês levaram para a aldeia.’

5.4.3 RELATIVIZAÇÃO DE OBLÍQUO

O Panará ainda relativiza SN's objetos de sintagmas locativos, verdadeiramente oblíquos, por meio do complementizador **mamã ~ mãmã**, um operador sintático que ocorre também em orações adverbiais, seguido por uma das posposição cujo objeto não é alvo de concordância com o verbo. A oração relativa ocorre imediatamente após o núcleo. Foram encontrados relativizados o objeto das posposições locativa, ablativa e alativa:

- (419) *ĩkyẽ ra =pan kri pin*
 eu.ABS 1SG.ABS=morar aldeia LOC
 ‘eu moro na aldeia.’
- (420) *ĩkyẽ yõ kri [mãmã ni ra =pan] puuãhã*
 eu POSS aldeia COMP LOC 1SG.ABS=morar longe
 ‘a aldeia onde eu moro fica longe.’
- (421) *hipẽ y-õ kri [mãmã pe*
 estrangeiro RC-POSS aldeia COMP ABL
yĩ =mi =∅ =kuĩ] puuãpe
 REAL.INTR=DIR=3SG.ABS=ir/vir de longe
 ‘a cidade de onde o branco veio fica longe.’
- (422) *hipẽ yõ kri [mãmã tã yĩ =∅ =tẽ]*
 estrangeiro POSS aldeia COMP ALA REAL.INTR=3SG.ABS=ir
puuãtã
 para longe
 ‘a cidade para onde o branco viajou fica longe.’

5.4.4 RELATIVAS LIVRES

Ao lado das relativas pós-nominais aqui descritas, foram encontradas algumas orações relativas que podem ser interpretadas como orações relativas sem núcleo, as chamadas relativas livres. Essas construções são introduzidas pelo complementizadores: (a) **prẽ**, pronome relativo, também indefinido/interrogativo, seguido da posposição benefactiva **mã** [+caso], o mesmo que marca a relativização de objeto indireto benefactivo (item 5.4.2). Contudo, diferentemente desta, a marca de caso **mã** que segue o complementizador assinala uma relação sintática desse operador com o verbo da oração

matriz (conforme concordância dativa), e não com o verbo da oração relativa. Dos exemplos de que disponho, as relativas sem núcleo ocorrem apenas na relativização de sujeito e só com o verbo ‘falar’ na oração matriz:

- (423) mara yi =mã =∅ =pẽ
 ele.ABS REAL.INTR=3DAT=3SG.ABS=falar
 [prẽ mã ∅ =ti =∅ =pi-ri kiãrãpɛ]
COMP BEN REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=pegar-PERF cocar.ABS
 ‘ele falou para quem vendeu o cocar.’

- (424) mara yi =mã =∅ =pe
 eu.ABS REAL.INTR=3DAT=3SG.ABS=falar
 [prẽ mã moto amã yi =∅ =po]
COMP BEN barco LOC REAL.INTR=3SG.ABS=chegar
 ‘ele falou com quem chegou de barco.’

- (425) ka yi =mã =(a) =pẽ
 você.ABS REAL.INTR=3DAT=2SG.ABS=falar
 [prẽ mã pâyakriti amã]
COMP BEN rádio LOC
 ‘ele falou com quem estava no rádio.’

É possível também interpretar essas mesmas construções como relativas primárias, nas quais teríamos, ao invés de pronome relativo, o pronome indefinido mais o benefactivo como argumento, objeto indireto, do verbo da oração matriz e a oração subordinada com a relativização do sujeito justaposta, em (426) e (426), e, em (428), uma oração simples com objeto indireto e adjunto adverbial de lugar:

- (426) mara yi =mã =∅ =pẽ̃
 ele.ABS REAL.INTR=3DAT=3SG.ABS=falar
 prẽ mã [∅ =ti =pi-ri kiãrãpɛ]
 alguém BEN REAL.TR=3SG.ERG=pegar-PERF cocar.ABS
 ‘ele falou com alguém que vendeu o cocar.’

- (427) mara yi =mã =∅ =pẽ̃
 eu.ABS REAL.INTR=3DAT=3SG.ABS=falar
 prẽ mã [moto amã yi =∅ =po]
 alguém BEN barco LOC REAL.INTR=3SG.ABS=chegar
 ‘ele falou com alguém que chegou de barco.’

- (428) ka yi =mã =(a) =pẽ̃
 você.ABS REAL.INTR=3DAT=2SG.ABS=falar
 prẽ mã pâyakriti amã
 alguém BEN rádio LOC
 ‘ele falou com alguém no rádio.’

Registram-se ainda certas construções relativas em Panará, cujas estratégias de relativização não se atêm a funções gramaticais específicas:

a) relativização de sujeito de verbo intransitivo (ABS) e objeto indireto (BEN), nos indica a ocorrência de pronome resumptivo, um dêitico *ia* ~ *ya* ‘este’ seguido da posposição ablativa *pe*, simultaneamente ou não com o complementizador, como nos exemplos que se seguem:

- (429) kowmã ø =re =s-ãpũ ãkiey
 hoje REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS-ver mulher.ABS
 [prẽ mã ha =pẽ ia pe ian]
 COMP BEN 2SG.ABS=falar este ABL ontem
 ‘hoje eu conheci a mulher sobre quem você me falou ontem.’

- (430) ãpi [s-ĩĩn ia pe]
 homem.ABS 3SG.ABS-estar sentado este ABL
 yi =s-õ-ti
 REAL.INTR=3SG.ABS-dormir-PERF
 ‘o homem, que estava sentado, dormiu’

b) construções relativas introduzidas pelo complementizador, formado a partir da partícula interrogativa *yu* e o pronome indefinido, o quantificador *ĩkieti* ‘muito(s)’ que, pelos contextos em que ocorre, sugere tratar-se de um pronome co-referente com um elemento pertencente a um universo limitado, significando ‘qual(is)’. Esse complementizador é marcado por caso como atesta o exemplo com o instrumental, em (433). Disponho apenas de exemplos com a relativização de sujeito absolutivo e de instrumental. Esses mesmos elementos ocorrem também como pronomes interrogativos, com o mesmo significado (cf. 4.5.3.3).

- (431) yũ (ĩ)kieti yi =ø=po tɔputũ?
 qual REAL.INTR=3SG.ABS=chegar chefe
 ‘qual dos chefes chegou?’

- (432) tɔputũ yũ (ĩ)kieti yi =ø =tɔ
 chefe COMP.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ir
 ‘o chefe que viajou.’

- (433) kəjasə yũ (ĩ)kieti how ø =ti =yã =kieu
 faca COMP INSTR REAL.TR=3SG.ERG=RFLX=cortar
 ‘a faca com a qual ele se cortou.’

A língua Panará relativiza, pois, as posições de sujeito (sem distinguir ergativo de absolutivo) objeto direto, objeto indireto e oblíquo. O objeto de posposições em construções aplicativas é relativizado com a mesma estratégia adotada para a relativização do objeto direto. Como se vê, as estratégias de relativização em Panará não violam a Hierarquia de Acessibilidade, nem as suas Restrições (Keenan & Comrie 1977). A presença do pronome resumptivo e as relativas sem núcleo são previstas pelas generalizações tipológicas como estratégias que se sobrepõem (redundantes) às já existentes. Quanto às relativas introduzidas por **yũ (ĩ)kieti**, trata-se possivelmente de um tipo de oração relativa distinto daquelas descritas aqui, exigindo uma maior investigação.

5.5 ORAÇÕES ADVERBIAIS

Orações adverbiais são anexadas a construções que já são uma proposição completa. Não constituem argumento lógico do verbo, simplesmente adicionam informação adverbial. Modificam um sintagma verbal ou toda a oração. Não são argumentos da oração, são como adjuntos.

Apresentaremos as orações adverbiais do Panará, considerando inicialmente a formas com que se revestem essas orações, naturalmente associadas ao significados que comumente lhe são atribuídos.

5.5.1 TIPOS DE ORAÇÕES ADVERBIAIS

As orações adverbiais no Panará podem ser expressas sem qualquer operador sintático, isto é, justapostas, independentemente se veiculam noções tradicionalmente

atribuídas à subordinação, como condição, temporalidade, causalidade, finalidade etc., ou à coordenação, como conjunção, disjunção, contradição, etc.

- (434) gwārātā tā ka =∅ =tē
 Guarantã ALA IRR=1SG.NOM=ir
 ka =∅ =∅ =tō =pi kyētɔayĩ
 IRR=1SG.NOM=3SG.ABS=escolher=pegar.PERF vela.ABS
 ‘se eu for pra Guarantã, eu vou comprar vela.’

- (435) yi =∅ =ĩkuə ĩta
 REAL.INTR=3SG.ABS=chover chuva.ABS
 ĩkyẽ yõ pēkə yi =∅ =kɔw
 eu POSS roupa REAL.INTR=3SG.ABS=molhar
 ‘está chovendo, por isso minha roupa está molhada.’

- (436) ĩprĩ yi =pi =∅ =ki-ni
 menino.ABS REAL.INTR=DIR=3SG.ABS=bem.PERF
 hipẽ hẽ ∅ =ti =sũũ
 estrangeiro ERG REAL.TR=3SG.ABS=dizer
 ‘o menino melhorou conforme o doutor falou.’

- (437) mara yi =∅ =rãkiɔ yi =∅ =tɔ
 ele.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=doente REAL.INTR=3SG.ABS=ir
 ‘ele ficou doente e aí foi embora.’

- (438) $\hat{\text{ipr}}\hat{\text{i}}$ $\text{y}\hat{\text{i}}$ $=\emptyset$ $=\text{po}$
 menino.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=chegar
 $\text{y}\hat{\text{i}}$ $=\emptyset$ $=\text{r}\hat{\text{o}}$ $\text{y}\hat{\text{i}}$ $=\emptyset$ $=\text{s}\hat{\text{o}}\text{t}\hat{\text{i}}$
 REAL.INTR=3SG.ABS=deitar REAL.INTR=3SG.ABS=dormir
 ‘o menino chegou, deitou e dormiu.’

No entanto, pode-se arguir em favor de uma categoria de orações adverbiais subordinadas distinta de coordenadas, se considerarmos que só as primeiras podem ocorrer opcionalmente com operadores sintáticos. Esses operadores, aqui chamados de conjunções subordinativas são derivados de posposições e são, na sua maioria, pós-oracionais, isto é, ocorrem depois da oração adverbial subordinada. Foram encontradas em Panará as seguintes orações subordinadas adverbiais: causal, contingencial, concessiva, temporal, final, condicional e consecutiva. Orações adverbiais não-finitas seguem o mesmo padrão das finitas.

- a) orações com a conjunção subordinativa **amã**, originalmente uma posposição locativa inessiva. A formação de orações adverbiais com essa conjunção é bastante produtiva e codifica do ponto de vista semântico, principalmente, causa, mas também contingência e concessão e, muito raramente, tempo. Não disponho de orações não-finitas com **amã**.

(i) CAUSA

- (439) $\hat{\text{ip}}\hat{\text{iara}}$ $\text{y}\hat{\text{i}}$ $=\text{p}\hat{\text{i}}$ $=\text{ra}$ $=\text{kui}$
 homens.ABS REAL.INTR=DIR=3PL.ABS=chegar
 $[\hat{\text{i}}\text{k}\hat{\text{iara}}$ $\text{y}\hat{\text{i}}$ $=\text{ra}$ $=\text{po}$ **yamã]**
 mulheres.ABS REAL.INTR=3PL.ABS=chegar CONJ
 ‘os homens saíram porque as mulheres chegaram.’

- (440) mara yi =ø =sə
 ele.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=entrar
 [ĩta yi =ø =kuə yamã]
 chuva REAL=3SG.ABS=chover CONJ
 ‘ele entrou porque choveu.’

(ii) CONTINGÊNCIA

- (441) mara yi =ø =suə-ri
 ele.ABS REAL.TR=3SG.ABS=tomar banho-PERF
 [yi =ø =sə =kui amã]
 REAL.TR=3SG.ABS=entrar=ir CONJ
 ‘ele foi tomar banho e aí morreu afogado.’

- (442) ĩkiara yi =ra =sã [s-õsə yamã]
 mulheres.ABS REAL.INTR=3PL.ABS=engravidar RNC- estar triste CONJ
 ‘as mulheres engravidam quando estão tristes.’

(iii) CONCESSÃO

- (443) kɔwmã ka=tɔ-in [ĩta ĩ-kuə amã]
 hoje IRR=dançar-NMZ chuva NMZ-chover CONJ
 ‘hoje vai ter festa mesmo que chova.’

- (444) mara ka =ti =səpe howkyia amã
 ele.ABS IRR=3SG.NOM=trabalhar escola INES
 [ø =ti =ø =howkyia rõ yamã]
 REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=estudar NEG CONJ
 ‘embora ele não estude, ele vai trabalhar na escola.’

(iv) TEMPO

- (445) ka kã =təkəti kri pey
 você.ABS 2.DAT=cansar aldeia ABL
 [yì =a =po yamã]
 REAL.INTR=2SG.ABS=chegar CONJ
 ‘você estava cansada, quando chegou na aldeia.’

b) Orações adverbiais finais. Ocorrem com a conjunção subordinativa **ahe** ~ **rahe** ~ **yahe**, originalmente uma posposição final. Podem ser finitas ou não-finitas.

- (446) ìkiara yì =ra =pan
 mulheres.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=andar
 pakre uã-hã [ra =suə-ri ahe]
 rio lá-LOC 3SG.ABS=banhar-se-PERF CONJ
 ‘as mulheres foram para o rio banhar-se.’

- (447) mara yì =∅ =ɔw =∅ =kui
 ele.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ICOM=3SG.ABS=ir
 pekə how [∅ =ti =∅ =rākō rahe]
 roupa ICOM REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=lavar CONJ
 ‘ela levou a roupa para lavá-la.’

- (448) mara hẽ ∅ =ti =sot(i)=ãpiə [ĩ-tẽ ahe]
 ele ERG REAL.TR=3S.ERG=coisa=arrumar NMZ-ir CONJ
 ‘ela arrumou as coisas para viajar’

c) Orações subordinadas adverbiais temporais podem vir acompanhadas pelos seguintes operadores sintáticos:

(i) **ãhã**, também um posposição temporal.

(449) mara yi =ø=sə ãta ã-(i)kuə **ãhã**
 ele.ABS REAL.TR=3SG.ABS=entrar chuva NMZ-chover **CONJ**
 ‘ele entrou quando choveu.’

(450) yi =a =tẽ ka
 REAL.INTR=2SG.ABS=ir você.ABS
 [a=prĩ **ãhã**] São Paulo tã
 2=criança **CONJ** São Paulo ALA
 ‘quando você era pequeno, você foi para São Paulo.’

(ii) **tã**, também uma posposição alativa.

(451) ãkyẽ rãpio yi =ø =ti [ra =prĩ **tã**]
 eu mãe REAL.INTR=3SG.ABS=morrer 1SG.ABS=criança **CONJ**
 ‘minha mãe morreu, quando eu era pequeno.’

(452) mara yi =ø =tɔ
 ele.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ir
 [yi =ra =po **tã**]
 REAL.INTR=1SG.ABS=chegar **CONJ**
 ‘ele saiu, quando eu cheguei.’

d) Orações adverbiais condicionais em Panará ocorrem com um operador descontinuo TU/TA...TA. O primeiro operador introduz e o outro segue a

oração adverbial condicional. Os dados sugerem que não há distinção formal entre condicionais irrealis e condicionais contra-factuais (hipotéticas):

- (453) [tu rã =(i)pi ta] ra =waya-ni sō
 CONJ 1SG.ABS=homem CONJ 1SG.ABS=fazer-PERF comida
 ‘se eu fosse homem, eu ia fazer comida.’

- (454) [ta ra=pē panāra ta] ra =kī-ni īkye
 CONJ 1SG.ABS=falar Panará CONJ 1SG.ABS=feliz-PERF eu.ABS
 ‘se eu aprender Panará, vou ficar feliz.’

Orações adverbiais introduzidas pelo operador **māmā** sugerem sequencialidade no evento codificado pelo predicado da oração matriz em relação ao evento codificado pelo predicado da oração subordinada.

- (455) ka =ø =se =sōti **māmā** ka =ø =səpe
 IRR=1SG.NOM=AUX=sleep OP IRR=1SG.NOM=trabalhar
 ‘eu vou dormir, depois eu vou trabalhar.’

- (456) pāpā ka =ø =yō =kyi **māmā** ka =tɔ-in
 todos.ABS IRR=3PL.NOM=fazer=pintar OP IRR=dançar-NMZ
 ‘quantos todos se pintarem a festa vai começar.’

Esse mesmo operador pode ocorrer concomitantemente com os operadores **ahe** e **amā** para formar orações adverbiais finais e consecutivas, respectivamente. Nesse caso **māmā** introduz a oração adverbial e **ahe** e **amā** podem ocorrer na sua posição canônica ou seguir aquele operador.

- (457) mara hẽ ø =ti =ø =sa-ri kiorĩpe isi
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=pôr-PERF arroz semente.ABS
 [mãmã yi =ø =pɛpɛti ahe]/[mãmã rahe yi=ø=pɛpɛti]
 CONJ REAL.INTR=3SG.ABS=mole CONJ
 ‘botou o arroz no fogo para que cozinhasse.’

- (458) kɔwmã yi =ø =ĩkuə ĩta
 hoje REAL.INTR=3SG.ABS=chover chuva.ABS
 [mãmã yi =supan =ra =tɔ rõ amã]
 CONJ REAL.INTR=ter medo=1SG.ABS=ir NEG CONJ
 /[mãmã ramã yi=sũpan=ra=tɔ rõ]
 ‘hoje choveu, por isso não saí.’

Orações adverbiais também podem ser introduzidas por **ãhã** e **ahe** seguidas por **mãmã**, isto é, com as posições invertidas, expressando temporalidade sequencial, em que com **ãhã** o evento expresso pelo predicado da oração adverbial é posterior àquele da oração matriz e com **ahe** é anterior.

- (459) pa =(ə)pey =mãpɛ [ãhã mãmã ka =pa =pan]
 1PL.ABS=trabalhar=terminar CONJ IRR=1PL.ABS=andar
 ‘depois de trabalhar, vamos passear.’
- (460) p(a)=ãpə [rãhe mãmã ka =pa =kui]
 1PL=comer CONJ IRR=1PL=ir
 ‘saímos antes de comer.’

5.6 COORDENAÇÃO

Em Panará, orações que se apresentam conceitualmente ligadas e com status gramatical similar foram consideradas como orações coordenadas. Como já foi mencionado, Panará não apresenta nenhum marcador de coordenação em orações coordenadas². Orações coordenadas são combinadas com uma pausa entonacional entre elas e um contorno de altura não-final. Dois tipos fundamentais de relações lógicas nas orações coordenadas foram encontradas:

(i) a conjunção:

- (461) mara yi =ø =to puu tã
 ela.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=ir roça ALA
 yi =hɔw =ø =po pakua ho
 REAL.INTR=ICOM=3SG.ABS=chegar banana ICOM
 ‘ela foi pra roça e trouxe mandioca.’

- (462) ĩpiarã ø =ne =ø =wayã kiārãpe
 homens.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS= fazer.IMP cocar.ABS
 ĩkiarã ø =ne =ø =wayã kiãpo.ABS
 mulheres.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=fazer.IMP beiju
 ‘os homens estão fazendo cocar e as mulheres beiju.’

(ii) a disjunção:

² Com exceção dos exemplos ??? , capítulo 7, que nos sugerem tratar-se de um recurso estilístico.

- (463) ka ka =ti =ra =kõ =a-kui ïkyẽ kõi
 você.ABS IRR=2SG.NOM=1SG.ABS=COM=MS-ir eu COM
 ïkyẽ ka =ø =kui rõi
 eu.ABS IRR=1SG.NOM=ir NEG
 ‘ou você vai comigo ou eu não vou.’

- (464) ka =tiria =pan puu tã
 IRR=2PL.NOM=ir roça ALA
 kamɛra ka =tiria =pan hati tã
 vocês.ABS IRR=2PL.NOM=ir mato ALA
 ‘ou vocês vão para a roça ou vocês vão para o mato.’

(iii) a contradição:

- (465) kiompɛ ka =ti =to muu tã
 Kiompé IRR=3SG.NOM=ir Brasília ALA
 ka =ti =pi =po
 IRR=3SG.NOM=DIR=chegar
 ‘Kiompé vai para Brasília mas vai voltar.’

- (466) posua yi =mã =s-əpe-ri tɔputũ mã
 Posua.ABS REAL.INTR=3DAT=3SG.ABS-trabalhar-PERF velho BEN
 ø =ti =ø =how =pyi pio
 REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=ICOM=ganhar NEG
 ‘Posua trabalhou para o chefe mas não ganhou nada.’

5.7 CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS

Panará expressa a comparação por meio de construções sintaticamente distintas. A forma mais usual é a justaposição de orações (com o apagamento ou não do verbo da segunda oração) ou de sintagmas nominais. Os adjetivos expressam as qualidades em questão para as entidades (representadas pelos sintagmas) comparadas em relação à superioridade ou à inferioridade. No caso de uma comparação de igualdade, apenas uma qualidade é expressa e a conjunção associativa **mẽ** ‘também’ segue o segundo elemento da comparação. A qualidade comparada pode vir expressa por meio de adjetivo ou por meio de um predicado intransitivo, cujo núcleo é o próprio adjetivo.

- (467) piũtuara ãkieti yĩ =ra =po
 moças.ABS muitas REAL.INTR=3PL.ABS=chegar
 piãtuara rõpiõ (yĩ=ra=po)
 rapazes poucos
 ‘chegaram mais moças do que rapazes.’

- (468) panãra ra =(nõ)piõ sukahamãy rã =(ĩ)kieti
 Panara.ABS 3SG.ABS=pouco Txukahamãe.ABS 3SG.ABS=muito
 ‘tem menos Panará do que Txukahamãe.’

- (469) piũtuara ãkieti yĩ =ra =po piãtuara **mẽ**
 moças muitas REAL.INTR=3PL.ABS=chegar rapazes ASS
 ‘chegaram tantas (muitas) moças quanto rapazes.’

- (470) tẽsaya piã kokriti **mẽ**
 Tẽsaya alto Kokriti ASS
 ‘Tẽsaya é tão grande quanto Kokriti.’

Existem também em Panará construções comparativas gramaticalizadas. Nestas construções, verifica-se a existência de um padrão, um sintagma nominal, contra o qual o sintagma nominal inicial é comparado em relação a uma qualidade expressa por um adjetivo que lhe segue. O marcador de comparação **hotɔsakɾɛ** pode ocorrer depois do adjetivo ou do sintagma nominal que expressa o padrão.

- (471) ĩ-te piə **hotɔsakɾɛ** ĩ-pa
 RNC-perna grande **MCOM** RNC-braço
 ‘a perna é maior do que o braço’

- (472) ia kiārāpɛ kī **hotɔsakɾɛ** uã
 este cocar bonito **MCOM** aquele
 ‘este cocar é tão bonito quanto aquele’

- (473) kretōmə aprī tɛsɛya **hotɔsakɾɛ**
 Kretoma pequeno Teseya **MPOMP**
 ‘Kretōma é mais baixo do que Teseya.’

O superlativo é expresso através de advérbios de intensificação que seguem ou precedem o adjetivo.

- (474) tɔputū ĩkieti pitinsi pesoto rin
 velho muito INTF Peixoto ESS
 ‘no Peixoto, tinha muitíssimos velhos.’

- (475) nāpɛin nāsisi ĩpɛ
 mel doce INTF
 ‘o mel é muito doce.’

Capítulo 6

INCORPORAÇÃO

A incorporação é um processo gramatical pelo qual o núcleo de um sintagma incorpora-se ao núcleo de outro sintagma, provocando modificações nas relações gramaticais entre os elementos da sentença. Em Panará, nomes e posposições podem ser incorporados ao núcleo de um sintagma verbal. Propõe-se apresentar neste capítulo uma descrição dos processos de incorporação nominal e posposicional na língua Panará, discutindo as mudanças de ordem fonológica, gramatical e semântica que a incorporação acarreta aos elementos da sentença em que esta ocorre. Processos de gramaticalização decorrentes da incorporação também serão abordados.

6.1 INCORPORAÇÃO NOMINAL

A incorporação nominal refere-se à anexação de um argumento nuclear, sujeito ou objeto, ao verbo, formando um verbo complexo. Na língua Panará nomes aparecem incorporados à esquerda de verbos transitivos e intransitivos. Os nomes suscetíveis de incorporação podem exibir as funções sintáticas de núcleo de um SN objeto direto de um verbo transitivo, núcleo de um SN sujeito de um verbo transitivo em uma construção medial, e o objeto de uma posposição locativa. No caso da incorporação do objeto de uma posposição locativa, o sintagma posposicional obrigatoriamente ocorre na sua posição usual. As construções com e sem incorporação são consideradas como paráfrases semânticas pelos falantes, como sugerem as traduções dos exemplos em (a) sem incorporação e em (b) com incorporação.

- (476) a. mara hẽ ø =ti =ø =sa =popo
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=furar=flechar
 kutĩsi
 trairão.ABS
 ‘ele pescou trairão.’

- b. mara hẽ ø =ti =ø =kutĩsi =sa =popo
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=**trairão**=furar=flechar
 ‘ele pescou trairão.’

- (477) a. ĩpi kiã hẽ ø =ti =yĩ =kə-ri
 homem **cabeça** ERG REAL.TR=3SG.ERG=MR=**quebrar**-PERF
 ‘o homem quebrou a cabeça.’

- b. ĩpi hẽ ø =ti =yĩ =kiã =kə-ri
 homem ERG REAL.TR=3SG.ERG=ME=**cabeça**=ferir-PERF
 ‘o homem quebrou a cabeça.’

- (478) a. ĩkyẽ hẽ ø =re =yĩ =si-ri
 eu ERG REAL.TR=3SG.ERG=RFLX=cortar-PERF
 s-**ikia**-rin
 RNC-**mão**-LOC
 ‘eu me cortei na mão.’

- b. ĩkyẽ hẽ ø =re =yĩ =s-**ikia** =si-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=RFX=RNC-**mão**=cortar-PERF
 s-**ikia**-rin
 NR-**mão**-LOC
 ‘eu me cortei na mão.’

O processo da incorporação nominal nas língua indígenas americanas tem sido amplamente discutido desde o século XIX, mas, segundo Woodbury (1975), ainda permanece pouco entendido. Tem sido sugerido por Sadock (1980) e Baker (1988), dentro do modelo da teoria gerativa, que a incorporação nominal é uma regra sintática que resulta, seja por movimento (Baker), seja por co-análise (Sadock), em um núcleo de

um SN objeto direto ou de um SN sujeito de verbo inacusativo¹ dentro de um complexo verbal. O resultado é um verbo morfologicamente complexo contendo a raiz de um nome que é ligada à posição de objeto direto.

Uma outra alternativa para a abordagem sintática da incorporação nominal é aquela que considera o verbo complexo como lexicalmente derivado por um processo de formação de palavra similar à composição. Mithun (1984, 1986), Rosen (1989) e outros sugerem que a incorporação nominal resulta de um processo lexical. Assumimos a posição de que a incorporação nominal em Panará é derivada por um processo de formação de palavras. Na análise que vamos apresentar, adotaremos dois enfoques, ao meu ver, complementares, para tentar melhor compreender esse fenômeno. Inicialmente, tomaremos a proposta de Mithun para a incorporação nominal, dentro da perspectiva discursivo-funcionalista e, em seguida, a proposta de Rosen (1989) sob uma ótica puramente sintática.

6.1.1 INCORPORAÇÃO DO PONTO DE VISTA FUNCIONAL

Mithun (1984) considera a incorporação nominal como um processo morfológico de características nitidamente sintáticas que deriva itens lexicais. É um tipo de composição na qual um verbo e um nome se combinam para formar um novo verbo. De acordo com Mithun (1986), o nome sustenta uma relação semântica específica com o seu hospedeiro – o verbo – como paciente, locativo ou instrumental. Ela apresenta quatro tipos de incorporação nominal, cada uma delas associada a quatro diferentes funções no discurso:

Tipo 1. Composição lexical. A valência do verbo diminui ao derivar predicados intransitivos de transitivos. O composto é mais que uma descrição, é o nome de uma atividade ou estado especializado. O nome incorporado não tem qualquer papel sintático

¹ Verbos inacusativos são aqueles em que o SN que aparece em posição de sujeito é um objeto direto subjacente (Perlmutter 1978).

na sentença. Esse tipo de incorporação teria a função de reduzir a saliência do nome dentro do verbo.

Tipo 2. É uma extensão do tipo 1. A incorporação nominal promove um argumento para a posição de caso deixada pelo nome incorporado. A função aqui seria reduzir a saliência do nome dentro da oração.

Tipo 3. A manipulação de estrutura discursiva. Altamente produtivo, mas não livre, esse tipo de incorporação, seria típico de línguas polissintéticas, isto é, línguas em que o núcleo verbal pode sozinho constituir uma oração, vez que o verbo contém obrigatoriamente afixos referentes aos argumentos. Os argumentos externos estabelecem e mantêm a referência, mas não são gramaticalmente necessários. A função da incorporação nominal nesse caso seria a de reduzir a saliência do nome dentro de uma particular porção do discurso.

Tipo 4. Classificadores. Um nome genérico é incorporado ao verbo para estreitar o seu escopo, mas co-ocorre com esse complexo verbal um sintagma nominal externo para identificar o argumento envolvido na incorporação, em contexto discursivo em que a informação nova é introduzida. Daí para frente a referência é mantida pelo classificador incorporado. A função da incorporação nesse caso seria a de reduzir a saliência do nome dentro do discurso como um todo.

Associada a essas funções, Mithum (1984) postula uma hierarquia implicacional entre os tipos de incorporação, que sugere os passos ao longo dos quais a incorporação nominal se desenvolve historicamente: $4 > 3 > 2 > 1$. Assim, prediz que se uma língua apresenta um tipo de incorporação no nível mais baixo da hierarquia implica que deverá também apresentar aquele(s) que se situa(m) no nível mais alto.

Os quatro tipos de incorporação propostos por Mithun (1984) serão cotejados como os tipos similares encontrados na língua Panará. Nesta língua, a incorporação nominal promove raramente mudanças nas relações sintáticas entre os constituintes da oração onde ocorre. Na maioria dos casos, os verbos que hospedam o nome incorporado

aparentemente não alteram a sua estrutura argumental. O verbo mantém a concordância com o nome, mesmo depois de incorporado, isto é, não ocorre a detransitivização do verbo complexo. O nome incorporado e o verbo só formam uma palavra composta na incorporação do tipo 1. Nos demais tipos, o nome incorporado e o verbo hospedeiro constituem, juntamente com os clíticos pronominais e outras categorias do verbo, o chamado grupo clítico (cf. Capítulo 1, item 1.6).

6.1.1.1 TIPO 1. COMPOSIÇÃO LEXICAL

Os nomes incorporados são elementos correntes no léxico que, ao incorporar-se ao verbo, perdem o seu significado específico, tornando-se simplesmente um componente do verbo. O efeito da composição é denotar um evento unitário, na qual o nome incorporado refina o significado expresso pelo verbo. Os compostos são nomes de atividades ou estados institucionalizadas. Estas construções ocorrem com verbos transitivos em construções reflexivas ou ativas e com verbos intransitivos, mas quase exclusivamente com *kiã* ‘cabeça’ incorporado. Com verbos transitivos ativos, o verbo complexo requer seu complemento, um SN objeto direto.

- (479) *ĩpiarã* *ø* *=ne* *=ø* *=kiã-pio-ri*
 homens.ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=*cabeça*-cobrir-PERF
kukre
 casa.ABS
 ‘os homens cobriram (o teto d)a casa.’

- (480) *yĩ* *=ø* *=kiã-kui* *muu* *pe* *hakuĩti*
 REAL.INTR=3SG.ABS=*cabeça*-vir cima ABL jabuti.ABS
 ‘o jabuti se jogou (de cabeça) em cima da onça.’

- (481) yi =ra =kiã-pan
 REAL.INTR=1SG.ABS=**cabeça**-andar
 ‘eu nadei.’

- (482) ka hẽ ø =ka =yĩ =sua-kiri
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=MED=**dente**-bonito/bom
 ‘você é feliz.’

Nesse tipo de incorporação não é possível ter-se uma paráfrase dessa sentença, na qual o nome e o verbo co-ocorram separadamente. O nome incorporado não é referencial, conforme atestam as traduções para o Português. Observe-se, contudo, que em orações como em (479) e (482), o nome incorporado pode ter sido o elemento possuído (o núcleo) de sintagmas possessivos, cujo possuidor permanece como objeto direto temático e sujeito, respectivamente.

6.1.1.2 TIPO 2 . ALÇAMENTO DE POSSUIDOR

Esse tipo de incorporação só ocorre quando o elemento incorporado é o núcleo de um sintagma genitivo. O sintagma genitivo nesse caso ocupa a posição de objeto de verbo transitivo ou de sujeito de verbo transitivo, porém na voz medial. O núcleo do sintagma genitivo (o possuído) ao incorporar-se ao verbo, deixa para trás o nome do possuidor. Este passa a ocupar a posição de argumento do verbo, marcado por caso. O verbo mantém a concordância com o nome incorporado. A incorporação produz um novo verbo transitivo, resultando no avanço do possuidor para o status de argumento (objeto direto ou sujeito). Esse fenômeno é conhecido como ‘alçamento de possuidor’ (Mithun 1984, Baker 1988).

(483) a. mara hẽ ø =ti =s-ãte-ri

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS.RNC-apertar-PERF

ka y-ĩkia

você RC-mão.ABS

‘ele está apertando a tua mão.’

b. mara hẽ ø =ti =s-ikia

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG =RNC-mão

=y-ãte-ri ka

=3SG.ABS=RC-apertar-PERF você.ABS

‘ele está apertando a tua mão.’

(484) a. prĩ ø-te hẽ ø =ti =yĩ =kũĩ

menino RC-perna ERG REAL.TR=3SG.ERG=MED=quebrar

‘o menino quebrou a perna.’

b. prĩ hẽ ø =ti =yĩ =(ĩ-)te =kũĩ

menino ERG REAL.TR=3SG.ERG=MED=RNC-perna=quebrar

‘o menino quebrou a perna.’

(485) a. kiompẽ hẽ ka =ti =kyẽ =s-arẽ

Kiompé ERG IRR.TR=3SG.NOM=1.DAT=3SG.ABS.RNC-ensinar

panãra pẽ.ABS

panará idioma

‘Kiompé vai me ensinar a língua dos Panará.’

b. kiompe hẽ ka =ti =kyẽ =pẽ =y-arẽ

Kiompé ERG IRR.TR=3SG.NOM=1.DAT=**idioma**=3SG.ABS.RC-ensinar
panãra.ABS

Panará

‘Kiompé vai me ensinar a língua dos Panará’

Processos morfofonológicos ocorrem nessas construções, face a presença do prefixo relacional (Rodrigues 1981, 1990). Em (483) o núcleo do objeto direto tem marcada a sua relação sintática com o seu complemento (o possuidor) pelo morfema relacional de contigüidade *y-*, ao passo que a raiz do verbo é marcada pelo morfema *portmanteau s-* que, além de marcar a concordância absolutiva com o NP objeto direto, também assinala não haver qualquer elemento lexical, imediatamente à sua esquerda, com o qual mantenha uma relação sintática. Ao se incorporar à esquerda do verbo, em (b) de (483), o nome passa a exibir o morfema relacional de não-contigüidade *-s*, e o verbo hospedeiro o relacional de contigüidade *-y*. O mesmo processo morfofonêmico atinge o nome que se incorpora em (484) e o verbo em (485). A manutenção da posposição *hẽ* que marca o caso ergativo em (b) de (484), nos sugere que o nominal remanescente, o possuidor, é promovido à condição de argumento do verbo.

Em Panará, apenas a incorporação de nome possuído promove argumentos. Os demais casos de incorporação do objeto direto, aparentemente, não provocam mudanças na estrutura argumental do verbo nem tampouco nas relações gramaticais entre seus argumentos. Trata-se da incorporação de núcleos de NPs não-ramificados. O nome é incorporado e a transitividade do verbo hospedeiro não é afetada. O verbo mantém a mesma concordância com o nome depois de incorporado, demonstrando que funciona como argumento sintático do verbo. O nome pode ser interpretado como referencial ou não referencial, independentemente de se encontrar ou não incorporado.

(486) a. mara hẽ ø =ti =s-ãte-ri

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS.RNC-apertar
s-ikia

RNC-mão.ABS

‘ele está apertando a mão (de alguém).’

b. mara hẽ ø =ti =s-ikia =y-ãte-ri

ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=**RNC-mão**=3SG.ABS.RC-apertar-PERF

‘ele está apertando a mão (de alguém).’

(487) a. ãkyẽ he ø =re =s-ũpan **nãkã**

eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS.RNC-ter medo **cobra.ABS**

‘eu tenho medo de/da cobra’

b. ãkyẽ hẽ ø =re =**nãkã**=y-ũpan

eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=**cobra**=3SG.ABS.RC-ter medo

‘eu tenho medo de/da cobra.’

Esse tipo de incorporação é a mais comum na fala coloquial. A maioria dos exemplos de que disponho se referem a expressões de grande produtividade, eventos corriqueiros, comportamentos previsíveis, como em (486) e (487) acima, ou atividades de rotina, como em (488) a (490) abaixo. Estes dados foram encontrados (com e sem incorporação) no discurso de mulheres.

(488) a. ø =ne =ø =**kiãpɔ** =su

REAL.TR=1PL.ERG=3SG.ABS=**polvilho**=socar

‘socamos (o) polvilho.’

b. ø=ne=ø=su **kiãpɔ**

(489) a. $\emptyset$ =nẽ = $\emptyset$ =(ĩ)tu=mĩ-rĩ'

REAL.TR=1PL.ERG=3SG.ABS=**batata**=assar-PERF

'assamos (a) batata.'

b. $\emptyset$ =ne= $\emptyset$ =mĩrĩ (ĩ)tu

(490) a. ĩkyẽ he ka = $\emptyset$ = $\emptyset$ =sõ =suə

eu ERG REAL.TR=3SG.NOM=3SG.ABS=**comida**=fazer.IMPF

'eu vou fazer (a) comida.'

b. ĩkyẽ hẽ ka= $\emptyset$ = $\emptyset$ =suə sõ

Também com verbos transitivo estendidos (trivalentes), esse tipo de incorporação nominal não altera a estrutura argumental do verbo. O verbo concorda com seus argumentos (sujeito ergativo, objeto direto absolutivo e objeto indireto dativo) nas construções sem e com a incorporação. O oblíquo não avança para a posição de caso deixada pelo objeto incorporado. Aparentemente não ocorrem mudanças nas relações gramaticais entre os constituintes da oração.

(491) a. ĩkyẽ hẽ' $\emptyset$ =re =ra =tõ =pi-ri

eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3PL.ABS=escolher=comprar-PERF

ĩkiara mã pẽkə

mulheres DAT vestido.ABS

'eu comprei vestido para as mulheres.'

b. $\text{ĩkyẽ hẽ} \quad \emptyset \quad =\text{re} \quad =\text{ra} \quad =\text{pẽkə}$
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3PL.ABS=**vestido**
 $=\text{tõ} \quad =\text{pi-ri} \quad \text{ĩkiara} \quad \text{mã}$
 $=\text{escolher=comprar-PERF} \quad \text{mulheres DAT}$
 ‘eu comprei vestido para as mulheres.’

6.1.1.3 TIPO 3. INCORPORAÇÃO NO DISCURSO

Esse processo de incorporação, regido por considerações discursivas e pragmáticas, é mais usual (quase exclusivo) no discurso formal: narrativas de mitos, relatos sobre eventos da sua própria história, discurso dos homens no meio da aldeia ao alvorecer, discurso dos homens na casa dos homens. É um processo bastante produtivo e pode qualificar bons oradores na comunidade panará. Em princípio, qualquer nominal argumento do verbo (objeto direto ou sujeito de verbo inacusativo) pode ser incorporado.

Em pequeno trecho de um discurso do chefe Teseya, falando sobre a perda da sua terra de origem, pode-se ter um bom exemplo desse tipo de incorporação nominal. A informação nova (a apropriação da comida pelos brancos) é inicialmente introduzida, em (492), sem incorporação. Em seguida de (493) a (496), a citação dos nomes dos produtos ocorrem incorporados, com o objetivo de reduzir a importância, o detalhe desses, e chamar a atenção para **sõ** “a comida”, **pãpã** **sõ** “toda a comida”, sem a qual ficaram os Panará, retomada no final em (497) com uma pergunta retórica e novamente sem incorporação.

(492) $\text{karia} \quad =\emptyset \quad =\text{krẽ} \quad \text{pãpã} \quad \text{sõ}$
 2PL.ERG=3SG.ABS=comer toda comida.ABS
 ‘vocês comeram toda a comida.’

(493) karia =∅ =tɛpi =krẽ mẽ
 2PL.ERG=3SG.ABS=**peixe**=comer ASS
 ‘e comeram peixe.’

(494) karia =∅ =kui =krẽ me
 2PL.ERG=3SG.ABS=**mandioca**=comer ASS
 ‘e comeram mandioca.’

(495) karia =∅ =kyiti=krẽ me
 2PL.ERG=3SG.ABS=SING=**anta** =comer ASS
 ‘e comeram anta.’

(496) karia =∅ =hapiti=krẽ me
 2P.ERG=3SG.ABS=**fim** =comer ASS
 ‘e comeram (até) o fim (o último produto).’

(497) piã mara sō ne =∅ =ku panãrã
 que esta comida 3PL.ERG=3SG.ABS=comer.IMP Panará.ERG
 ‘qual desta comida os Panará comeram?’

6.1.1.4 TIPO 4. CLASSIFICADORES

Panará apresenta um sistema de classificação nominal em que um nome genérico, geralmente um termo de classe, é incorporado ao núcleo verbal ou nominal, ou anexado a um adjetivo atributivo. Esse nome genérico é co-refernte com um sintagma nominal marcado por caso absolutivo, isto é, sujeito de verbo intransitivo ou objeto direto de verbo transitivo. Classificadores em Panará são semanticamente baseados em partes de plantas, objetos côncavos e líquidos. São freqüentes tanto na fala formal quanto informal, embora nem sempre se observe, entre os falantes, regularidade na escolha de certos

classificadores para co-referir, principalmente, com relação a partes de plantas. A função dos classificadores em Panará, como aponta Mithun (1984), é aquela de manter a referência de elementos já introduzidos no discurso e, com isso, reduzir a sua saliência. O sistema de classificadores em Panará será descrito no item 6.2 deste Capítulo.

6.1.2 INCORPORAÇÃO DO PONTO DE VISTA SINTÁTICO

Rosen (1989), também dentro de uma visão lexicalista, explora as propriedades gramaticais associadas com a incorporação nominal, mostrando que estas derivam de uma análise lexical que distingue dois tipos de incorporação que as línguas podem escolher: a incorporação por composição (compound NI) propriamente dita e a composição classificatória (classifier NI). Esses tipos se distinguem basicamente em função de que na incorporação por composição a estrutura argumental do verbo é afetada, ao passo que na incorporação classificatória isso não ocorre. Rosen (1989) rotula esta incorporação de classificatória porque, como classificador, o nome incorporado age sobre o nome ao qual está associado - um argumento não realizado fonologicamente, que se submete a apagamento típico de línguas *pro-drop*.

As propriedades gramaticais associadas à incorporação por composição, segundo Rosen (1989), são aquelas em que o nome incorporado produz uma mudança na estrutura argumental do verbo, isto é, o verbo complexo terá menos argumentos do que uma simples forma sem incorporação, tornando-se, pois, intransitivo. Assim não haverá nenhum elemento desprezado (*stranding*) em posição argumental e também não será possível haver duplicação do nome incorporado. Já na incorporação classificatória, não há mudança na estrutura argumental do verbo; o nome ao incorporar-se pode deixar para trás possuidores, modificadores e determinantes; e, ademais, admite a duplicação de nome externo ao verbo. À incorporação por composição (Compound NI), Rosen (1989) associa o Tipo 1 de incorporação proposto por Mithun (1984). Os outros três tipos de Mithun (1984) são associados à incorporação classificatória.

Em Panará, não há a chamada incorporação por composição no sentido proposto por Rosen (1989), isto é, a incorporação que provoca a detransitivização do verbo. O que

existe são construções com itens lexicais incorporados, mas que resultam não só em verbos intransitivos, mas também em verbos transitivos. Em nenhuma dessas construções é possível se ter uma paráfrase correspondente sem a incorporação. Nas construções com verbos transitivos, como já foi acima observado, o nome incorporado sugere ter sido o nome possuído de uma construção genitiva, no entanto não ocorre opcionalmente nessa posição. O nome incorporado perde a sua referencialidade embora aguce o sentido do verbo. Ainda assim não há como negar que se trata de um processo de composição por incorporação, embora já lexicalizado, como sugerem os exemplos em (479) a (482) aqui repetidos e (498) a (501):

- (498) *îpiarã* *ø* *=ne* *=ø* *=kiã-pio-ri*
 homens.ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=**cabeça**-cobrir-PERF
kukre
 casa.ABS
 ‘os homens cobriram (o teto d)a casa.’

- (499) *yî* *=ø* *=kîa-kui* *muu* *pe* *hakuîti*
 REAL.INTR=3SG.ABS=**cabeça**-vir cima ABL jabuti.ABS
 ‘o jabuti se jogou (de cabeça) em cima da onça.’

- (500) *yî* *=ra* *=kiã-pan*
 REAL.INTR=1SG.ABS=**cabeça**-andar
 ‘eu nadei.’

- (501) *ka* *hẽ* *ø* *=ka* *=yĩ* *=sua-kiri*
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=MED=**dente**-bonito/bom
 ‘você é feliz.’

Quanto ao conjunto de propriedade gramaticais propostas por Rosen (1989) para a incorporação classificatória, verificam-se convergências com os dados do Panará, mas

também divergências. Rosen (1989) observa que, nesse caso, o nome incorporado não satisfaz um argumento do verbo complexo (diferente, pois, do caso de incorporação por composição), tendo em vista que o verbo permanece transitivo mesmo depois da incorporação de um nome objeto direto. Assim um SN é requerido para satisfazer à estrutura argumental do verbo. Para tal, propõe que as língua se valem de três possíveis recursos: 1) O SN pode ser completamente vazio como em *pro-drop*; 2) o núcleo do SN é vazio, mas deixa para trás um elemento desprezado (um possuidor, um modificador ou um determinante); e 3) um SN pleno pode ser preenchido pelo que se chama de ‘duplicação’.

1) O Panará, como já foi mencionado, é uma língua *pro-drop*, isto é, permite apagamento de argumentos nucleares, sujeito, objeto direto e objeto indireto. No caso da incorporação do nominal objeto direto, de acordo com Rosen (1989), a não realização do objeto externo é independente da incorporação nominal, é parte do fenômeno que permeia a língua, o qual permite apagamento de qualquer argumento. Então uma construção com incorporação, como em (502), seria paralela a uma construção sem incorporação com o apagamento do objeto direto, como em (503):

(502) ĩkyẽ hẽ $\emptyset$ =re = $\emptyset$ =nākā=y-ũpan
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=cobra=RC-ter medo
 ‘eu tenho medo de/da cobra.’

(503) ĩkyẽ hẽ $\emptyset$ =re =s-ũpan
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS.RNC-ter medo
 ‘eu tenho medo de/da cobra.’

A ‘cobra’ mencionada na tradução em (503), aqui representada pelo prefixo de concordância *s-*, é inferida a partir da sua menção em discurso anterior e entendida como o tema do verbo *-ũpan* ‘ter medo’.

2) Panará também admite que possuidores sejam deixados para trás quando o nome possuído é incorporado ao verbo, como no exemplo em (484), repetido em (504). No entanto, não seria esse o caso de considerar o possuidor como elemento '*stranding*', tendo em vista que esse é alçado à condição de argumento, como atesta a marca de caso ergativo neste exemplo. Nesse caso, o possuidor passa a ser o núcleo do SN sujeito.

(504) a. $\text{prĩ} \quad \emptyset\text{-te} \quad \text{hẽ} \quad \emptyset \quad =\text{ti} \quad =\text{yĩ} \quad =\text{kũĩ}$
 menino RC-perna ERG REAL.TR=3SG.ERG=MED=quebrar
 'o menino quebrou a perna.'

b. $\text{prĩ} \quad \text{hẽ} \quad \emptyset \quad =\text{ti} \quad =\text{yĩ} \quad =(\text{ĩ-})\text{te} \quad =\text{kũĩ}$
 menino ERG REAL.TR=3SG.ERG=MED=RNC-perna=quebrar
 'o menino quebrou a perna.'

De acordo com o sistema proposto por Rosen (1989), as línguas que admitem *stranding* são línguas que possuem modificadores de núcleo nulos em geral, independentemente da incorporação nominal. Contudo, prevê que a existência desse fenômeno é uma consequência direta de línguas que incorporam e que têm argumentos nulos. Em Panará, exemplos em que modificadores e determinantes ocorrem sem qualquer nome, não podem ser considerados como *stranding*, tendo em vista que nessa língua demonstrativos e modificadores podem ocupar a posição de núcleos.

(505) a. $\text{prẽ} \quad \text{hẽ} \quad \emptyset \quad =\text{ti} \quad =\emptyset \quad =\text{kã} \quad =\text{sõ}$
 quem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=2.DAT=dar.IMPF
 ia isi kamẽrã
 este fogo.ABS vocês.BEN
 'quem deu o fogo para vocês?'

Mas:

b. prẽ hẽ ø =ti =ø =kã =sõ

quem ERG REAL.TR=3SG.ERG=3SG.ABS=2.DAT=dar.IMPF

ia kamɛrã

este.ABS vocês.BEN

‘quem deu este (fogo) para vocês?’

(506) a. uãhã tɔputũ piə pitinsi

lá velho alto INTF

‘lá havia velho altíssimo.’

Mas:

b. uãhã piə pitinsi

lá alto INTF

lá havia (velho) altíssimo.’

3) Outra previsão no sistema de Rosen (1989) é a de que um SN pleno pode co-ocorrer com o nome incorporado, sendo que esse último, como um classificador, teria um significado mais amplo, ao passo que o SN externo seria mais específico. Argumenta que esse fenômeno de duplicação forneceria evidências para a independência sintática da incorporação nominal com relação à posição de SN objeto direto. Citando, como exemplo, uma língua do norte da Austrália, Rembarnga, acrescenta que é possível que o SN objeto e o nome incorporado sejam idênticos. Panará apresenta exemplos das duas formas previstas por Rosen (1989). No caso do nome incorporado com um significado mais geral co-ocorrendo com um SN objeto direto com significado mais específico, Panará apresenta um único caso, mas que ocorre com muita frequência: o nome *soti* ‘coisa, bicho’ incorporado ao núcleo verbal, o qual vem sofrendo perda de parte de sua substância fonológica, realizando-se algumas vezes como *so* apenas e, assim, se assemelhando aos verdadeiros classificadores da língua.

- (507) $\tilde{\text{ĩkyẽ}} \text{ hẽ } \emptyset \quad =\text{re} \quad =\emptyset \quad =\text{mã} \quad =\text{sot(i)}=\tilde{\text{ĩkuə}}\text{-ri}$
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=3.DAT=**coisa**=comprar-PERF
 $\text{kəw} \text{mã} \text{ ĩpiarã} \quad \text{yĩramã}$
 hoje homens.DAT **presente.ABS**
 ‘eu comprei presente para os homens hoje.’

- (508) $\emptyset \quad =\text{ka} \quad =\emptyset \quad =\text{soti} =\tilde{\text{ĩkuə}} \quad \text{ka} \text{ hẽ } \text{kukrẽ}$
 REAL.TR=2SG.ERG=3SG.ABS=**coisa**=fazer.IMPF você ERG **casa.ABS**
 ‘você constrói casa?’

- (509) $\tilde{\text{ĩpiarã}} \quad \emptyset \quad =\text{ne} \quad =\text{so(ti)}=\text{tõ} \quad =\text{pĩ-ri}$
 homens.ERG REAL.TR=3PL.ERG=**coisa**=NEG=matar-PERF
 $\text{piə} \text{ sōyəwpi}$
 NEG **caça.ABS**
 ‘os homens não mataram nenhuma caça’

- (510) $\tilde{\text{ĩkyẽ}} \text{ hẽ } \emptyset \quad =\text{re} \quad =\emptyset \quad =\text{so} \quad =\text{ku-ri} \quad \text{təpi}$
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=**coisa**=comer-PERF **peixe.ABS**
 ‘eu comi peixe.’

Já a duplicação do mesmo nome incorporado é um processo bastante usual em Panará. Qualquer construção com incorporação pode ocorrer com a duplicação do nome, principalmente aquelas em que o nome incorporado é o núcleo de um sintagma genitivo pertencente à classe de nomes referentes à partes do corpo.

- (511) mara hẽ ø =ti =s-ikia =y-ãte
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=RNC-mão=3SG.ABS=REL-apertar
 ka y-ĩkia
 você RC.mão
 ‘ele está apertando a tua mão.’
- (512) prĩ ø-te hẽ
 criança RC-perna ERG
 ø =ti =yĩ =(ĩ-)te =kũĩ
 REAL.TR=3SG.ERG=RFX=RNC-perna=quebrar
 ‘a perna da criança quebrou.’
- (513) ĩkyẽ hẽ ø =re =ø =mã =krəkə=kuə-ri
 eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=3.DAT=calção=comprar-PERF
 kəwmã ĩpiarã krəkə
 hoje homens.DAT calção.ABS
 ‘eu comprei calção para os homens hoje.’
- (514) ø =nẽ =ø =tu =mĩ-ri tu
 REAL.TR=1PL.ERG=3SG.ABS=batata=assar-PERF batata.ABS
 ‘assamos (a) batata.’

O Panará também pode incorporar o objeto de posposição locativa, quando o locativo se refere a uma parte do corpo e o verbo se encontra na voz reflexiva. Nessas construções o sintagma locativo pleno mantém-se em sua posição usual, como nesses exemplos em (515) e (516).

- (515) mara hẽ ø =ti =yĩ =s-ikia =si-ri
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=RFLX=RNC-mão=cortar-PERF
 sikia rin
 mão ESS
 ‘eu me cortei na mão.’

- (516) ka hẽ ø =ka =yã =kiã =kiey ãkia rin
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=RFLX=cabeça=furar cabeça ESS
 ‘você se machucou na cabeça.’

A incorporação de locativos coloca um problema para a incorporação sintática (Baker 1988), tendo em vista que, segundo essa abordagem, apenas objetos diretos e sujeitos inacusativos podem ser incorporados, isto é, posições propriamente regidas. Na perspectiva da incorporação lexical (Mithun 1984, Rosen 1989), também esta é uma questão que ainda permanece em aberto.

Diante do exposto, verifica-se que a incorporação nominal em Panará apresenta características de incorporação lexical, se considerarmos, para alguns casos, as características funcionais apontadas por Mithun (1984), e para outros, as propriedades sintáticas atribuídas às línguas com incorporação classificatória (Rosen 1989). Contudo, alguns desses processos não se enquadram em nenhum dos tipos propostos, como é o caso da incorporação do tipo 1, bem como a incorporação de locativos. Estes e outros aspectos que envolvem o processo de incorporação em Panará permanecem como pontos a serem ainda estudados.

6.4 SISTEMA DE CLASSIFICADORES

De acordo com o que tem sido aceito na literatura (Allan 1977, Craig 1986, Mithun 1986), existem três tipos de sistemas de classificadores:

1. Classificadores numerais. Frequentemente obrigatórios na expressão de quantidade, são formas léxico-sintáticas, distintos de sistemas gramaticais fechados.
2. Classificadores concordantes. Constituem um sistema paradigmático e gramatical fechado. São geralmente afixos ou clíticos e ocorrem em constituintes do SN e/ou SV.
3. Classificadores incorporados ao verbo (*verb-incorporated*). São itens lexicais incorporados à raiz do verbo que sinalizam alguma característica classificatória do nome a que se refere o sintagma nominal associado. Este sintagma é geralmente o sujeito não ativo de um verbo intransitivo ou o objeto direto de um verbo transitivo. Não ocorrem em sintagmas nominais e não expressam concordância.

O Panará não se enquadra de forma discreta em nenhuma das três categorias como definidas acima. Predomina na língua um sistema de classificadores do tipo *verb-incorporated*, mas os mesmos classificadores também ocorrem em sintagmas nominais com adjetivo e não são do tipo concordial. São opcionais tanto em SNs quanto em SVs, exceto em contextos de sintagmas nominais com adjetivos referentes à classe de cores, em que a presença do classificador tem se mostrado obrigatória. Ocorrem como proclíticos ao verbo ou ao adjetivo em co-referência com os respectivos nominais: sujeito de verbo intransitivo ou objeto direto de verbo transitivo, quando incorporado ao verbo; e núcleo do sintagma nominal, quando cliticizado ao adjetivo. Quando incorporado ao verbo, não há como definir se a concordância com o nome em posição de sujeito ou objeto se mantém, uma vez que nomes co-referentes com classificadores são de terceira pessoa, singular, absolutivos, isto é, com marca de concordância zero.

(517) a ka hẽ ø =ka =kə =asĩ pẽkə

INT você ERG REAL.TR=2SG.ERG=CLAS=costurar.IMPF roupa.ABS

‘você costurou o vestido?’

- (518) **kiɔripe** yi =si =kiõ-ti
arroz.ABS REAL.INTR=**CLAS**=brotar-PERF
 ‘o arroz brotou.’

- (519) **pratu** kre=kĩni
prato CLAS=limpo
 ‘prato limpo.’

6.2.1 TERMOS DE CLASSE E CLASSIFICADORES

Como tem sido amplamente observado, classificadores derivam historicamente de nomes, e o Panará não é uma exceção. Onde as origens históricas são claras, formativos classificatórios correspondem a uma ou duas sílabas de uma raiz nominal ou ao nome inteiro. Alguns desses formativos são encontrados, integrando, com outras raízes, nomes compostos na língua. Esse tipo de nome é chamado de termo de classe e corresponde ao ‘nível básico’ de categorização (Rosch 1978; Berlin et al 1973). É uma categoria que ocorre como núcleo de nomes compostos, que são exemplares da categoria rotulada pelo termo de classe. Têm uma função classificatória similar à dos classificadores, mas no nível do léxico. Não mostram, contudo, a mesma extensão de uso dos classificadores.

(520) Termos de classe que ocorrem como classificadores em Panará

Termos de classe ²	Composto	Glossa	Tradução
kə	kiã-kə pəri-kə pẽ-kə	fruto-invólucro pau-invólucro branco-invólucro	casca canoa vestido
so	pəri-so pakua-so kwati-so	pau-folha banana-folha buriti-folha	folha folha da bananeira palha
sĩ	sɔw-sĩ mõ-sĩ tũ-sĩ	coisa-semente milho-semente capim-semente	semente milho arroz
kiã	pəri-kiã mãka-kiã kwati-kiã	pau-fruta manga-fruta inajá-fruta	fruta manga inajá

Os nomes classificados são membros de uma classe semântica, cujos traços comuns podem ser definidos pelas propriedades físicas a que se referem. A principal fonte para formar classificadores é a classe semântica de espécies ou partes de plantas. Os nomes dos quais os classificadores se originam têm um escopo estreito, mas quando incorporados eles ampliam significativamente esse escopo (Mithun 1984), isto é, de categorias de nível básico passam a superordenados. Geralmente o classificador co-ocorre com o nome que qualifica. São os seguintes os classificadores encontrados na língua:

² Formas similares a essas, com os mesmos significados, foram reconstruídos por Davis (1966) para o Proto-Jê.

(521) Classificadores em Panará.

Classificador	classificado	Origem
tu	tubérculo	itu ‘batata’
so	folha	pəraso ‘folha’
si	semente	səwsi ‘semente’
kə ~ tikə	casca, pele, tecido, papel	kiakə ‘casca’
kiã	fruto: côco, urucum, cará, (batata?), assaí.	pərikiã ‘fruta’
kua	fruto: abóbora, jenipapo, melancia, pequi, inajá, limão, laranja, buriti, caju, pimenta	kua ‘fronte’
tekə	fruto: banana e ingá	?
kwə	fruto maduro	?
se	fio em geral, corda	sōse ‘cipó’
sa	arbusto	?
kre	objeto côncavo	kre ‘buraco’
to	líquido	?

O critério para a categorização dos frutos está associado a critérios distintos de propriedades físicas (formato, tamanho, constituição, etc.). Existe, geralmente, uma certa hesitação, por parte dos falantes, na atribuição do classificador para frutos. Em alguns casos, o mesmo fruto recebe classificação diferente por diferentes falantes e até pelo mesmo falante.

A classificação opera em base semântica, implicando certos traços característicos do referente do sintagma nominal e não certos traços lexicais de um nome particular. O

classificador sinaliza a classe ao qual o SN externo pertence naquele contexto, ou seja, é selecionado de acordo com a parte de planta que se quer fazer referência, por isso um mesmo item pode ser classificado de várias maneira (pela casca, pelo fruto, pelas folhas, pelo cacho, pela árvore, etc.).

- (522) piutĩ pəri yi =so =ri
 jenipapo pé.ABS REAL.INTR=CLAS=secar
 ‘o pé de jenipapo desfolhou.’ (em referência às folhas)

- (523) piutĩ yi =tikə =ri
 jenipapo REAL.INTR=CLAS=secar
 ‘o jenipapo murchou.’ (em referência à casca)

- (524) ŋkiarã ø =ne =kiã =sə-ri
 mulheres REAL.TR=3PL.ERG=CLAS=coletar-PERF
 piutĩ hati pe
 jenipapo mato ABL
 ‘as mulheres cataram jenipapo no mato.’ (em referência ao fruto)

Os mesmos itens que ocorrem como classificadores referentes a tubérculos, sementes e frutos podem ocorrer como raízes de verbos classificatórios intransitivos, com o significado de ‘de vez’ isto é, no ponto adequado para a colheita, tendo como SN’s sujeitos os itens lexicais dos quais são classificadores.

- (525) kreyə yi =ø =tu
 cará.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=de vez
 ‘o cará está de vez.’

- (526) mōsi yi =ø =si
 milho.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=de vez

‘o milho está de vez.’

- (527) *ĩkorãkriti* *yĩ* = $\emptyset$ =**kua**
 melancia .ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**de vez**
 ‘a melancia está de vez’

- (528) *kwatikiã* *yĩ* = $\emptyset$ =**kiã**
 coco.ABS REAL.INTR=3SG.ABS=**de vez**
 ‘o côco está de vez’

Esses itens, embora parte de raízes nominais na língua comportam-se como os nomes em geral, ao serem admitidos como núcleos de predicados verbais. Nesse contexto, são plenos de conteúdo nocional, além de portarem o seu significado classificatório adicional, co-referente com o SN sujeito.

6.3 INCORPORAÇÃO DE POSPOSIÇÕES

De acordo com Baker (1988), a incorporação de adposições é a fonte do processo de mudança de função gramatical chamado de “aplicativo” ou “dative shift”. Construções aplicativas são possíveis quando o SN relacionado ao afixo “aplicado” sustenta os seguintes papéis temáticos: dativo, benefactivo, instrumental e locativo de vários tipos. Alega que estas construções ocorrem apenas com verbos transitivos e têm a propriedade especial de ter dois objetos: o objeto direto original, chamado de objeto básico (ou temático), e o SN que é destituído de P quando esta se incorpora, chamado de objeto aplicado.

Dentro do quadro teórico da Gramática Relacional, as mudanças nas relações gramaticais entre constituintes decorrentes da incorporação nominal são capturadas pela chamada Lei de Aniquilação Relacional (RAL). Originalmente devida a Perlmutter e Postal (1974), a RAL é expressa em Gary e Keenan (1977) como se segue: “sintagmas nominais cujas relações gramaticais tenham sido assumidas por outros, cessam de

sustentar qualquer relação gramatical com seu verbo, isto é, eles são rebaixados para o status de não-termo”. O objeto temático é colocado *en chômage* e perde todas as suas propriedades, incluindo a de ser extraído para se submeter à relativização ou passivização etc.

Nakamura (1997) afirma que as chamadas “aplicativas” têm sido usadas para cobrir uma série de processos de mudança gramatical estreitamente relacionados. São resultantes da adição de um morfema ao verbo, fazendo com que um oblíquo se torne um objeto. Citando Baker (1988) a propósito das aplicativas Bantu, Nakamura afirma que nem todas as aplicativas são resultantes de incorporação sintática de posposição, podendo haver aplicativas cujo morfema aplicativo é de natureza verbal, que se combina com o verbo no léxico e introduz um argumento interno adicional na estrutura argumental do verbo. Citando Gary e Keenan (1977) a propósito da impossibilidade de se extrair o objeto temático, apresenta como ponto fundamental para se definir se uma aplicativa é derivada por incorporação três condições fundamentais:

(529)

- (i) impossibilidade de o objeto básico (Tema) ser submetido à passivização ou relativização;
- (ii) existência de uma construção analítica equivalente à aplicativa, contendo uma adposição independente;
- (iii) o objeto temático não pode provocar concordância no verbo.

6.3.1 CONSTRUÇÕES APLICATIVAS

As construções aplicativas no Panará se caracterizam pela presença de certas posposições incorporadas à esquerda do núcleo do verbo, mantendo seus respectivos objetos sem posposição. Essas construções e suas correspondentes analíticas, isto é, aquelas em que essas posposições ocorrem como núcleos de sintagmas posposicionais, são consideradas pelos falantes como paráfrases semânticas. Foram encontradas

incorporadas ao verbo em Panará as seguintes posposições: benefactiva (mã), malefactiva (pe), instrumental-comitativa (hɔw), comitativa (kõ) e inessiva (amã).

Construções aplicativas em Panará podem ocorrer tanto com verbos que têm sujeito marcado pelo caso ergativo (transitivos), quanto com verbos que têm sujeito marcado pelo caso absolutivo (intransitivos). Podem ser resumidas em três tipos fundamentais:

(i) de verbo com sujeito ergativo, objeto direto e indireto:

(530) a. mara hẽ ø =ti =a =pĩ-ri
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=**pegar**-PERF
 sõsesua ka **pe**
 anzol você **POSP**
 ‘ele pegou o anzol em detrimento de você.’

b. mara hẽ ø =ti =a =pe =pĩ-ri
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=**MAL**=**pegar**-PERF
 sõsesua ka
 anzol você
 ‘ele pegou o anzol em detrimento de você.’

O verbo concorda com o SN sujeito (clítico ergativo **ti**) e com o objeto da posposição (clítico absolutivo **a**), tanto na oração aplicativa quanto na sua respectiva analítica em (a) e (b) de (530), indicando que o sintagma posposicional (SP) é também um argumento interno do verbo, isto é, possui as propriedades de objeto estrutural. O aplicativo não adiciona um novo argumento interno à estrutura argumental do verbo. Com exceção da transformação de um SP em um SN na aplicativa, não há, aparentemente, mudança nas relações gramaticais entre os constituinte da oração aplicativa e a sua respectiva analítica. À primeira vista, esses fatos parecem contrariar as teorias à respeito de aplicativas, mas, como veremos adiante, não é bem este o caso.

(ii) de verbo com sujeito ergativo e com objeto indireto:

- (531) a. ka hẽ ø =ka =ra =pĩase-ri
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS=**brigar**-PERF
 pĩara how
 crianças ICOM
 ‘você brigou com as crianças.’

- b. ka hẽ ø =ka =ra =how =pĩase-ri
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS=**ICOM**=brigar-PERF
 pĩara
 crianças
 ‘você brigou com as crianças.’

O verbo nessas construções concorda com o sujeito ergativo e com o objeto da posposição, tanto na construção applicativa quanto na sua correspondente analítica. Nesse tipo de construção não existe objeto básico.

(iii) de verbo com sujeito absolutivo com objeto indireto:

- (532) a. ka ka =ti =ra =kuĩ ĩkyẽ kō
 você.ABS IRR=2SG.NOM=1SG.ABS=**ir** eu COM
 ‘você irá comigo.’

- b. ka ka =ti =ra =kō =a-kuĩ ĩkyẽ
 você.ABS IRR=2SG.NOM=1SG.ABS=**COM**=MS-ir eu
 ‘você irá comigo.’

Nessas construções, a mesma série de clíticos (absolutivos) que marca a concordância com o sujeito também marca a concordância com o objeto da posposição. No modo realis, o proclítico absoluto co-referente com o objeto da posposição precede o proclítico co-referente com o sujeito. A posposição incorporada não ocorre imediatamente à esquerda da raiz do verbo, mas à direita do clítico co-referente com o SN sujeito, como em (b) de (533).

- (533) a. kamɛra yi =ra =ria =tẽ̃
 vocês.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=2PL.ABS=ir
 ĩkyẽ how kri tã
 eu **ICOM** aldeia ALA
 ‘vocês foram comigo para a aldeia (=me conduziram).’

- b. kamɛra yi =ra =how =ria =tẽ̃
 vocês.ABS REAL.INTR=1SG.ABS=**ICOM**=2PL.ABS=ir
 ĩkyẽ kri tã
 eu aldeia ALA
 ‘vocês foram comigo para a aldeia (=me conduziram).’

Com o objetivo de verificar se aplicativos nessas língua resultam de incorporação, concluímos que a língua atende às condições (i) e (ii) em (529). Todas as construções aplicativos do Panará possuem uma analítica formal e semanticamente equivalente. O verbo nessas construções concorda com o objeto temático mesmo antes da posposição se incorporar. Resta-nos pois verificar a possibilidade ou não da extração do objeto temático (condição iii) nessas construções, observando que só é possível testá-la em orações relativas, tendo em vista que a língua Panará não apresenta construções passivas nem anti-passivas.

Nas construções relativas, a língua admite a relativização do argumento temático quando a posposição não se encontra incorporada, como em (a) de (534), mas não é aceitável a sua relativização quando a posposição se encontra incorporada como em (b):

- (534) a. $\tilde{p}\tilde{e}k\emptyset$ $[\emptyset$ $=ti$ $=ra$ $=s\tilde{o}-ri$
 vestido REAL.TR=3SG.ERG=1SG.ABS=**dar**-PERF
 $\tilde{i}ky\tilde{e}$ **mã**] $\tilde{i}kin$
 eu **BEN** bonito
 ‘o vestido que ele me deu é bonito.’

- b. * $\tilde{p}\tilde{e}k\emptyset$ $[\emptyset$ $=ti$ $=ra$ $=m\tilde{a}$ $=s\tilde{o}-ri$
 vestido REAL.TR=3S.ERG=1SG.ABS=**BEN**=**dar**-PERF
 $\tilde{i}ky\tilde{e}$] $\tilde{i}kin$
 eu bonito
 ‘o vestido que ele me deu é bonito.’

A inaceitabilidade de (b), além de ser a evidência que faltava para se comprovar que as aplicativas em Panará são derivadas por incorporação (condição iii, em (529)), comprova também que mudanças nas relações gramaticais de fato ocorrem em construções aplicativas. O objeto básico realmente perde as propriedades gramaticais que tinha como argumento diretamente associado ao verbo. Espera-se, então, repercursões dessa mudança no status do SP objeto indireto na estrutura argumental do verbo em construções aplicativas.

As construções relativas também aqui podem nos fornecer evidências independentes para as mudanças que se operam nas relações entre constituintes em construções aplicativas. O Panará se utiliza principalmente de três distintas estratégias de relativização, de acordo com Keenan & Comrie (1977):

- a) justaposição ou encaixamento, na relativização de SNs sujeitos e SNs objetos diretos, a chamada relativização primária, como em (a) de (534), acima;

- b) o uso de pronomes relativos (originariamente indefinidos e interrogativos) seguidos de posições, que incorporam, na relativização de objetos indiretos;

(535) ĩkiara [prẽmera kō ĩkyẽ hẽ
mulheres COMP COM eu ERG
∅ =re =rã =(ĩ)kuə-ri] yi =ra =to
REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=fazer-PERF REAL.INTR=3SG.ABS=ir
'as mulheres que eu ajudei foram embora.'

- c) o uso de operadores ou conjunções, também conectores em orações subordinadas adverbiais, na relativização de oblíquos.

(536) hipẽ y-õ kri
estrangeiro RC-posse aldeia
[yu ri yi =ra =pan] puuãhã
COMP LOC REAL.INTR=1SG.ABS=viver longe
'a cidade onde eu moro fica longe.'

Entretanto, em construções aplicativas, a estratégia de relativização para o objeto aplicado é a mesma que para sujeitos e objetos diretos, isto é, como em (a). A relativização da mesma estrutura em (535), mas com a posposição incorporada, seria como em (537):

(537) ĩkiara [ĩkyẽ hẽ ∅ =re =ra =kō =(ĩ)kuə-ri]
mulheres eu ERG REAL.TR=1SG.ERG=3SG.ABS=COM=fazer-PERF
yi =ra =to
REAL.INTR=3SG.ABS=ir
'as mulheres que eu ajudei foram embora.'

Esses fatos mostram que, a despeito da aparente imutabilidade da morfologia, o objeto indireto em construções aplicativas muda seu status gramatical, tornando-se um

argumento diretamente associado ao verbo, isto é, um objeto direto. Ocorre, pois, a promoção do objeto indireto a objeto direto, e o objeto direto básico é rebaixado a não-termo (Gary e Keenan 1977).

6.3.2 POSPOSIÇÕES QUE NÃO INCORPORAM

Existem, em Panará, outras posposições, inclusive algumas homófonas àquelas suscetíveis de incorporação, mas que não admitem a incorporação, como se observa no exemplo abaixo com o ablativo:

- (538) *îpiara yi =pi =ra =po hati pe*
 homens REAL.INTR=DIR=1PL.ABS=**chegar** mato **ABL**
 ‘Os homens voltaram do mato.’

- (539) **îpiara yi =pi =pe =ra =po hati*
 homens REAL.INTR=DIR=**ABL**=1PL.ABS=**chegar** mato
 ‘Os homens voltaram do mato.’

O quadro das posposições homófonas, isto é, das que admitem e das que não admitem incorporação pode ter a seguinte distribuição:

(540) Posposições ambíguas e a possibilidade de incorporação

INCORPORAM	<u>posposição</u>	NÃO INCORPORAM
malefactiva	pe/pey	ablativa
instr-comitativa	how	instrumental ³
inessiva	amã	locativa ⁴
comitativa	kõ	locativa ⁵

Os sintagmas posposicionais encabeçados pelas posposições ablativa, inessiva, locativa e outras, que também não podem ser incorporadas, ocorrem, como nas aplicativas, em construções com verbo transitivo e intransitivo, mas, diferentemente daquelas, como argumentos periféricos, sem que o verbo manifeste qualquer concordância com o seu complemento. A ausência da concordância é considerada em nossa análise como sinalizadora do *status* gramatical desses constituintes. Assim, aqueles sintagmas posposicionais, cujos objetos não são alvo de concordância com o verbo, indicam que esses constituintes são argumentos periféricos da oração e que, por isso, a incorporação de posposição ao núcleo não é possível. A evidência para essa assertiva pode ser também comprovada nas estratégias de relativização.

Para o nominal objeto da posposição suscetível de incorporação, a estratégia adotada é a da relativização do objeto indireto, como em (b) de (541); para o nominal objeto da posposição que não admite incorporação a estratégia é a da relativização de oblíquo, como em (b) de (542). Em ambos os casos o complementizador vem acompanhado pelas respectivas posposições, marcadoras de caso.

³ Instrumental-comitativa é um termo que cobre os dois papéis semânticos atribuídos ao objeto dessa posposição, como já foi observado no Capítulo 2. Cumpre, no entanto, acrescentar que a distinção entre instrumentivas que incorporam e as que não incorporam não são bem definidas em Panará. Existem divergências a esse respeito entre os próprios falantes.

⁴ A escolha entre locativa e inessiva aqui é arbitrária, tendo em vista que ambas são inessivas e locativas. O que existe, entretanto, é uma diferença talvez com relação aos traços semânticos dos seus objetos e que determina a possibilidade ou não da incorporação dessa posposição.

⁵ Como locativa só ocorre associada a continentes de água (rios, lagos, igarapés etc.).

- (541) a. mara hẽ ø =ti =ra =pi-ri
 ele ERG REAL.TR=3S.ERG=3PL.ABS=pegar-PERF
 ãpiara pe sõesua
 homens MAL anzol
 ‘ele pegou o anzol em detrimento dos homens.’

- b. ãpiara [prẽ-mera pe mara hẽ
 homens COMP-PL MAL ele ERG
 ø =ti =ra =pi-ri sõesua]
 REAL.TR=3SG.ERG=3PL.ABS=pegar-PERF anzol.ABS
 ‘os homens, em detrimento dos quais ele pegou o anzol.’

- (542) a. ãpiara yi =pi =ra =po hati pe
 homens.ABS REAL.INTR=DIR=3PL.ABS=chegar mato MAL
 ‘os homens chegaram do mato.’

- b. hati [mãmã pe ãpiara yi =pi =ra =po]
 mato COMP ABL homens.ABS REAL.INTR=DIR=3PL.ABS=chegar
 ‘o mato, de onde os homens chegaram.’

6.3.3 DUPLICAÇÃO DE POSPOSIÇÃO

Como nas construções com incorporação nominal, aqui também a posposição incorporada pode aparecer duplicada na sua posição usual. Aliás, essa é a forma encontrada com mais frequência na língua, principalmente entre os mais jovens.

- (543) mara hẽ ø =ti =a =pe =pi-ri
 ele ERG REAL.TR=3SG.ERG=2SG.ABS=MAL= **pegar**-PERF
 sões sua ka pe
 anzol você **POSP**
 ‘ele pegou o anzol em detrimento de você.’

- (544) ka hẽ ø =ka =ra =how =piase-ri
 você ERG REAL.TR=2SG.ERG=3PL.ABS=ICOM=**brigar**-PERF
 priara how
 crianças ICOM
 ‘você brigou com as crianças.’

Contudo, a duplicação da posposição se apresenta como um fenômeno bastante distinto daquele que foi descrito para a duplicação na incorporação nominal. Os falantes parecem estar opcionalmente interpretando a posposição incorporada mais o verbo como uma unidade lexical e, assim, exigindo a realização externa da posposição.

Também aqui as orações relativas em Panará oferecem evidências de que realmente existe esse processo de reanálise se operando opcionalmente entre os falantes. A estratégia adotada para relativizar o objeto da posposição em construções com incorporação sem duplicação, como em (556), é idêntica à relativização primária, utilizada para sujeito e objeto direto, enquanto que aquela adotada em construções com incorporação com duplicação é idêntica à relativização de oblíquo. Tomando uma construção básica, como no exemplo abaixo com o benefactivo, podemos ter as seguintes estratégias de relativização.

- (545) maramẽrã ø =ne =ria =sõ-ri
 eles.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**dar**-PERF
 sã panãra mã
 comida índios **BEN**
 ‘eles deram comida para os índios.’

(i) Relativização do objeto da posposição sem duplicação:

- (546) panãrã [maramɛrã ∅ =ne =ria =mã=sõ-ri
 índios.ERG eles.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**dar**-PERF
 sõ]
 comida
 ‘os índios, para quem eles deram comida.’

(ii) Relativização do objeto da posposição com duplicação:

- (547) panãrã [prêmera mã
 índios.ERG COMP BEN
 maramɛrã ∅ =ne =ria =mã =sõ-ri sõ]
 eles.ERG REAL.TR=3PL.ERG=3SG.ABS=**BEN**=**dar**-PERF comida
 ‘os índios, para quem eles deram comida.’

A estratégia adotada para relativizar o objeto da posposição sem duplicação, em (546), é idêntica à relativização de objetos diretos, e diferente da estratégia para a relativização do objeto da posposição com duplicação, em (547), que é idêntica à relativização de objetos indiretos.

Essa assimetria entre os objetos das posposições em (546) e (547), explicitada pelas diferentes estratégias de relativização a que se submetem, indica que esses nominais se relacionam diferentemente com o verbo da oração. O SN objeto da posposição **panãra** em (546) é um objeto direto (aplicado), enquanto que o NP objeto da posposição em (547) é um objeto indireto⁶. Ora, se a estratégia de relativização do objeto da posposição em construções com a duplicação da posposição (547) é a mesma adotada nas construções em que a posposição não se encontra incorporada, indica que a posposição incorporada mais o verbo hospedeiro estão sendo considerados como um único item lexical e que essas construções perderam a força aplicativa.

As posposições malefactiva **pe**, benefactiva **mã**, instrumental-comitativa **how**, comitativa **kõ** e a inessiva **amã**, quando incorporadas ao verbo em construções em que aparecem duplicadas, são portanto analisadas como parte do verbo a que se incorporam.

Cabe ainda acrescentar algumas observações sobre a incorporação na língua Panará no que se refere à frequência e as situações de uso desse processo gramatical. A incorporação nominal apresenta características bastante distintas da incorporação posposicional. De pouca produtividade na fala coloquial, só com o acesso a textos (discursos, mitos e narrativas) gravados com os mais velhos, mais os homens do que as mulheres, é que as construções com incorporação nominal apareceram de forma significativa e, geralmente, sem a duplicação do nome. Até então só dispunha de dados elicitados com informante jovem, em que havia pouca incorporação nominal e, quando havia, predominavam construções com duplicação. Da mesma forma, verifica-se que o uso de classificadores é muito mais frequente no discurso dos menos jovens. Já a incorporação de posposição é um processo muito produtivo nessa língua, independentemente de idade e de sexo. Os dados de construções aplicativas sem a duplicação da posposição, em certos casos, são considerados como inaceitáveis e agramaticais pelos mais jovens. Já para os menos jovens, as duas formas são sempre aceitas, embora o uso da aplicativa sem duplicação da posposição seja mais frequente nos discursos dos mais velhos e nas falas informais.

⁶ Essa estratégia de relativização é adotada para todos os NPs objetos de posposições não incorporadas, porém suscetíveis de incorporação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi apresentar uma descrição dos principais aspectos da gramática da língua Panará.. A preocupação em dar um tratamento amplo aos dados, contemplando, assim, vários aspectos da gramática, teve como meta, principalmente: (a) fornecer uma visão geral da gramática da língua e, com isto, estabelecer bases mais sólidas para a continuidade da investigação científica; (b) contribuir para estudos comparativos de línguas da família Jê e (c) oferecer uma contribuição de conhecimento lingüístico que possa auxiliar na formação de professores-índios da escola da aldeia Nãsepotiti.

Embora a descrição e a análise aqui apresentadas estejam longe de ser completas, acredito que podem enriquecer nossa compreensão da tipologia de línguas Jê. Considero de interesse especial nesta língua:

- (1) Verbo com características polissintéticas, dispensando a presença do(s) argumento(s) nominal(is). O verbo nessa língua pode abrigar em seus domínios proclíticos marcadores de modo, de concordância com até três argumentos simultaneamente (o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto), de direção, de voz, de *switch reference*, bem como classificadores, nomes e/ou posposições incorporados, além de sufixo marcador de aspecto.
- (2) Sistema de classificadores nominais para partes de plantas, objetos côncavos e líquidos. Estes classificadores não se enquadram de forma discreta nos tipos definidos na literatura (Alan 1977, Craig 1986, Mithun 1986), mas tendo características de classificadores incorporados ao verbo, ocorrem também em sintagmas nominais com adjetivo e não são do tipo concordante. Entre as línguas Macro-Jê descritas, classificadores são registrados apenas em línguas da família Kariri (Rodrigues 1997, 1999).

- (3) Possibilidade de incorporação ao verbo de nomes e posposições. Os nomes incorporáveis são objeto direto de verbo transitivo na voz ativa, sujeito de verbo transitivo na voz média e objeto de posposição locativa. As posposições incorporáveis são aquelas que regem o objeto indireto. Quando incorporadas, formam as chamadas construções aplicativas.
- (4) Categoria de oblíquos como argumentos nucleares (objetos indiretos), distinguindo-se de oblíquos meros adjuntos. Isso decorre de (a) possibilidade de o verbo concordar com o objeto da posposição; (b) ser a posposição suscetível de incorporação e (c) diferentes estratégias adotadas na relativização do objeto das posposições que regem estes diferentes tipos de oblíquo.
- (5) Construções seriais com até três verbos, codificando oração simples, coordenação, complementação, causativização e subordinação. Pela primeira vez identificadas em línguas Macro-Jê, essas construções são de grande produtividade em Panará. A transitividade ou intransitividade do predicado é determinada pelo último verbo da série.

BIBLIOGRAFIA

- ALLAN, Keith. (1977). Classifiers. *Language* 53.285-311.
- ANDREWS, Avery (1985). The major functions of the noun phrase. In *Language Typology and Syntactic Description*, vol. III: *Grammatical Categories and the Lexicon*, ed. by Timothy Shopen, 62-154. Cambridge University Press.
- BAKER, M. (1988). *Incorporation*. Chicago: University of Chicago Press.
1995. Lexical and Nonlexical Noun Incorporation. In Urs Egli et al (eds.). *Lexical Knowledge in the Organization of Language*. Amsterdam: John Benjamins.
- BERLIN, B. & KAY, P. (1969). *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley: University of California Press.
- BORGES, Marília (1995). Aspectos da morfossintaxe do sintagma nominal na língua Kayapó. Tese de Mestrado. Universidade de Brasília.
- BOSSONG, Georg. (1984). Ergativity in Basque. *Linguistics* 22:341-392.
- BRANDON, F. & SEKI, Lucy (1981) A note on COMP as a Universal. *Linguistic Inquiry*, 12.4. MIT Press.
- CALLOW, J. C. (1962). The Apinajé Language: phonology and grammar. Tese de doutorado. Universidade de Londres.
- CAVALCANTE, M. (1987). Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas
- BRESNAM, J. (1970). On Complementizers: Toward Syntactic Theory of Complement Types. *Foundation of Language* 6.297-321
- CHAFE, Wallace & NOCHOLS, Johanna (eds) (1986). *Evidentiality: the Linguistic Coding of Epistemology*. Norwood, NJ: Ablex.
- COMRIE, Bernard (1974). Causatives and Universal Grammar. *Transcription of the Philological Society* 1-32..
- COMRIE, Bernard (1981). Relative Clauses. In *Language Universals and Linguistic Typology*. The University of Chicago Press
- COMRIE, Bernard (1989). Causative Constructions. *Language Universals and Linguistic Typology*. The University of Chicago Press. (1977). *The structure of Jacalteco*.

- Austin: University of Texas Press.(ed.) 1986.
- CRAIG, Collete Grinevald (1986) *Noun Classes and Categorization*. Typological Studies in Language, 7. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha (1998). Traços de modo e modos de traças geometrias: Línguas Macro-Jê & Teoria Fonológica. Tese de Doutorado. Universidade de Campinas.
- DAVIS, Irvine (1966). Comparative Jê Phonology. *Estudos Lingüísticos* 1:10-24.
- DAVIS, Irvine (1968). Some Macro-Jê Relationships. *IJAL* vol. 34, no.1:42-47.
- DERBYSHIRE, Desmond C. (1979). *Hixkaryana*. London: Croom Helm.
- DIXON, Robert .M.W. (1968). Noun classes. *Lingua* 21.104-25.
- DIXON, Robert .M.W. (1977). Where have all the adjectives gone? *Studies in Language*. 1.19-80.
- DIXON, Robert .M.W. (1979). Ergativity. *Language* 55.59-138.
- DIXON, Robert .M.W. (1994). *Ergativity*. Cambridge Studies in Linguistics 69. Cambridge University Press.
- DOURADO, Luciana (1991). Estudo preliminar da fonêmica Panará. Dissertação de Mestrado (manuscrito).
- DOURADO, Luciana (1992a). Sandhi externo em Panará (manuscrito).
- DOURADO, Luciana (1992b). Concordância em Panará. *Anais da 44ª Reunião Anual da SBPC*, P. 390. São Paulo.
- DOURADO, Luciana (1993a) Fenômenos morfofonêmicos em Panará: uma proposta de análise. *Boletim do Museu Emilio Goeldi*, série antropológica, vol 9.2.
- DOURADO, Luciana (1993b). Classificadores de nomes em Panará, in L. Seki (org.). *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas. Editora da Unicamp.
- DOURADO, Luciana (1997). Processos fonológicos em Panará (manuscrito).
- DOURADO, Luciana (1988). Construções causativas em Panará (manuscrito).
- DOURADO, Luciana (1999a). Relativização em Panará (manuscrito)
- DOURADO, Luciana (1999b). The Advancement of Obliques in Panara. *Proceedings on Workshop of American Indigenous Languages 2000* (no prelo).
- DOURADO, Luciana (2000). Construções Aplicativas em Panará. (manuscrito).

- DRYER, Mathews (1997). On the six-way word order typology. *Studies in Language* 12.1: 69-103.
- DU BOIS, John W. (1987). The discourse basis of ergativity. *Language* 63.4.805-55.
- FOLEY, William & VAN VALIM, Robert (1984). *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge University Press.
- FOLEY, William (1985). The packaging of information in the clause. In *Language Typology and Syntactic Description*, vol. I: *Clause Structure*, ed. by Timothy Shopen, 282-364. Cambridge University Press.
- GARY, J. & KEENAN E. (1977). On collapsing grammatical relations in Universal Grammar. In *Syntax and Semantics 8: Grammatical Relations*, Peter Cole & Jerrold M. Sadock (eds.). New York: Academic Press.
- GIRALDIN, Odair (1994). Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo. Campinas: Unicamp.
- GIVÓN, Talmy (1984). *Syntax: a Functional – Typological Introduction*, vol II. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- GIVÓN, Talmy (1987). Serial verbs and the mental reality of “event” . Final NEH progress report, University of Oregon department of linguistics (ms.).
- GIVÓN, Talmy (1990). *Syntax: a Functional – Typological Introduction*, vol II. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- GREENBERG, Joseph. H. (1963). Some universal of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In *Universal of Language*, ed. by Joseph H. Greenberg. Cambridge, MA: MIT Press.
- GUEDES, M. (1993). Siwja mēkapērēra. Suyá: a língua da gente, um estudo fonológico e gramatical. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinal.
- HAIMAN, John (1980). The iconicity of grammar. *Language* 56.515-40.
- HAIMAN, John (1983). On some origins of switch reference marking. In *Switch Reference and Universal Grammar*, ed. by John Haiman and Pamela Munro. Typological Studies in Language 2.105-28. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- HAIMAN, John & THOMPSON, Sandra (1984). “Subordination” in universal grammar. *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society* 10.510-23.

- HALE, Kenneth (1983). Warlpiri and the grammar of non-configurational languages. *Natural Languages and Linguistic Theory* 1.1-43.
- HALL, J., MCLEOD, R. & MITCHELL, V. (1987). *Pequeno Dicionário Xavante-Português, Português-Xavante*. Brasília: SIL.
- HAWKINS, John (1983). *Word Order Universals*. New York. Academic Press.
- HEMMING, John (1987). *Amazon frontier: the defeat of the Brazilian indians*. Londres: MacMillan.
- HEELAS, Richard (1979). The social organisation of the Panara, a Ge tribe of Central Brazil. Ph.D. Thesis. University of Oxford.
- HIMMELMANN, N. P. (1996). Demonstratives in Narrative Discourse: A Taxonomy of Universal Uses. In Barbara Fox (ed.). *Studies in Anaphora*. Amsterdam: John Benjamin.
- HOPPER, Paul (1979). Aspect and foregrounding in discourse. *Syntax and Semantics*, vol. XII: *Discourse and Syntax*, ed by T. Givón, 213-41. New York: Academic Press.
- HOPPER, Paul. & THOMPSON, Sandra (1980). Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56.251-99.
- HOPPER, Paul. & THOMPSON, Sandra (1984). The discourse basis for lexical categories in universal grammar. *Language* 60.4.703-52
- KEENAN, Edward (1976). Towards a universal definition of 'subject'. *Subject and Topic*. Charles N. Li, ed. New York: Academic Press. 303-334.
- KEENAN, Edward (1985). Relative clauses. In *Language Typology and Syntactic Description*, vol II: *Complex Constructions*, ed. by Timothy Shopen, 141-70, Cambridge University Press.
- KEENAN, Edward & COMRIE, Bernard (1977). Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry* 8.1. MIT Press.
- KEMMER, S. (1993). The middle voice. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins.
- LI, Charles & THOMPSON, Sandra (1976). Subject and Topic: a new typology of language. In LI, Charles (ed.). *Subject and Topic*. New York. Academic Press.
- LI, Charles & THOMPSON, Sandra (1981). *Mandarin Chinese: a Functional Reference Grammar*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

- LONGACRE, Robert and THOMPSON, Sandra. 1985. Adverbial clauses. In *Language Typology and Syntactic Description*, vol. II: *Complex Constructions*, ed. by Timothy Shopen, 171-234. Cambridge University Press.
- LORD, Carol (1973). Serial verbs in transition. *Studies in African Linguistics* 4.269-96.
- MATTOS, R. (1973). Fonêmica Xerente. *Série Lingüística* 1. Brasília: SIL.
- MITHUN, Marianne (1984). The evolution of Noun Incorporation. *Language* 60:847-95.
- MITHUN, Marianne (1986). The convergence of noun classification system. In Colette Craig (ed.) *Noun classes and categorization*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- MITHUN, Marianne (1987). Is the basic order universal? In *Coherence and Grounding in Discourse*, ed by Russel Tomlin. Typological Studies in Language 11.281-328. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- MCLEOD, R. & MIRCHELL, V. (1977). *Aspectos da língua Xavante*. Brasília: SIL
- MERLAN, F. (1976). Noun incorporation and discourse reference in Modern Nahuatl. *IJAL* 42:177-91.
- NAKAMURA, M. (1997). Object Extraction in Bantu Applicatives: some Implications for Minimalism. In *Linguistic Inquiry*, v. 28, no. 2.
- NICHOLS, J. (1986). Head-marking and dependent-marking grammar. *Language* 61.462-66.
- NUNES, Jairo 1999 . Linearization of Chains an Phonetic Realization of Chain Links. In S.D. Epstein and N. Hornstine: *Working Minimalism*, 217-249. MIT Press, Cambridge Mass.
- PAYNE, John (1985). Complex phrases and complex sentences. In *Language Typology and Syntactic Description*, vol. II: *Complex Constructions*, ed. by Timothy Shopen, 3-41. Cambridge University Press.
- PAYNE, Doris (1986). Noun classification in Yagua. In Collete Craig (ed.), 113-131. *Noun classes and categorization*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- PERLMUTTER, David & POSTAL, P. (1974). Relational Grammar. *Lectures ate the Linguistic Institute of the Linguistic Society of America*. University of Massachusetts, Amherst.

- POPJES, J. & POPJES, J. (1986). 'Canela-Krahô. In DERBYSHIRE, D. & PULLUM, G. (eds.). *Handbook of Amazonian languages*, vol I. Berlin: Mouton de Gruyter.
- RODRIGUES, Aryon. D. (1981). Estrutura do Tupinanbá (manuscrito).
- RODRIGUES, Aryon. D. (1986). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo. Edições Loyola.
- RODRIGUES, Aryon. D. (1990). 'Gê-Pano-Carib' x 'Jê-Tupi-Karib': sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica (manuscrito).
- RODRIGUES, Aryon. D. (1997). Nominal classification in Karirí. *Opción*, Ano 13, no. 22
- RODRIGUES, Aryon. D. (1999). Macro-Jê. In Dixon, R.M.W & Aikenvald, A. Y. *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RODRIGUES Aryon. & DOURADO, Luciana 1993. Panará: identificação linguística dos Kren-akarore com os Cayapó do Sul. *Anais da 45ª Reunião Anual da SBPC*, p. 505. Recife.1990.
- ROSCH, Eleanor 1973. Natural Categories. *Cognitive Psychology*, 4:328-50.
- ROSCH, Eleanor 1978. Principles of Categorization. In E. Rosch & B. Lloyd (ed.). *Cognition and Categorization*, 27-48. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates.
- ROSEN, Sara.Thomas (1989).Two types of noun incorporation: a lexical analysis. *Language*, 65.2:294-317.
- ROSS, J. R. 1967. Constraints on variables in syntax. Doctoral dissertation, MIT.
- SADOCK, Jerrold M. (1980). Noun incorporation in Greenlandic: a case of syntatic word formation. *Language* 56.300-19
- SANTOS, Ludoviko (1997). Descrição da morfossintaxe da língua Suyá/kisêdjê (Jê). Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- SAPIR, Edward 1911. The Problem of Noun-Incorporation in American Languages. *American Anthropologist* 13: 250-83.
- SCHWARTZMAN, Stephan (1987). The Panara of the Xingu National Park: the transformation of a society. Ph.D. Thesis. University of Chicago.
- SEKI, Lucy (1990). Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, ed. by Doris L. Payne, 367-92. Austin. University of Texas.

- SEITER, William (1979). Instrumental Advancement in Niuean. *Linguistic Inquiry*: 4, 595-621
- SHOPEN, Timothy (ed.) (1985). *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge University Press, 3 volumes.
- SOUZA, S. M. (1989). O sistema de referência pessoal da língua Krahô. Tese de mestrado. Universidade Federal de Goiás.
- STOUT, M & THOMPSON, R. (1989). Fonêmica Txukahamëi (Kayapó). *Série Lingüística* 3, Brasília: SIL.
- TAYLOR, John (1989). *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Clarendon Press. Oxford.
- UNGERER, F. & SCHMID, G. J. (1996). *An Introduction to Cognitive Linguistics*. Forgan.
- URBAN, Greg (1985). Ergativity and Accusativity in Shokleng (Jê). *IJAL*, vol. 51.2:16487
- ZWICKY, Arnold (1985). Clitics and Particles. *Language* 61:283-305.
- WIESEMANN, Ursula (1986). The pronoun systems of some Jê and Macro-Jê languages. In WIESEMANN, Ursula (ed) *Pronominal systems*. 359-80. Tübingen: Gunther Narr Verlag.
- WOODBURY, H. (1975). Onondaga Noun Incorporation: some notes on the interdependence of syntax and semantics. *IJAL*, vol 41.1-10-20.

APÊNDICE

INFORMAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA

1. Consoantes e vogais

A língua possui um sistema de vinte e seis segmentos: onze consoantes e quinze vogais. Os segmentos consonantais são quatro oclusivos surdos com pontos de articulação bilabial, alveolar, velar e glotal; dois nasais, com pontos de articulação bilabial e alveolar; dois fricativos, com pontos de articulação frontal alveolar e glotal; um flap alveolar e dois aproximantes com pontos de articulação lábio-velar e palatal. O sistema consonantal, com seus respectivos alofones, pode ser assim representado:

(1)	/p/	[b]	/t/	[d]	/k/	[g]	/?/	[ʔ]	
		[mb]		[nt]		[k ^h]			
		[p]		[t]		[ŋk]			
						[kʷ]			
						[k]			
				/s/		[s]	/h/	[h]	
			[ts]						
			[ts]						
			[ns]						
			[s]						
	/m/	[m]	/n/	[ñ]					
				[ɲ]					
				[r]					
				[ŋ]					
				[n]					
	/w/	[u]	/r/	[r]	/y/	[i]			
		[u]				[ĩ]			
		[w]				[ñ]			

Em Panará, a nasalidade é contrastiva para as vogais. No entanto, comparado às vogais orais, o sistema de vogais nasais é reduzido. Das quinze vogais da língua Panará,

nove são orais e seis são nasais. As duas séries contrastam, articulatoriamente, na posição da língua: [$\pm$ posterior]; as posteriores contrastam em arredondamento: [$\pm$ arredondado]. A série oral contrasta em três alturas e a série nasal contrasta em duas alturas. Observa-se por vezes uma duração longa na realização das vogais. No entanto, trata-se de uma duração mais fonética do que fonológica, uma vez que esses segmentos falham em encontrar no sistema uma oposição paradigmática com segmentos homorgânicos breves. Temos os seguintes quadros das vogais em Panará, com seus respectivos alofones:

(2) Vogais orais:

/i/ [i] [ĩ]	/ɨ/ [ɨ] [ɨ̃]	/u/ [u] [ũ]
/e/ [e]	/ə/ [ə]	/o/ [o]
/ɛ/ [æ] [ɛ]	/a/ [ɒ] [ʌ] [a]	/ɔ/ [ɒ] [ɔ]

(3) Vogais nasais:

/ĩ/ [ĩ] [ĩ̃]	/ɨ̃/ [ɨ̃] [ɨ̃̃]	/ũ̃/ [ũ̃] [ũ̃̃]
/ẽ̃/ [ẽ̃] [ẽ̃̃]	/ã̃/ [ã̃] [ã̃̃]	/õ̃/ [õ̃] [õ̃̃]

As vogais em sílaba pretônica não sofrem redução. No entanto, em posição átona final o quadro das vogais fica reduzido a oito vogais: cinco orais /i/ /ɨ/ /ə/ /a/ /u/ e três nasais /ĩ/ /ã/ /ũ/.

(4)	tɛ'tɛti 'verde'	'sũ̃	'pássaro'
	'yɔwpi 'onça'	mara'pyirã	'eles poucos'
	'kuə 'pegar'	'kũ̃̃	'nevoeiro'
	'kipa 'terra'		
	'puu 'roça'		

Os segmentos /i/ e /u/ [+silábico] e /y/ e /w/ [-silábico] diferem em termos de sua posição nuclear e não-nuclear na estrutura silábica, respectivamente.

Os segmentos /y/ e /w/, colocados aqui no quadro das consoantes face a sua posição usual em margem de sílaba, podem, todavia, ocorrer em seqüências em que precedem uma vogal, alternativamente, como onset ou como núcleo, resultando em ditongo crescente em variação com hiato. Em ambos os casos o padrão acentual não se altera, na medida em que permanece na sílaba final (5). Os segmentos /i/ e /u/ seguidos de vogais ocorrem também em outros itens lexicais consistentemente como hiato (6):

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| (5) i.'kyã ~ i'ki.'ã 'cabeça' | (6) 'pi.ə 'grande' pi.u'ti 'jenipapo' |
| pa.'kwa ~ pa.ku.'a 'banana' | su.'a 'dente' si.ki.'a 'mão' |
| wə.'ro ~ u.ə.'ro 'papagaio' | su.'ə.ri 'banho' tu.aʔ.'tũ 'velha' |
| yo.ri.'ti ~ i.o.ri.'ti 'caititu' | 'ku.i 'mandioca wã.tu.'i 'bebê' |

Já nas seqüências em que /y/ e /w/ seguem a vogal, estes se realizam sempre como coda silábica, isto é, formam com a vogal um ditongo decrescente (7). Em contextos em que /y/ e /w/ ocorrem entre vogais, estes se posicionam sempre em onset silábico (8).

- | | |
|-------------------------------|--------------------|
| (7) tɔw.'kri.ti 'macaco preto | (8) pɛ'yə 'jatobá' |
| səy.'kɔw 'fumaça' | kə.'yə 'arco' |
| sɔw.'si 'semente' | ã.'ʔã.ya 'gaivota' |

Os glides vocálicos /y/ e /w/ e os laríngeos /ʔ/ e /h/ se caracterizam como uma classe de sons, por serem, quase exclusivamente, os únicos segmentos admitidos em posição de coda¹, sendo a única exceção a nasal alveolar /n/ [n] e [ŋ]. Todas as consoantes podem ocupar a posição de onset e qualquer vogal a posição de núcleo.

¹ O glide fricativo glotal ocorre em posição de coda como epêntese. A oclusiva glotal ocorre somente em sílaba medial.

2. Alofonia consonantal

A distribuição alofônica da maioria das consoantes em Panará não apresenta complexidades, excetuando-se alguns segmentos cuja natureza da alofonia merece algumas considerações:

(i) Os segmentos [-soantes] em onset se superficializam com um contorno nasal homorgânico quando precedidos de [+nasal], em variação livre com sua contraparte simples. A obstruente [+contínua] pode apresentar o segmento de contorno homorgânico [-contínuo] também em posição de onset silábico, em contextos em que se encontra adjacente à vogal [+alta, -posterior, -nasal] e em variação livre com o segmento simples.

(10) ĩmpĩ ~ ĩpĩ	‘homem’	saɒmpĩ ~ saɒpĩ
uãntui ~ uãtui	‘recém nascido’	pĩtiŋsi ~ pĩtiŋsi
pẽŋkə ~ pekə	‘vestido’	itsi ~ isi ‘nome’
nãnsi ~ nãsi	‘maribondo’	tsikia ~ sikia ‘mão’

(ii) A determinação da alofonia do fonema /n/, que inclui entre as suas realizações o alofone [r], o qual também é um fonema na língua. Não há como considerá-los como realizações de um mesmo fonema, pois configura-se no sistema consonantal do Panará:

a) uma oposição entre os dois segmentos, como no par mínimo em:

(11) rō ‘jazer’ nō ‘NEGAÇÃO’

b) a realização sistemática de /r/ e /n/ em itens monomorfêmicos e bimorfêmicos, independentemente do contexto fonológico.

(12)	sare	‘raiz’	nayowti	‘estreito’
	sarẽ	‘contar’	i+nã	‘INDF+gordo’

c) a realização sistemática de /n/ [ŋ] depois de vogal oral, em posição de coda:

(13)	pitiŋsi	pi.tiŋ.si	‘muito’
	saanpi	sa.aŋ.pi	‘rabo’
	ĩkitiŋ	ĩ.ki.tiŋ	‘pouco’
	kaŋ	kaŋ	‘cesta’

d) a realização sistemática /ɾ/, como segundo elemento de onset complexo:

(14)	ku.kɾɐ	‘casa’
	ĩ.pɾẽ	‘velho’

e) a ocorrência de um ou do outro segmento no mesmo item lexical em junção externa sinalizando a delimitação de uma fronteira prosódica: quando a junção se encontra dentro do domínio de uma palavra fonológica realiza-se como /ɾ/, quando fora desse domínio como /n/:

(15)	pẽ nõ	[pẽ'rõ]	‘mudo’	ĩto nõ	[ĩ'tɔ]	[nõ]	‘cego’
	ka nãpiə	[karã'piə]	‘tua mãe’	kamera nãpiə	[kame'ra]	[nã'piə]	‘nossa mãe’
	tõ nãsuti	[tõrãsu'ti]	‘outra estrela’	pãpã nãsuti	[pã'pã]	[nãsu'ti]	‘muitas estrelas’

f) a realização alternativa de [n] ou [ɲ] ou [ɲ̃], em posição medial de palavra, contíguo a vogal nasal:

(16)	panãra	parãra	pañãra	‘panará’
	kiëni	kiëri	kiëñi	‘furado’

g) a alternância de [n] com [ɲ] em alguns vocábulos, aparentemente sem qualquer condicionamento fonológico:

- (17) nãsepi Iãsepi ‘morcego’

Verifica-se, pois, que existe debordamento (*overlapping*) entre membros de fonemas diferentes. Este fenômeno também se verifica com relação à alфонia das vogais. Como se pode verificar em (2) e (3), há debordamento envolvendo as vogais /a/ e /ɔ/; /ã/ e /ɔ/, podendo ambos os pares de segmentos se realizarem como [ɒ] e [õ], respectivamente. Ocorre também debordamento também com as vogais /ə/ e /a/, podendo ambas ser realizadas como [ʌ].

3. Apagamento vocálico e redução silábica

No Panará, sílabas finais não-acentuadas ocorrem opcionalmente com enurdecimento e enfraquecimento na articulação de seus constituintes.

- (18) kre' tōmə ~ kre'tōMə ‘nome de homem’
 paku'a me ~ paku'a Me ‘banana ASSOCIATIVO’
 kow'tita ~ kow'tiɖA ‘galinha’
 tɔ'tɔka ~ tɔ'tɔgA ‘espécie de macaco’

As palavras dissilábicas com segmentos vocálicos homorgânicos heterossilábicos podem apresentar alternativamente uma articulação monossilábica, com a realização apenas da primeira sílaba. No caso de sílaba final com segmento nasal em posição de coda, este traço é assimilado pela vogal da sílaba sobrevivente, antes do apagamentos daquela.

- (19) pu.u ~ pu ‘roça’
 kũ.ũ ~ ku ‘nevoeiro’
 si.in ~ si ‘sentar-se’
 sa.an ~ sã ‘ficar de pé’

Em junctura externa, pode ocorrer a haplologia da sílaba final não acentuada diante de sílaba com consoante homorgância:

- (20) 'tɛpi 'pā → tɛ 'pā 'peixe pequeno'
 'yɔwpi 'pa 'kōri → yɔw 'pa 'kōri 'a onça está bebendo'

Em junctura externa ocorre o apagamento das vogais não acentuada /i/ , /i/ e /a/ em sílaba final não acentuada (ou clíticos) à esquerda ou em sílaba inicial da palavra à direita. A preferência é pelas vogais com o traço [+alto] quando co-ocorrem com a vogal [+baixa]. Se umas dessas vogais for nasal, a sua nasalidade é assimilada pela vogal sobrevivente. Se a sílaba à direita tem /h/ em onset, este também é apagado.

- (21) su'əri a'he → su'ər a'he 'banho FIN'
 'kɪpa a'mã → 'kɪp a'mã 'no chão'
 ka i'si → ka 'si 'teu nome'
 ka ɪ'pari → kã 'pari 'você ouve'
 yu ɪ'kieti → yũ 'kieti 'PI muitos'
 ra=ɪ'kuə → rã='kuə 'chorei'
 nã'sepi hɔ 'titi → nã'sep ɔ 'titi 'o morcego queimou'
 pi=hɔ='kɪni → p=ɔ='kɪni 'melhorar'

Fenômeno de apagamento vocálico também ocorre em junctura interna , quando uma classe de palavras recebe o sufixo derivacional coletivo **-ara** (cf. item 2.1, capítulo 2):

- a) sílaba sem onset em final de palavra é apagada quando o sufixo é anexado.

- (22) wātui wātui+ara → wātuara 'recém-nascido-COL'

piātui	piātui+ara	→	piātuara	‘moça-COL’
īkiey	īkiey+ara	→	īkiara	‘mulher-COL’
suākia	suākia+ara	→	suākiara	‘ancestral-COL’

Confronte-se com:

(23)	pri	pri+ara	→	priara	‘criança-COL’
	toputũ	toputũ+ara	→	toputũara	‘velho-COL’

- b) vogal [+baixa] núcleo de sílaba com onset em final de palavra provoca a queda da vogal inicial do sufixo anexado.

kipa	kipa+ara	→	kipara	‘terra-COL’
kukrɛ	kukrɛ+ara	→	kukrɛra	‘casa-COL’